

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional



3 A fase da
juventude
Cleusa Sakamoto

9 Sínodo da
Juventude:
oportunidade de
ver, ouvir e sair
Vilsom Basso

19 As juventudes
querem vida
Tânia da Silva Mayer

29 O acompanhamento
espiritual à luz do
encontro de Jesus
com a samaritana
Márcia Helena Rodrigues
Paroli

37 Dom Helder
Camara e as
juventudes
Ivanir Antonio Rampon

41 Roteiros
homiléticos
Johan Konings

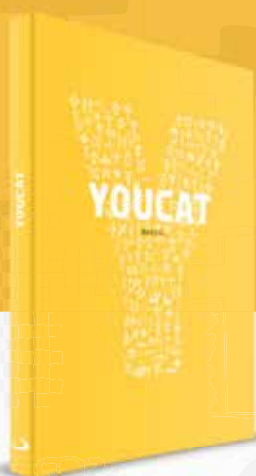
COLEÇÃO YOUCAT

CATECISMO JOVEM DA IGREJA CATÓLICA



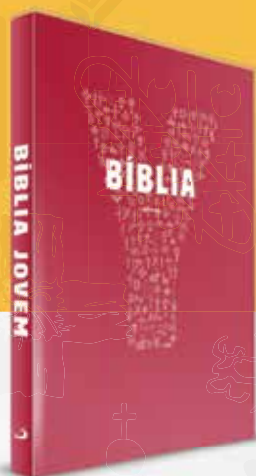
DOCAT

O *DOCAT* é a tradução popular da Doutrina Social da Igreja feita especialmente para os jovens! Este volume é um presente e um apelo do Papa Francisco a todos os que estão dispostos a aliar o entusiasmo da juventude à fé inabalável em Cristo.



YOUCAT

O *YOUCAT* (abreviação de *Youth Catechism*) é o livro ideal para quem acredita que a fé na Palavra de Deus é, sim, coisa de gente jovem! Em formato de perguntas e respostas, a obra é a primeira a falar sobre a mensagem e a doutrina da Igreja numa língua que é a cara da nossa juventude: moderna, direta e divertida.



Bíblia Jovem

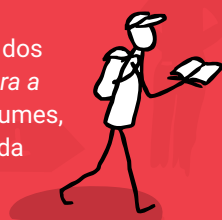
A Bíblia não é um livro qualquer. Com a Palavra de Deus, a luz veio ao mundo e nunca mais se apagou! Na *Bíblia Jovem*, você vai encontrar textos selecionados da Sagrada Escritura, comentários a alguns desses textos, frases de santos, fotos, perguntas dos jovens e muito mais!



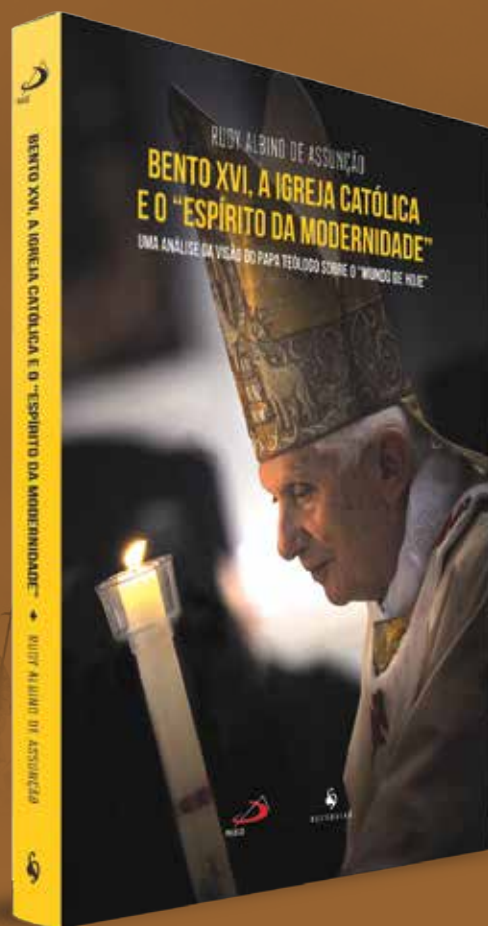
YOUCAT

Preparação para a Crisma

Agora em versão adaptada para a realidade dos jovens brasileiros, o *YOUCAT: Preparação para a Crisma* foi elaborado para guiar, em dois volumes, catequista e catequizando até o grande dia da Confirmação. Confira a novidade!



AFINAL, QUEM É E O QUE PENSA **BENTO XVI** SOBRE O MUNDO DE HOJE?



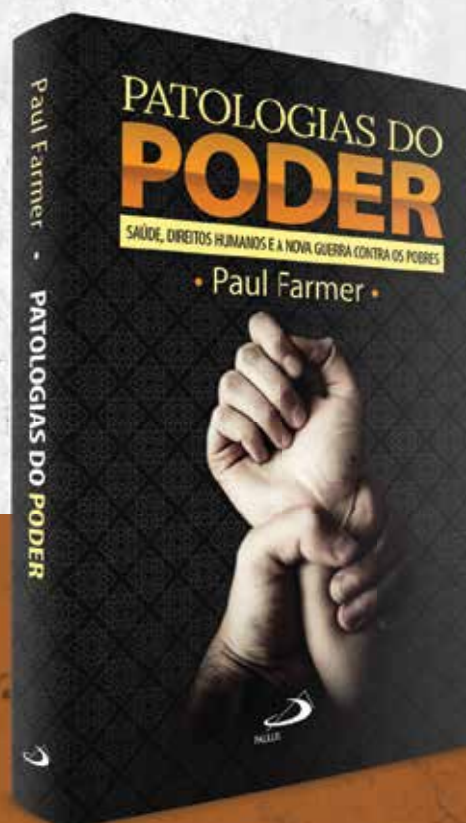
BENTO XVI, A IGREJA CATÓLICA E O “ESPÍRITO DA MODERNIDADE”

UMA ANÁLISE DA VISÃO DO PAPA TEÓLOGO SOBRE O “MUNDO DE HOJE”

RUDY ALBINO DE ASSUNÇÃO

Qual é a relação entre a Igreja e a modernidade? O que mudou depois do Concílio Vaticano II? Bento XVI foi um papa antimoderno ou moderno, afinal de contas? As respostas para essas perguntas você encontra no novo lançamento da PAULUS, *Bento XVI, a Igreja Católica e o “espírito da modernidade”*. Um estudo abrangente sobre o papa emérito, que nos revela seu pensamento, suas ações sobre a Igreja e sua visão do mundo de hoje.

Dois estudos fundamentais para compreender os ataques à dignidade humana no nosso tempo.



Patologias do poder

Saúde, direitos humanos e a nova guerra contra os pobres

Paul Farmer

Este livro é o esforço de um médico antropólogo para revelar caminhos nos quais o direito mais básico – o de sobreviver – é atropelado em uma era de grande riqueza, provando que esse assunto deve ser considerado o mais urgente dos nossos tempos. O drama e a tragédia dos doentes desamparados preocupam não apenas os médicos e estudiosos que trabalham entre os pobres, mas todos os que professam algum interesse pelos direitos humanos.



Origem do sofrimento do pobre

Teologia e antiteologia no livro de Jó

Luiz Alexandre Solano Rossi

A humanidade, atualmente, vive uma de suas maiores crises: o aumento da polarização entre ricos e pobres. Nesta obra, Luiz Alexandre Solano Rossi se debruça sobre o problema, interligando o livro de Jó e a análise do sistema econômico vigente, que produz injustiça, miséria e desigualdade social.

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

O papa Francisco, perguntado no livro *Deus é jovem* sobre o que seria a juventude, assim responde: “A juventude não existe. Quando falamos de juventude, muitas vezes nos referimos inconscientemente ao mito da juventude. Porém, gosto de pensar que a juventude não existe e quem existe em seu lugar são os jovens”. O papa retira de cena aquilo que é discurso genérico e, como é próprio dele, toca a vida na sua dimensão mais concreta – nesse caso, a vida dos jovens.

É certo que os jovens, em todo tempo e lugar, geralmente são as principais vítimas, quando não os maiores culpados por tudo o que é desordem. Não é raro ouvir dos adultos a frase: “Estes jovens de hoje...”, como se eles também não tivessem sido jovens um dia e se comportado exatamente segundo o espírito próprio dessa fase, caracteriza a por ousadia, sonhos, alegria.

A alegria, aliás, tem sido o mote do pontificado de Francisco. Em sua primeira exortação, fez da alegria o ponto de partida do seu ministério: “A alegria do evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG 1). Além disso, no início da exortação pós-sinodal sobre o amor na família, retoma o termo: “A alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja” (AL 1). A expressão do papa sinaliza para a alegria como o combustível que nos impulsiona no caminho da vida. A alegria, portanto, é o estado de estar vivo, de estar repleto do Espírito, de olhar para a vida com esperança.

Na homilia do domingo de Ramos deste ano, dirigindo-se aos jovens por ocasião da preparação do Sínodo dos Bispos a ser realizado em outubro próximo, com o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, de novo Francisco fala da alegria: “Queridos jovens, a alegria que Jesus sus-

cita em vocês é, para alguns, motivo de aborrecimento e irritação, porque um jovem alegre é difícil de manipular”. O papa chama a atenção dos jovens para não se deixarem enganar, tampouco permitirem que se emudeçam seus sonhos. “Calar os jovens é uma tentação que sempre existiu [...]”. Há muitas maneiras de tornar os jovens silenciosos e invisíveis. Há muitas maneiras de os anestesiarem e adormecer para que não façam ‘barulho’, para que não se interroguem nem ponham em discussão. Há muitas maneiras de os fazer estar tranquilos, para que não se envolvam, e os seus sonhos percam a altura, tornando-se fantasias rasteiras, mesquinha, triste”. O papa tem consciência de que a comunidade cristã é chamada a ser jovem e de que o presente e o futuro da missão evangelizadora estão nas mãos e na voz dos jovens.

Em um mundo marcado pela idolatria do consumo, os jovens são sempre os mais visados. Paradoxalmente, são também deixados à margem, uma vez que lhes incute a ideia de felicidade fácil, lhes tira a oportunidade de inserção no mundo do trabalho. No Brasil, por exemplo, sabe-se que é grande o número de jovens que nem trabalham nem estudam. Contudo, os que governam pouco incentivam políticas públicas de fomento e promoção da juventude.

Nesta edição de *Vida Pastoral*, queremos fazer ressoar nas comunidades o desejo sempre renovado da Igreja: viver e anunciar a alegria do evangelho. Em sintonia com o Sínodo dos Bispos dedicado à juventude, cada comunidade esteja atenta e aberta a ouvir e acolher os anseios dos jovens. O papa tem insistido na atitude e na capacidade que os cristãos devem cultivar, que é ouvir. Os frutos do sínodo serão férteis se nascidos dos desejos expressos e reais dos jovens.

Boa leitura e feliz missão!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Jornalista Responsável Valdir José de Castro, ssp
Editor Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Conselho editorial Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Claudio Avelino dos Santos, ssp
Darcy Luiz Marin, ssp
Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Ilustrações Elinaldo Meira
Editoração Fernando Tangi
Revisão Alexandre Soares Santana
e Cícera Gabriela Sousa Martins

Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica. Área: Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus.
A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
Fax: (11) 3789-4011

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:
Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELEM – PA
Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



A fase da juventude

Cleusa Sakamoto*

O artigo apresenta algumas definições dadas ao período da juventude, que a caracterizam como fase singular do ciclo vital humano, em que o indivíduo pode contemplar o futuro com a capacidade de refletir sobre suas escolhas, e pode perceber que é um importante agente de transformação social.

*Cleusa Sakamoto é psicóloga formada pela Universidade de São Paulo, com mestrado e doutorado pela USP. Professora universitária, leciona atualmente na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – Fapcom – e é autora de inúmeros artigos e capítulos de livros. *E-mail:* cleusa.sakamoto@geniocriador.com.br

Ideias preliminares

A juventude é uma fase do ciclo vital humano caracterizada por elevada vitalidade, associada a muitos planos pessoais e desejos. É, portanto, permeada de experimentações múltiplas e busca de definições, motivadas por uma vontade urgente de encontrar respostas a perguntas que emergem da experiência de viver e ser jovem.

Jovens de nossa realidade social globalizada e tecnológica são indivíduos situados na extensa faixa etária entre 12 e 32 anos, a qual começa na puberdade, marco biológico que deixa a infância no passado, e se estende até o primeiro período da fase adulta, quando se consolidam os valores pessoais e os princí-



pios éticos e muitas escolhas existenciais são definidas, como profissão, ocupação profissional e laços afetivos.

Graças às mudanças na expectativa de vida dos seres humanos e em seus hábitos e costumes, a juventude atual tem um período de duração maior em comparação com o século passado, quando se restringia a uma fase de dez anos. No Brasil, com a expectativa média de 70 anos de vida, a juventude passou a representar cerca de uma terça parte da existência dos brasileiros. Esses parâmetros numéricos sobre a expectativa de vida e a duração da fase de juventude representam grande contraste no cenário da história humana, visto que nosso ancestral, o homem de Neandertal, extinto há cerca de 40 mil anos, vivia em sua maioria pouco mais de 30 anos, ou seja, quase que o equivalente à duração da fase da infância e juventude juntas hoje.

Em seu *Relatório mundial de envelhecimento e saúde* (2015), a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que uma pessoa nascida no Brasil atualmente poderá viver 20 anos mais do que outra nascida há 50 anos. Isso quer dizer que hoje vivemos mais que no passado e viveremos mais ainda daqui para a frente. O progressivo maior tempo de vida resultará então, num futuro próximo, na diminuição da extensão da fase da juventude em relação ao conjunto da existência, o que provavelmente influenciará a construção de novas funções sociais atribuídas ao jovem no ciclo vital humano. No século passado, quando juventude era o mesmo que adolescência, o jovem era aquele que exercia um papel de renovação da ordem social em virtude de sua postura questionadora no campo das ideias.

Em nossos dias, o jovem ainda exerce importante função social, mas sua influência so-

bre o plano das relações sociais é de outra ordem, porque a postura de agente crítico e mobilizador de amplas mudanças cedeu lugar ao papel de reprodutor de comportamentos cotidianos e de protagonista nas decisões de consumo da família. Sendo assim, ainda influi na dinâmica comportamental da sociedade, mas seu papel está, cada vez mais, relacionado aos hábitos individualizados, produzidos em mas-

sa, e, cada vez menos, relacionado a novas formas de pensar, à condição de porta-voz de demandas existenciais, na busca de melhorias da coletividade.

1. Os jovens e a adolescência

No século passado, a juventude estava circunscrita à etapa conhecida como “adolescência”, que se caracterizava como um período etário de menor duração que o atual e representava uma fase preparatória para o início de um tempo de maior autonomia pessoal e responsabilidade social, marcado pela entrada na vida adulta.

“Adolescência” é um vocábulo de origem latina que pode ser dissociado em *ad*, que quer dizer “para”, e *olescere*, que significa “crescer”. Isto é, ela pode ser definida como a fase do “crescer para” ser adulto, um estágio intermediário entre a puberdade e a vida adulta. Assim sendo, a adolescência é, conceitualmente, um período prévio à fase adulta e conhecida como etapa de “moratória”, ou seja, de espera e preparação para o ingresso na vida adulta, entendida como estágio em que há participação produtiva do indivíduo no contexto social.

O estado transitório da adolescência também significa um estado crítico ou de mudanças do ponto de vista emocional que apresenta experiências de luto por perdas vividas na infância (perda da dependência infantil, perda do corpo de criança, perda da ampla proteção

“Jovens de nossa realidade social globalizada e tecnológica são indivíduos situados na extensa faixa etária entre 12 e 32 anos.”



dos pais etc.) e suscita questionamentos ideológicos no campo das trocas sociais (ABERASTURY, KNOBEL, 1981; OSORIO, 1992).

A adolescência é um fenômeno psicossocial que não é universal, já que nem todas as culturas humanas estabelecem a existência desse período vital. Apresenta-se em cenários culturais que identificam e valorizam o período transitório entre ser criança e ser adulto. Quando ela é presente, há a expectativa de que em seu cerne se instale a consolidação de busca de uma identidade, na medida em que o adolescente depara com decisões que deve tomar sobre o futuro de sua vida (ERIKSON, 1987).

Segundo os psicanalistas argentinos Arminda Aberastury e Maurício Knobel, na obra *Adolescência normal*, publicada no Brasil em 1981, nesse período de desenvolvimento psicológico tem lugar a “síndrome da adolescência normal”, um estado psíquico alterado, diverso do habitual, constituído por um conjunto de sintomas que expressam uma condição de transtorno emocional, o qual, porém, é esperado e, portanto, adequado à experiência de adolecer. Os autores descrevem dez sintomas típicos dessa síndrome, são eles: 1) busca da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas (do ateísmo ao misticismo fervoroso); 5) deslocamento temporal e ênfase no pensamento não lógico; 6) evolução sexual; 7) atitude social marcadamente participativa ou omissa; 8) contradições presentes nas ações pessoais; 9) progressivo afastamento dos pais; 10) instabilidade no humor e estados de ânimo.

Do ponto de vista do desenvolvimento da inteligência, a adolescência é também um período que introduz mudanças evolutivas diferenciadas, com a ampliação de capacidades. Os adolescentes apresentam maior autonomia ante o cenário da existência, uma vez que, segundo Piaget (citado por PAPALIA; OLDS, 2000), após a puberdade se iniciam os processos cognitivos responsáveis pelo en-

A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental

**Tomo III – O florescimento da mística:
homens e mulheres da nova mística
(1200 – 1350)**

Bernard McGinn



523 págs.

O livro documenta o diálogo entre homens e mulheres que possibilitou a riqueza da mística nos séculos XIII e XIV. Nunca antes tinha sido explorado com tanta profundidade o significado teológico e espiritual dessa era sem precedentes. Neste volume, são apresentados autores místicos da grandeza de Francisco, Clara de Assis, as místicas beguinas, as místicas cistercienses e as dominicanas, entre outros.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



tendimento de conceitos puramente abstratos e de raciocínio dedutivo.

A capacidade intelectual de pensar abstratamente – uma aquisição característica desse período do desenvolvimento humano – confere ao indivíduo uma expansão importantíssima do pensamento, porque lhe possibilita conhecer o mundo por meio de teorias e conceitos, dispensando a experiência concreta como condição para o entendimento da lógica das ações e interações.

A capacidade de reflexão, de utilizar o pensamento abstrato para operar o entendimento de fatos por meio de hipóteses, faculta ao jovem uma ampliação de seus poderes intelectuais, o que dá lugar à compreensão de conceitos como justiça, democracia, equidade, solidariedade, morte, futuro, esperança etc. Essas ideias abstratas traduzem uma dimensão da realidade que exige entendimento complexo e dá suporte à compreensão de preceitos da convivência social e da edificação de valores humanos.

2. Os jovens e o século XXI

Nos dias atuais, costumamos utilizar recortes na definição de jovem, baseados no cotidiano tecnológico característico do mundo humano presente. Identificados como geração Y e geração Z, respectivamente, os jovens de idade entre 21 e 35 anos e entre 12 e 20 anos, os quais apresentam modos de ser e fazer da era cibernética, isto é, comportamentos ágeis e instáveis, sentimentos de insatisfação e humor irritável com tendência ao individualismo.

Os jovens das gerações Y e Z, denominados nativos digitais, são indivíduos nascidos na sociedade tecnológica da realidade globalizada, que utiliza uma comunicação em rede conectada em tempo real; isto é, constituem um grupo geracional que

denota o reflexo de uma sociedade modificada pela cibercultura. São, portanto, pessoas que demonstram uma atitude inquieta e insaciável, sempre em busca de mais e mais novidades, e muitas vezes dispensam um olhar introspectivo que examine os próprios propósitos existenciais e a consciência da individualidade (que não é o mesmo que individualismo).

A natural vitalidade e a ansiedade para encontrar respostas, somadas à velocidade de trocas no âmbito das relações sociais, esculpem na juventude de nossos dias uma tendência à aceitação ou rejeição imediata de ideias no cotidiano, reverberando o modelo de vida consumista. De modo fugaz, uma ideia

que hoje ganha repercussão social amanhã já é esquecida, e o processo de existir vai se esvaziando de sentido, fato que pode explicar a ocorrência frequente de muitos jovens com problemas afetivos e adoecidos psicicamente, acometidos de depressão, síndrome de ansiedade, síndrome do pânico e outras psicopatologias contemporâneas.

Ao buscar fora de si mesmo aquilo que dá sentido ao próprio viver, o jovem se tornou refém de uma condição de alienação que o afasta das respostas genuínas sobre o que significa, para si, existir e viver. Ludibriados pela sociedade de consumo, que os procura persuadir de que adquirir bens de consumo lhes garante um lugar na sociedade e lhes confere maior importância sobre os demais, muitas vezes os jovens não reconhecem a existência de uma pergunta fundamental, cuja resposta não se encontra em prateleiras para ser comprada: o que almejam conquistar para si que possui valor existencial na trajetória de sua vida?

Responder a essa pergunta não depende de uma intelectualidade diferenciada nem de irrestrita bagagem de informações;

“O estado transitório da adolescência também significa um estado crítico ou de mudanças do ponto de vista emocional.”



antes, exige que se reconheça o que importa de fato para cada um, diante do “milagre” que é a vida.

A impulsividade do jovem – também é interessante mencionar – pode potencializar o seu desamparo diante do desafio de fazer reflexões e escolhas, pois pensar a própria existência requer intimidade, e intimidade verdadeira é incompatível com processos instantâneos, superficiais. Há que se alongar na busca de respostas a questões que envolvem o ser e o viver, do ponto de vista das próprias bases existenciais; muitas vezes, é necessário esperar que as ideias sejam formuladas e reformuladas no âmago da interioridade, para dar forma ao que é necessário entender e ao que se deseja escolher.

Decisões sobre *para que* e *como* viver, que se encontram atreladas ao desejo de ser feliz, envolvem sondar as mais profundas aspirações humanas e não se limitam à análise da vida cotidiana. Para ser feliz, é necessário saber de si!

O jovem do século XXI que almeja ser feliz – o que não equivale a ter posse de prodigiosas invenções de consumo que o fascinam – deve fazer uma pausa para perceber a sua realidade e tentar distinguir a real utilidade de tudo que possui à sua disposição. Deve se perguntar se está no comando de sua vida ou se está sendo conduzido por modismos e falsas filosofias acerca do que consistem o existir humano e o bem viver. Então, poderá resgatar o fio da meada de seus objetivos pessoais diante da maior aventura humana: a existência.

A juventude é um período dadivoso para todo aquele que deseja algo para si perante seu existir. Nesse período, cabem todos os sonhos e milhares de experimentações, incluindo enganos tolos, e são perdoados erros dolorosos, às vezes cometidos por uma ingênua vivência juvenil. A juventude deve ter a esperança como uma espécie de anjo guardião, na medida em que ela representa a fé no futuro, o qual não tem limites concretos.

Reflexões finais

A pirâmide da estratificação etária da população mundial está se invertendo. No século XX, as crianças eram o maior contingente populacional do planeta e os idosos, o menor. Atualmente há uma acentuada diminuição de nascimentos, o que, ao lado da crescente longevidade, introduziu o fenômeno de mudança na idade geral da população em todo o mundo.

Em 35 anos, haverá uma inversão na estruturação etária vigente no Brasil, que se tornará uma nação idosa (PENA, 2016), à semelhança do que já ocorre há tempos em muitos países europeus. Nesse eixo evolutivo de mudanças, os jovens também serão um grupo minoritário que deverá herdar uma preocupação fundamental com o cuidado com o planeta e a sobrevivência da espécie humana.

Ao lado dos adultos mais velhos, que serão em maior número, os jovens, nessa projeção de futuro, provavelmente enfrentarão desafios sobre as melhores decisões coletivas a serem tomadas. O planeta, se preservado, com suas amplas dimensões territoriais, abrigará um menor número de pessoas, que compartilharão uma sociedade global marcada por uma constelação social, cultural, política e econômica efetivamente internacionalizada e por novas bases estruturais, ainda difíceis de imaginar.

Jovens serão sempre a renovação da espécie humana, com suas ideias, ações e seus ideais em vista da descoberta das possibilidades criativas que lhes são próprias!

Hoje, no futuro ou em qualquer tempo, a juventude é a aurora das capacidades de entendimento e de intervenção sobre o mundo, pessoal e social. Por esse motivo, a juventude é um período de experiências individuais peculiares e de consequências pessoais e grupais significativas. As nações deveriam ter programas de proteção e apoio ao desenvolvimento humano no período da juventude,



tendo em vista a vulnerabilidade – ao lado da genialidade – que encerra esse período da vida. De certa forma, a juventude é a reserva de valores humanos investidos no organismo social, a qual renderá dividendos futuros para toda a sociedade.

Trabalhar com jovens é grande responsabilidade e um privilégio, pois todos os dias há a oportunidade de haurir a energia de esperança característica do seu olhar voltado para o futuro, já que este, por definição e teoricamente, sempre é próspero.

A responsabilidade para com o jovem é oferecer-lhe um modelo coerente de ser e viver. É respeitar sua criatividade, embora seja prudente conscientizá-lo de sua demasiada impetuosidade, quando presente. Cuidar de jovens é retribuir-lhes o intenso afeto que externam e demonstrar-lhes a preocupação sobre as consequências negativas oriundas de experiências relevantes destituídas de compromisso pessoal.

Conviver com a juventude é contemplar o potencial humano de realização, mas tam-

bém perceber limites – por exemplo, não ter respostas satisfatórias de imediato para boa parte de indagações importantes. Os mais velhos podem mostrar ao jovem esta realidade em que poder e restrições são cúmplices e viver é uma experiência incomparável.

Jovens gostam de adultos, ao contrário do que costumam dizer alguns pais. Do que não gostam é de pessoas inflexíveis demais, porque estas não podem dançar, pensar e conversar com eles!

O dia em que cada jovem puder reconhecer seus limites e talentos e os adultos que com ele convivem fizerem o mesmo, haverá um encontro magnífico entre a espontaneidade e a capacidade compartilhada de aprimoramento.

A juventude significa uma estação de passagem de experiência individual durante a existência humana que cria raízes fortes para o viver de cada um. Pode transformar-se em frondosa árvore, cujos frutos alimentam também outras vidas e, no futuro, podem retratar laços genuínos e fraternos. ●

“Conviver com a juventude é contemplar o potencial humano de realização, mas também perceber limites.”

Bibliografia

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*: um enfoque psicanalítico. Tradução de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artmed, 1981.

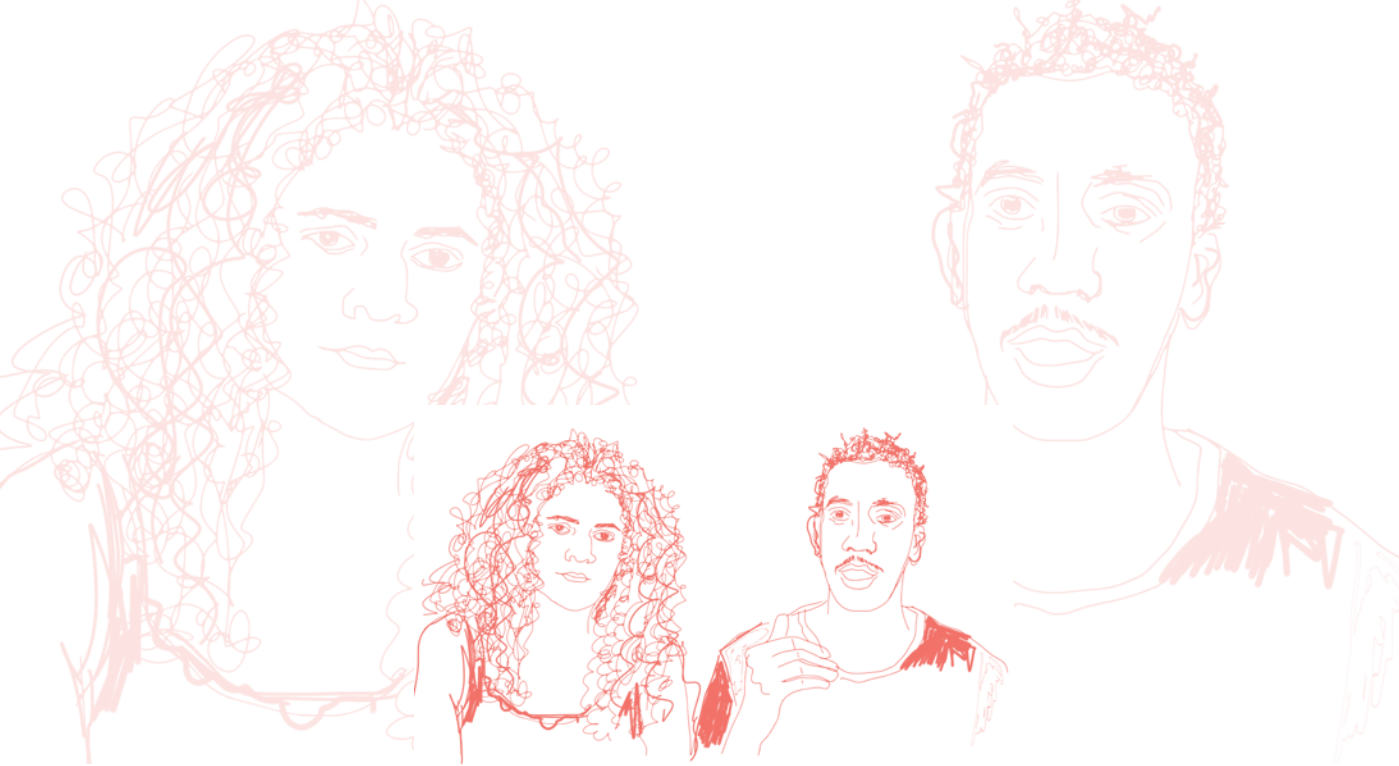
ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde – Resumo*, 2015. Disponível em: <<http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

OSORIO, L. C. *Adolescência hoje*. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. *Desenvolvimento humano*. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PENA, R. F. A. Pirâmide etária da população brasileira. *Mundo Educação*, Aparecida de Goiânia. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/piramide-etaria-populacao-brasileira.htm>>. Acesso em: 14 set. 2016.



Sínodo da Juventude: oportunidade de ver, ouvir e sair

Vilsom Basso*

O sínodo é bela oportunidade para ver e conhecer a realidade juvenil, ouvir seus clamores, dúvidas, sugestões e esperanças e, em conversão pastoral, oportunizar à juventude o “sair”, o “em saída”, para que seja sal e luz.

*Dom Vilsom Basso, scj, bispo da Diocese de Imperatriz – Maranhão. Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB.

Introdução

Em outubro de 2018, acontecerá, em Roma, o XV Sínodo Ordinário dos Bispos, convocado pelo papa Francisco, com o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”.

O sínodo é oportunidade para ver e conhecer a realidade juvenil, ouvir seus clamores, sugestões e esperanças e, em conversão pastoral, oportunizar à juventude o “sair”, o “em saída”, para que seja sal e luz.

1. Ver

Diz o papa Francisco: “Também a Igreja deseja colocar-se na escuta da vossa voz, da vossa sensibilidade, da vossa fé; até mesmo das vossas dúvidas e das vossas críticas [...]”.

Fazei ouvir o vosso grito, deixai-o ressoar nas comunidades e fazei-o chegar aos pastores”.¹

É imprescindível conhecer a realidade juvenil para podermos encontrar respostas adequadas no serviço à juventude. Numa primeira aproximação, constatamos, de acordo com o Censo (IBGE, 2010), que o número de jovens (16-29 anos) no Brasil é de 51,3 milhões, conforme segue:

Grupos de idade	Masculino	Feminino
25 a 29 anos	8.460.995	8.643.419
20 a 24 anos	8.630.229	8.614.963
15 a 19 anos	8.558.868	8.432.004

A população brasileira atual é de 206,1 milhões de pessoas (PNAD 2016 – IBGE). Segundo as estimativas, no ano de 2025, deverá atingir 228 milhões. Atualmente, ela se distribui pelas regiões da seguinte forma: Sudeste – 86,3 milhões; Nordeste – 56,9 milhões; Sul – 29,4 milhões; Norte – 17,7 milhões; Centro-Oeste – 15,6 milhões.

Os jovens representam hoje, portanto, um quarto da população do país. Do total de 51,3 milhões, 84,8% habitam nas cidades e 15,2% no campo.

Um levantamento feito pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Fundação Seade) mostra que os jovens estão adiando a entrada no mercado de trabalho. A proporção de jovens com idade entre 16 e 24 anos que só estudam pulou de 6,8%, no biênio 1986-1987, para 15,4%, no período de

2012 e 2013. Já a taxa de participação no mercado de trabalho caiu de 79,6%, em 1986, para 74,2%, em 1999, e 72,9%, em 2013. A taxa de desemprego da população de 18 a 24 anos que está entrando no mercado de trabalho foi de 24,1%, no primeiro trimestre de 2016. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012, mostram que o número de jovens de 15 a 29 anos que não estudam nem trabalham chegou a 9,6 milhões naquele ano.

É importante nos perguntarmos: qual é a realidade juvenil no regional, na diocese, na paróquia, na comunidade onde vivemos?

Como acompanhar esses jovens em seu dia a dia, em seu discernimento vocacional, em seu projeto de vida?

Para isso, é preciso ouvir os jovens, conhecer os desafios do mundo juvenil e quais as oportunidades que tais desafios possibilitam.

2. Ouvir

“O Senhor disse: ‘Eu vi, eu vi a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores

por causa de seus opressores. Sim, eu conheço os seus sofrimentos. E desci para livrá-lo da mão dos egípcios e fazê-lo subir do Egito para uma terra fértil e espaçosa, uma terra que mane leite e mel” (Ex 3,7-8).

Ao falarmos de desafios e possibilidades, transcrevemos alguns dados da síntese que a CNBB fez das respostas dos questionários enviados por dioceses do Brasil, em preparação ao Sínodo dos Bispos.

2.1. Desafios

Jovens de nosso país destacaram: ausência de referência, de modelos e líderes; crise de orientação; grande diversidade de propos-

“Também a Igreja deseja colocar-se na escuta da vossa voz, da vossa sensibilidade, da vossa fé; até mesmo das vossas dúvidas e das vossas críticas.”

¹Carta do papa Francisco aos jovens por ocasião da apresentação do documento preparatório da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. 13 jan. 2017. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20170113_lettera-giovani-doc-sinodo.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2018.

tas, vozes, estímulos, solicitações e pouco discernimento; imediatismo, consumismo e hedonismo; violência, agressividade, alienação; crescimento do fenômeno do agnosticismo e ateísmo entre os jovens; vazio e niilismo, o sentimento de descrença nas instituições e o vazio existencial, falta de uma razão para viver.

Há uma educação tecnicista, sem visão de desenvolvimento integral, com séria lacuna humana, moral e ética; no mundo das relações virtuais, a perda ou o esvaziamento do sentido das relações humanas; ruptura entre educação, formação profissional e emprego; pouca oportunidade para o trabalho; ditadura dos padrões preestabelecidos pela sociedade.

Falta de sentido para a vida, projeto e prioridades; má orientação para o uso dos meios de comunicação; consumo de drogas ilícitas; falta de perspectiva de sonhos e futuro; dificuldade em ouvir, em ter oportunidade de falar; inversão de valores e manipulação pelas ideologias; fragmentação, descontinuidade; mentalidade do “caminho mais fácil”, “jeitinho”, atalho, influxo da cultura da corrupção, dispersão psicológica, fuga das relações; demandas com intensidades diferentes: escola, saúde, cultura, esportes, lazer, emprego; diversos contextos; viver em uma cultura anticristã; pressões e tentações sexuais/pureza; crise de identidade e baixa autoestima; falta de esperança e de perspectiva de vida.

Há graves desigualdades sociais; crise econômica; dificuldade de inserção no mercado de trabalho; cultura de pouca valorização do capital humano; pobreza e falta de dignidade de vida básica para grande parte da juventude brasileira; pouca qualificação para o mercado de trabalho; falta maior investimento no desenvolvimento humano do jovem, não somente técnico; a violência e o extermínio de jovens, especialmente dos mais pobres; ausência de seriedade no processo de efetivação das políticas públicas em relação aos adolescentes e jovens.

O amante, o amado e o amor

Breves reflexões sobre o Deus de Jesus

José Lisboa Moreira de Oliveira



136 págs.

“Será um Deus cristão o Deus dos cristãos?” Partindo dessa questão, o autor aborda a identidade do Deus dos cristãos, investiga como se deu a formulação da doutrina trinitária ao longo da história do cristianismo e nos ajuda a entender o monoteísmo trinitário. Por fim, analisa a mística trinitária, uma vez que é impossível falar do Deus dos cristãos se não se vive uma intensa intimidade com ele.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



A desestruturação familiar atinge em cheio a juventude; o divórcio e as questões familiares; decisões em relação ao Estado (negócios); figura de pai ausente; falta de disciplina; pouca ou quase nenhuma participação da juventude em processos decisórios; pais ausentes e/ou superprotetores que tornam os filhos mais frágeis e tendem a subestimar os riscos ou a ser obcecados pelo medo de cometer erros; a separação dos pais e as novas configurações de família; falta de harmonia e diálogo na família; medo de frustrar os pais.

A juventude vive um clima de incerteza, de falta de clareza sobre por onde caminhar; a combinação entre a elevada complexidade do contexto social e sua rápida mudança gera uma situação de fluidez e incertezas; a presença de diversas tradições religiosas que não dialogam entre si; adultos que tendem a subestimar as potencialidades dos jovens, evidenciando suas fragilidades e criando dificuldade de compreender as suas exigências.

2.2. Oportunidades

Nas respostas ao questionário do sínodo, os jovens dizem que desejam aproveitar seu tempo livre em diferentes atividades: prática de esportes, passeios aos parques e aos shoppings, festas com danças e músicas, baladas. No entanto, aqueles que já tiveram ocasião de participar em algum trabalho de voluntariado – por exemplo, com seus colegas da escola – testemunham sentirem uma alegria mais profunda e duradoura, muito melhor do que a alegria natural das diversões habituais.

Dizem os jovens que as ações comunitárias são lugares de encontro e de formação cultural, de educação e de evangelização, de celebração e de serviço; experiências específicas para os jovens nos diversos ambientes, como: centros juvenis, oratórios, universidades e escolas públicas e católicas; atividades

sociais e voluntariado, associações e movimentos eclesiais, retiros, peregrinações, seminários e congressos.

Afirmam os jovens que a internet tem sido uma oportunidade de novas formas de aprendizado e apoio nos estudos; cursos gratuitos e mais acessíveis aos jovens de baixa renda; grandes oportunidades de escolhas e direcionamento de vida; tecnologia básica mais acessível.

No campo religioso, há mais oportunidades de inserção; experiência do protagonismo juvenil; discernimento e elaboração de projeto de vida; oportunidade de formação; diversidade de possibilidades de formação; seminários, grupos de orações, vida religiosa; conectividade; trabalho em rede, expansão das possibilidades de evangelização; possibilidade de formação, viagem e comunicação sem fronteiras; intercâmbio de ideias, bens, valores...

As oportunidades são muitas, como os muitos movimentos favoráveis a uma vida digna, os grupos de Igreja, as boas companhias; educação gratuita cada vez mais acessível; oportunidades para qualificação profissional.

O padre João Batista Libânio, no livro *Para onde vai a juventude*, 2ª edição, Paulus, 2011, afirmou na Introdução: “A idade juvenil fascina pelo tremendo paradoxo da vulnerabilidade e da potencialidade. Na fragilidade da idade que deixa para trás a serenidade e a segurança da infância, mas ainda não atingiu a solidez da idade adulta, existe estupenda potencialidade. Precisamente porque ainda não aterrissou na maturidade, dispõe do infinito do céu para voar”.

Assim, ao olharmos para todos esses desafios e possibilidades do mundo juvenil, queremos estender a mão ao jovem machucado, doente, desesperançado e dizer como Jesus: “Jovem eu te ordeno, levanta-te” (Lc 7,14). Aos jovens e suas muitas possibilida-

“A juventude vive um clima de incerteza, de falta de clareza sobre por onde caminhar.”

des, cabe o desafio de Jesus: “Queres ser perfeito? Vai...” (Mt 19,21).

Um jeito de acompanhar a juventude em seu discernimento vocacional e em sua vida e missão é: caminhar na frente para indicar caminhos; caminhar no meio para que descubram caminhos; caminhar atrás para que ninguém se perca no caminho.

Isso exige de nós conversão.

2.3. Conversão pessoal, conversão pastoral

Para caminhar com os jovens, queremos estar abertos à conversão, à mudança de vida.

Assim falam os bispos da América Latina e Caribe na Conferência de Aparecida:

A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo a serviço da instauração do reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral, que envolve escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos nos quais Deus se manifesta (DAp 366).

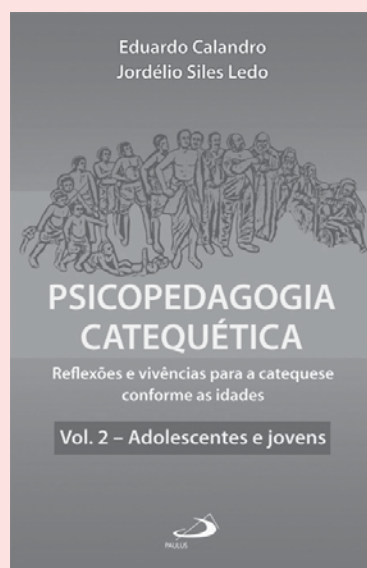
Sim, sair da mesmice, viver a conversão pastoral, reconhecer o protagonismo juvenil; os jovens como sal e luz:

A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Assim, será possível que “o único programa do evangelho siga introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial” com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como uma mãe que nos sai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária (DAp 370).

Psicopedagogia catequética

Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades

Eduardo Calandro e Jordélio Siles Ledo



168 págs.

A catequese conforme as idades é imprescindível para a ação evangelizadora da Igreja. A partir de experiências em encontros de catequese e das necessidades dos catequistas, nasceu a ideia de criar este subsídio para auxiliá-los em sua formação. Caracterizar a situação existencial e compreender o desenvolvimento dos adolescentes e jovens são os objetivos desta obra.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



O sínodo é oportunidade de conversão para todos nós, para toda a Igreja. Como fazer essa reflexão? Como provocar esse debate? Quais as possibilidades e oportunidades que temos para escutar a juventude e dar-lhe espaços, voz e vez? Como favorecer o “em saída” para os jovens?

3. Sair

O sínodo nos pede que ouçamos os jovens, seus gritos e esperanças, e os ajudemos a escutar a voz de Deus e da Igreja, que os chama a sair, como a Abraão: “Sai da tua terra” (Gn 12,1).

Como disse o papa Francisco: “Confiantes no Senhor, cuja presença é fonte de vida em abundância, e sob o manto de Maria, vocês podem redescobrir a criatividade e a força para serem protagonistas de uma cultura de aliança e assim gerar novos paradigmas que venham a pautar a vida do Brasil” (carta aos jovens do Brasil, por ocasião do encerramento do Projeto Rota 300, 3 jul. 2017).

3.1. “Não fostes vós que me escolhesteis...”

Como foi dito, o tema do Sínodo dos Bispos é: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. No documento preparatório para o XV Sínodo, o papa Francisco toma o texto de Jo 15,16-17 para falar de vocação: “Não fostes vós que me escolhesteis; fui eu que vos escolhi e vos designei para dardes frutos e para que o vosso fruto permaneça”. E diz mais: “Por meio do percurso desse sínodo, a Igreja quer reiterar o próprio desejo de encontrar, acompanhar e cuidar de cada jovem, sem exceção”.

O sínodo apresenta aos jovens estas alternativas: ao escutar a voz do Mestre, ficar com ele (“Vinde e vede”, Jo 1,38-39), discernir e responder pela alegria do amor, no matrimô-

nio, ou pela gratuidade, no seguimento na vida religiosa ou sacerdotal.

O que fica evidente é que o papa acredita na juventude, pois afirma: “Um mundo melhor se constrói também graças a vós, à vossa vontade de mudança e à vossa generosidade” (carta aos jovens por ocasião da apresentação do documento preparatório, 13 jan. 2017).

Um milhão... uma geração... O papa também diz: “Mas o meu sonho é maior: eu espero que um milhão de jovens, mais ainda, que uma geração inteira seja, para os seus contemporâneos, uma Doutrina Social em movimento” (prefácio do DOCAT, Paulus, 2016).

Sair do sofá... É possível mudar... Sim. Papa Francisco insiste: “Em Cracóvia, na abertura da última Jornada Mundial da Juventude, pedi-vos muitas vezes: ‘As coisas podem mudar?’ E vós gritastes juntos um baru-

lhento ‘sim’. Aquele grito nasce de vosso coração jovem que não suporta injustiça e não pode inclinar-se à cultura do descarte nem ceder à globalização da indiferença” (carta aos jovens por ocasião da apresentação do documento preparatório, 13 jan. 2017).

Como apresentar essas propostas e desafios que o papa Francisco faz? Que caminhos devemos trilhar e que portas podemos abrir para que os jovens exerçam esse protagonismo?

3.2. Experiências de Missão Jovem

O papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, diz: “Constituamo-nos em ‘estado permanente de missão’ em todas as regiões da terra” (n. 25). Francisco dá uma atenção especial à juventude: “A Pastoral Juvenil, tal como estávamos acostumados a desenvolvê-la, sofreu o impacto das mudanças sociais [...]. A nós, adultos, custa-nos ouvi-los com paciência, compreender as suas preocupações ou as suas

“A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária.”

reinvidicações, e aprender a falar-lhes a linguagem que eles entendem” (n. 105). “Como é bom que os jovens sejam ‘caminheiros da fé’, felizes por levarem Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra” (n. 106).

As experiências missionárias são um caminho antigo e novo de falar ao coração, à generosidade e ao desejo de solidariedade dos jovens. Constituem espaço real para exercerem o protagonismo, a liderança, abrirem os olhos às realidades mais sofridas, de dor e exclusão, se decidirem a sair do sofá e serem sal e luz, fermento na massa.

No Brasil, vamos encontrar diferentes experiências missionárias que favorecem o crescimento humano e cristão dos jovens; que despertam vocações para o matrimônio, para a vida sacerdotal, para a vida religiosa e consagrada; que geram homens e mulheres mais conscientes e comprometidos com uma Igreja em saída e uma sociedade mais justa.

A CNBB, por meio da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude, organiza a Missão Jovem na Amazônia: a primeira aconteceu no Amazonas, a segunda em Palmas e a terceira em Caxias, no Maranhão, das quais participaram jovens de diferentes regiões do país, numa bela experiência de comunhão, partilha, aprendizado e crescimento pessoal e comunitário.

As experiências missionárias são caminho de formação integral, de conversão pessoal e pastoral. Sim. É hora de reler a vocação de Isaías com nossa juventude e acender o fogo missionário em seus corações: “‘Quem enviarei eu? E quem irá por nós?’ ‘Eis-me aqui’, disse eu, ‘enviai-me’. ‘Vai, pois, dizer a esse povo’, disse ele” (Is 6,8-9).

Como podemos estimular esse espírito missionário nos jovens de nossas realidades?

3.3. Ecologia: quanto menos, tanto mais...

Outro lugar para “sair”, ao qual a juventude é sensível, é a ecologia, o cuidado da Casa Comum (ou a falta dele).

Juventude e sagrado Evangelizar num contexto plural

Pe. João Mendonça, sdb



Com este texto, o autor nos proporciona um mergulho no mistério, na religiosidade e nas expressões do sagrado, para compreender melhor a altura, a profundidade e a largueza do amor de Deus que se revela no cotidiano, sobretudo na vida dos jovens. Há na juventude um desejo profundo de Deus. O texto renova a crença no potencial religioso dos jovens e fortalece as iniciativas de tantos homens e mulheres que acreditam que um mundo melhor é possível.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Na encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado com a casa comum, o papa Francisco, falando de educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente, afirma: “Os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica e espírito generoso, e alguns deles lutam admiravelmente pela defesa do meio ambiente” (n. 209). “Trata-se da convicção de que ‘quanto menos, tanto mais’ [...]. A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco” (n. 222). “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora” (n. 223).

As novas gerações podem e devem ser tocadas por esse desafio do “quanto menos, tanto mais”, fazendo frente ao mundanismo, ao consumismo e à consequente destruição da natureza, da casa comum.

Nas mãos da juventude está também o desafio de cuidar do presente e do futuro do planeta. E uma das maneiras são os chamados “quatro erres” (Rs). Este é um dos caminhos que a juventude pode trilhar e ser moldada a viver e divulgar. Com efeito, a redução do consumo de energia, de matérias-primas e recursos naturais é significativa com a aplicação da política dos quatro Rs: reduzir, reutilizar, reciclar e reparar.

Reduzir: o primeiro passo é reduzir os resíduos produzidos, ou seja, controlar o peso e o volume dos resíduos, evitar consumos supérfluos e desperdícios, como o uso excessivo de água, luz e gás.

Reutilizar: a reutilização consiste em utilizar o produto mais de uma vez para o mesmo fim, evitando assim o seu lançamento ao balde de lixo. Esse processo permite minimizar a poluição.

Reciclar: a reciclagem é um processo que permite transformar materiais já utilizados em outros, para nova utilização. Os

materiais mais comuns no processo de reciclagem são o vidro, o papel, o papelão, o plástico e os metais.

Reparar: é um processo que consiste na recuperação de certos materiais ainda em condições de ser posteriormente utilizados, como móveis, brinquedos e eletrônicos.

São caminhos simples, concretos e possíveis de serem trilhados pelos jovens nos diferentes grupos juvenis, de diferentes realidades socioculturais e regiões geográficas. Ações concretas e atividades que ajudem a conscientizar os outros, a formar novas gerações cuidadoras da mãe Terra.

“A Pastoral Juvenil, tal como estávamos acostumados a desenvolvê-la, sofreu o impacto das mudanças sociais.”

3.4. O Sínodo Extraordinário para a Pan-amazônia

Esse sínodo é outro estímulo e ocasião para pensar, junto com as juventudes, quais as preocupações e oportunidades de cuidado com a Casa Comum.

Disse o papa Francisco: “Atendendo o desejo de algumas Conferências Episcopais da América Latina, assim como ouvindo a voz de muitos pastores e fiéis de várias partes do mundo, decidi convocar uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região pan-amazônica” (Rádio Vaticano, 15 out. 2017).

O referido sínodo, que se realizará em Roma em outubro de 2019, tem como objetivo principal identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do povo de Deus, e sua relevância se explica, também, por causa da crise da floresta amazônica, de capital importância para nosso planeta.

No Brasil, como poderemos envolver os jovens na preparação desse sínodo, especialmente os que vivem na Amazônia Legal?

3.5. “Não tenham medo de arriscar-se e comprometer-se”

Outro lugar para jovens “em saída” é o espaço das políticas públicas. O papa Francisco diz: “Assim integrados nas suas comunidades, não tenham medo de arriscar-se e comprometer-se na construção de uma nova sociedade, permeando com a força do evangelho os ambientes sociais, políticos, econômicos e universitários! Não tenham medo de lutar contra a corrupção e não se deixem seduzir por ela!” (carta aos jovens do Brasil, por ocasião do encerramento do Projeto Rota 300, 3 jul. 2017).

As juventudes são chamadas a mostrar e viver um caminho de comunhão, respeito e diálogo, atendendo ao “ide” de Jesus: “Ide e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16,15) e do papa, que disse na Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro: “Ide, sem medo, para servir”.

Francisco convida os jovens a realizar essa missionariedade em rede:

Por isso, convido a que vocês também deixem que seus corações sejam transformados pelo encontro com Nossa Mãe Aparecida. Que ela transforme as “redes” da vida de vocês – redes de amigos, redes sociais, redes materiais e virtuais –, realidades que tantas vezes se encontram divididas, em algo mais significativo: que se convertam numa comunidade! Comunidades missionárias “em saída”! Comunidades que são luz e fermento de uma sociedade mais justa e fraterna (carta aos jovens do Brasil, por ocasião do encerramento do Projeto Rota 300, 3 jul. 2017).

Como viver o “ide” em comunhão, formando redes de amigos, de comprometimento e solidariedade, nas quais as diferenças são fonte de enriquecimento mútuo, de aprendizado e crescimento, com todos unidos pela vida, especialmente dos jovens e dos empobrecidos?

Evangelização da juventude

Desafios e perspectivas pastorais – n°. 93

CNBB



O futuro da Igreja e os rumos que a sociedade vai tomar dependem dos jovens, por isso interessa muito à Igreja e aos seus pastores a evangelização da juventude. Tanto que este foi o tema central da 44ª Assembleia Geral da CNBB, realizada em Itaici (SP), de 9 a 17 de maio de 2006. O texto, dividido em três partes, constitui um instrumento para auxiliar nesta evangelização.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br

3.6. O mundo digital e suas possibilidades no mundo juvenil

O papa Francisco assim se expressa sobre o mundo digital, no documento preparatório para o Sínodo dos Bispos: “As jovens gerações são hoje caracterizadas pela relação com as modernas tecnologias da comunicação e com aquele que vem normalmente chamado de ‘mundo virtual’, mas que também tem efeitos muito reais”.

Muitas frases se ouvem quando se reflete sobre o mundo digital, frases como estas: “Sabemos que as novas tecnologias podem ser usadas para o bem ou para o mal...”; “devemos animar os jovens sobre o uso inteligente e prudente da internet...”; “a internet poderia ser utilizada mais amplamente para...”; “importante para o desenvolvimento do trabalho com os jovens...”; “uma inovação que possui dois polos...”; “em parte é bom o desenvolvimento digital...”; “pode ser considerada uma revolução e não apenas mudança...”; “hoje é um grande desafio prescindir da virtualidade em favor da realidade...”.

Diante dos desafios e possibilidades que o sínodo nos traz, como fazer do mundo digital e virtual uma ferramenta para que os jovens falem, se manifestem e sejam ouvidos em suas dúvidas, expectativas, críticas e sugestões, como deseja o papa Francisco?

Como utilizar desses meios para a formação integral dos jovens, para estimular experiências missionárias, de discernimento vocacional, de cuidado pela Casa Comum, e no empenho por políticas públicas para a juventude?

Eis um campo fértil, desafiador e cheio de possibilidades para cuidar da juventude como bons pastores e um lugar para desper-

tar a consciência cristã, a consciência crítica, e criar laços, redes de amizade, de solidariedade e comprometimento.

Conclusão

Disse o papa Francisco: “Possa o Senhor, pela intercessão da Virgem Aparecida, renovar em cada um de vocês a esperança e o espírito missionário” (carta aos jovens do Brasil, por ocasião do encerramento do Projeto Rota 300, 3 jul. 2017).

Com o Sínodo dos Bispos “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, a Igreja quer escutar os jovens. Quer que eles se encontrem com Jesus Cristo, fiquem com ele (Jo 1,38-39) e, ouvindo o chamado e discernindo na fé, digam:

“Eis-me aqui, Senhor. Envia-me” (Is 6,6-8).

O papa disse ainda: “Vocês são a esperança do Brasil e do mundo. E a novidade da qual vocês são portadores já começa a construir-se hoje” (carta aos jovens do Brasil, por ocasião do encerramento do Projeto Rota 300, 3 jul. 2017).

Para a Igreja no Brasil, neste Ano do Laicato, a preparação para o sínodo é bela oportunidade para que os jovens, cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade, sejam sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13-14).

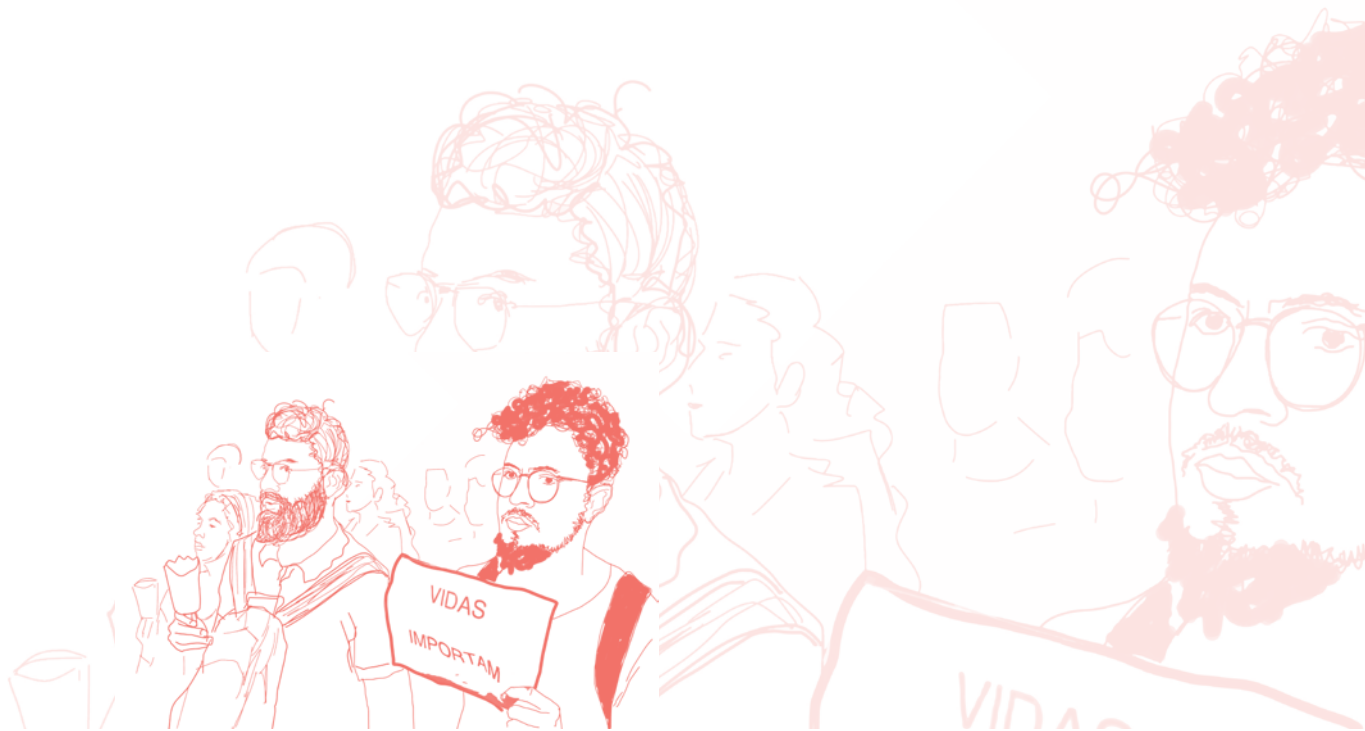
O Sínodo dos Bispos é um *kairós*, um tempo de graça, para a juventude e para toda a Igreja Católica.

A juventude é janela do futuro, enxerga mais longe, antecipa mudanças. Esse sínodo é uma oportunidade para escutar, aprender e crescer com a juventude, pois, como diz São Bento: “Muitas vezes é exatamente aos mais jovens que o Senhor revela a melhor solução” (Regra de São Bento, 3,3).

“Devemos animar os jovens sobre o uso inteligente e prudente da internet.”

Folheto O Domingo – um periódico que tem a missão de colaborar na animação das comunidades cristãs na celebração eucarística e formação catequética e litúrgica.

Assine: assinaturas@paulus.com.br



As juventudes querem vida

Tânia da Silva Mayer*

As juventudes correspondem a um público de risco social elevado. A atenção e o zelo pastoral por elas são cuidados evangélicos para a promoção da vida plena e abundante. Uma Igreja comprometida com a transmissão da fé e com a transformação da sociedade, à luz da Boa Notícia do Reino e na esteira do seguimento de Jesus, escuta, discerne, acolhe, propõe e se engaja nas lutas relativas às juventudes em vista da sua dignidade e de mais vida. Em comunhão com os trabalhos sinodais, propomos uma reflexão sobre alguns aspectos da vida das juventudes brasileiras a serem considerados em nossa prática pastoral.

*Tânia da Silva Mayer é mestra e bacharela em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É articulista do Portal Dom Total, no qual escreve às terças-feiras.
E-mail: taniamayer.palavra@gmail.com

1. Juventudes e as interpelações do termo

Falar sobre jovens e juventudes não é tarefa simples. Antes, é adentrar um universo bastante complexo, com chances de incorrer em erros gravíssimos, tanto mais se se propõe alcançar universais para especificar vivências



plurais e singulares. O mundo contemporâneo exige, cada vez mais, que os sujeitos das vivências falem por si mesmos, que possuam a linguagem que lhes pertence, a fim de que possam narrar as suas existências. Nesse sentido, toda produção deveria trazer as vozes daqueles que são tema e objeto de interpelação e interrogação. Aqui, compartilhamos a nossa percepção das juventudes na perspectiva de nossa juventude compartilhada com outros e outras jovens brasileiras.

O que é juventude? Quem são os jovens? As respostas a serem dadas a essas perguntas são muitas e podem variar de cultura para cultura. O termo *juventude* pode sugerir a ideia de um período específico da vida de uma pessoa, compreendendo determinada faixa etária, ou, ainda, pode significar um estado do desenvolvimento humano. No geral, a palavra *juventude* é utilizada para significar a fase da vida compreendida entre a infância e a vida adulta.

Nesse sentido, a infância está relacionada à ideia de dependência, e a vida adulta à concepção de autonomia. Isso posto, a juventude é o período de transição da dependência para a autonomia: ao mesmo tempo, não se é tão dependente nem se é plenamente autônomo. Em diversas culturas e grupos, os/as jovens são conduzidos aos rituais de passagem, que marcam o início dessa transição. Na contemporaneidade, tal período transitório tem sido impactado pela mudança de paradigma da nossa sociedade.

Para os modernos, a vida adulta significava a saída da casa paterna, o alcance de um emprego que garantisse o sustento e um casamento com consequente maternidade ou paternidade. Na contemporaneidade, o cenário exigido pelos modernos parece não corresponder às experiências cada vez mais comuns nos grupos familiares. Muitos filhos

retardam a saída da casa dos pais, tornam-se os provedores primários desses núcleos, que podem contemplar, ou não, a presença de cônjuges e filhos. Não conseguir precisar a vida adulta com base nas configurações sociais promove consequente mudança de paradigma a respeito do que é a juventude e de quem são os/as jovens.

Desse modo, o termo *juventude* acaba sendo relacionado a um modo de estar na vida e compreendê-la. Não são raras as pessoas de 50 e 60 anos que se consideram jovens, entendendo a palavra como sinônimo de vitalidade. Um fator preponderante para tal percepção diz respeito aos novos índices de expectativa de vida no Brasil. Em média, ela está estimada nos 75 anos. Com o aumento desse índice, uma pessoa que, em épocas

passadas, fosse considerada “velha” aos 40 anos já não se compreenderá assim. Aliás, nem ela nem o restante da sociedade a compreenderão dessa maneira. Em boa parte das vezes, ela se sentirá e se denominará um “adulto jovem”. Isso é fomentado, também, pelo sentimento de prolongamento da vida, muito valorizado em nossas sociedades. A concepção de que a vida pode ser prorrogada para além do segundo tempo da existência favorece a ideia de uma juventude que se estende para além da fixação da vida adulta.

A utilização da palavra *juventude* para significar vitalidade existencial é coerente e interessante. Pressupõe-se que os/as jovens possuam aquela carga vital que movimenta utopias, sonhos e esperanças diante das realidades, muitas vezes duras. Essa postura de valorização do sujeito diante das realidades é positiva. Por outro lado, devemos nos perguntar se essa ideia de juventude, quando assumida massivamente pelas sociedades nas quais se verifica crescente prolongamento da vida, não impede o reconhecimento, a análise

“O mundo contemporâneo exige que os sujeitos das vivências falem por si mesmos, a fim de que possam narrar as suas existências.”



se e a proposição de ações e políticas para aqueles e aquelas que se encontram numa faixa etária de menor prestígio social. Com isso, não corremos o risco de esquecer e excluir demandas específicas de determinado grupo social?

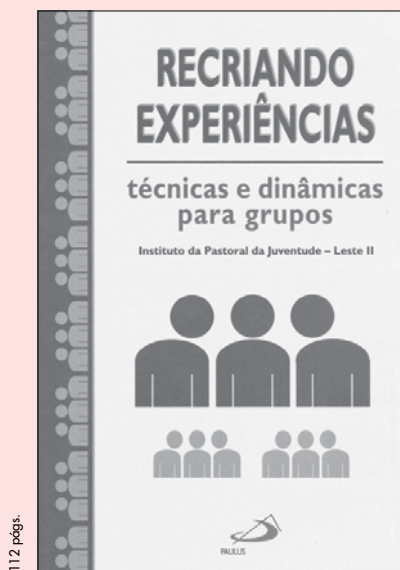
O livro *Brasil: uma visão geográfica e ambiental do início do século XXI* (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – 2016) apresenta dados interessantes a respeito da sociedade brasileira. Uma das pesquisas realizadas contrapõe a ideia de expectativa de vida à de taxa de fecundidade. Enquanto a expectativa de vida aumentou no país, como dissemos acima, a taxa de fecundidade diminuiu de 6,16 filhos por mulher para apenas 1,57 filho, num período de 70 anos. Esses dados corroboram a tese de que o Brasil do futuro será um país idoso, com a maior parte da população localizada nessa faixa da pirâmide etária brasileira. Nesse sentido, a população jovem será minoria, se comparada com o número de pessoas na terceira idade. Além de se ver condicionada a longo período de trabalho – o que indica o projeto do atual governo brasileiro –, essa parcela da sociedade brasileira poderá ter sepultadas suas demandas específicas, tais como acesso à educação e inserção profissional.

É importante destacar que, no Brasil contemporâneo, “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”, segundo o Estatuto da Juventude (EJ, 2013, art. 1º, §1º), sancionado pela presidenta Dilma Rousseff em agosto de 2013. No entanto, esse mesmo estatuto destaca que “aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos” se aplica o ECA, o Estatuto da Criança e do Adolescente, e o EJ, excepcionalmente, “quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente”. O EJ visa especificar os direitos e as políticas públicas destinadas aos jovens, as quais, embora já sejam previstas pela Constituição, devem ser aprofundadas.

Recriando experiências

Técnicas e dinâmicas para grupos

Instituto da Pastoral da Juventude
– Leste II



Esta obra é uma contribuição para aqueles que desenvolvem atividades de formação com a juventude. A prática das dinâmicas aqui apresentadas possibilita vivências que devem ser objeto de reflexão e partilha, desenvolvendo o autoconhecimento, a percepção, o senso crítico e outras qualidades.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



O Estatuto da Juventude é um marco importante na afirmação da proteção do Estado aos/as jovens. Ele demarca bem os aspectos constitucionais que devem ser considerados pelas instituições na promoção das juventudes. Nesse sentido, o que se está dizendo é que o estatuto protege o que não era óbvio na sociedade brasileira até poucos anos atrás. Uma vez que a ideia de jovem era associada imediatamente aos estudantes, os/as jovens empobrecidos, os negros, os de baixa renda, as mulheres, os LGBTs, entre outros, não eram alvo de ações afirmativas por parte dos governos e demais instituições, o que revelava que uma parcela do público jovem permanecia excluída de seus direitos.

Abre-se aqui uma percepção interessantíssima. Quando se fala em jovens, percebe-se que estes, malgrado a compreensão de que cada um deles é “sujeito de direitos universais, geracionais e singulares” (EJ, 2013, seção I, art. 2º, IV), estão propensos a formar grupos segmentares baseados em questões relativas às suas vivências. Por isso, compreensões mais universais dizem pouco do mundo dos jovens. O plural é mais acolhedor e corre menos riscos de desconsiderar os sujeitos das vivências. Desse modo, ao tratar do tema da violência e do desejo de viver dos/das jovens na contemporaneidade, o termo mais adequado é o plural “juventudes”.

Com isso, está-se indicando que os jovens brasileiros protegidos pela Lei, conforme a faixa etária indicada, são sujeitos de vivências plurais que exigem ações e tratamentos específicos e diferenciados. Essa percepção pós-moderna leva em conta o caráter das subjetividades agrupadas em experiências comuns, considerando demandas cada vez mais pontuais na relação dos jo-

vens com a sociedade – e com a Igreja – que integram e formam.

2. Juventudes e um ano ímpar

O Estatuto da Juventude, sancionado em agosto de 2013, é grande conquista das juventudes brasileiras. Demarcar e garantir direitos são os primeiros passos para a realização da justiça social. Está claro que os jovens precisam ser considerados como sujeitos sociais e políticos com capacidade para exercer a cidadania, elegendo e acompanhando seus representantes e manifestando-se quando as posturas destes não lhes representam.

O mês de junho de 2013 é singular nesse aspecto. Passados quase cinco anos, é impossível nos esquecermos da avalanche de pessoas que foram às ruas mostrar sua indignação pela ausência de representatividade sociopolítica. Sob a ideologia de que “o gigante acordou”, ouvimos uma polifonia de vozes, endereçadas a diversas pessoas, instituições e estruturas. Elas reclamavam direitos, ao mesmo tempo em que diziam que nada nem ninguém lhes representavam. Essas manifestações reuniram a defesa de centenas de causas diferentes, sem que um movimento ou outro lhes subtraíssem determinadas bandeiras. No entanto, a ausência de sistematização e de unidade das vozes mostrou um gigante acordado, porém frágil, por não conseguir propor projetos populares à nação. Dentre as milhares de pessoas que exigiam educação e saúde “padrão Fifa”, destacaram-se sumariamente os/as jovens.

No âmbito eclesial, mundial e brasileiro, muita coisa acontecia naquele ano. O papa Bento XVI havia apresentado sua declaração de renúncia na manhã do dia 11 de fevereiro. Ele afirmava: “Cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada,

“Sob a ideologia de que ‘o gigante acordou’, ouvimos uma polifonia de vozes, endereçadas a diversas pessoas, instituições e estruturas.”



já não são idôneas para exercer adequadamente o ministério petrino”, e também: “Para governar a barca de São Pedro e anunciar o evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo, quer do espírito”. Indicou-se que o papa Bento se sentia debilitado, por sua idade avançada, para dar seguimento a um ministério que lhe exigia um vigor que é também do corpo. Aventava-se uma contraposição entre o velho e o novo e a necessidade de um papa mais jovial para conduzir a Igreja, a partir do diálogo com nossa complexa realidade.

Em 13 de março de 2013, o papa eleito em conclave foi Jorge Mario Bergoglio, um jesuíta argentino, então cardeal arcebispo de Buenos Aires. Um papa “do fim do mundo” assumiu a liderança da Igreja com o nome de Francisco, com claras referências ao “jovem de Assis”. Não apenas a imagem do novo papa inspirava jovialidade, pelas vestes leves e brancas, pelo sorriso no rosto e pela espontaneidade na fala e nos gestos, mas o próprio nome escolhido indicava jovialidade, vigor e revolução pela via da fraternidade, tal como conservado na memória que se tem de São Francisco de Assis. O papa Francisco, ao longo do seu pontificado, tem confirmado uma eclesiologia jovial, em diálogo com a contemporaneidade, na perspectiva da fraternidade com as criaturas e do vigor no anúncio do evangelho. Seus gestos de gentileza, num mundo carente de bondade, são revolucionários e vão ao encontro do coração das juventudes, que o perceberam como um amigo-irmão de caminhada. Um papa jovial, para os jovens.

No Brasil, a Campanha da Fraternidade (CF) de 2013 tratou do tema “Fraternidade e juventude”, com o lema: “Eis-me aqui, envia-me”. Os setores mais progressistas do catolicismo brasileiro ressaltaram que a CF-2013 deixava a desejar, por não abordar com rigor as questões e os problemas que circundavam o universo juvenil na época. Na apresentação do

Pastoral Juvenil no Brasil

Identidade e horizontes – nº. 103

CNBB



O grande impulso que a Igreja tem dado à evangelização da juventude nos últimos tempos exige pessoas cada vez mais esclarecidas, convictas, apaixonadas e capacitadas, além de estruturas adequadas para a missão. Nossas estruturas juvenis, constantemente imbuídas do dinamismo do Evangelho, são convocadas a testemunhar a força da unidade eclesial em vista do serviço qualificado, gratuito e alegre a favor da construção do Reino, principalmente entre os jovens mais vulneráveis.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



texto-base, o secretário-geral da CNBB, Leonardo Ulrich Steiner, afirmava que “é jovem não aquele que tem idade nova, mas aquele que tem o vigor de Deus”, deixando incerto, portanto, a respeito de quem estavam falando objetivamente. Ainda na apresentação, a CF era tratada como anúncio da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), que aconteceria na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 23 e 28 de julho do mesmo ano. À parte as discussões sobre as realidades conflitantes dos/as jovens brasileiros, a CF pareceu constituir mais um marketing para a JMJ, para o sucesso do evento mundial, do que propriamente manifestar um interesse profundo e sensível pelas vivências das juventudes. Assim, como interpeção ao lema da CF-2013, deveríamos nos perguntar ainda hoje: que jovem, para onde, de que jeito, em quais circunstâncias será enviado? Essas perguntas foram respondidas pelas comunidades, paróquias, dioceses ou pelos próprios jovens?

A JMJ foi um evento de massas, momento bastante importante para o despertar da sensibilidade de pertença à Igreja Católica, mas não o despertar para determinada diocese, paróquia ou comunidade de base ou, além disso, para o seguimento radical de Jesus Cristo. Obviamente, não se podem negar as experiências profundas e enriquecedoras que muitos/as jovens vivenciaram ao longo daqueles dias, num efervescente encontro de culturas, linguagens, vidas e religiosidades, tudo com espírito de gratuidade. Esse encontro mundial dos/as jovens, como afirmou Brenda Carranza em entrevista à IHU, consagrou a “cultura gospel católica”, de raiz pentecostal protestante, ao dar a tônica gospel do encontro, que contou com diversos shows conduzidos por padres, cantores católicos e famosos, bandas católicas, internacionais ou

nacionais. Nesse sentido, outras expressões religiosas, que não a pentecostal católica, foram eclipsadas pelo que está convencionalmente ligado à Renovação Carismática Católica (RCC): o apelo ao gospel.

Como se pode ver, o ano de 2013 é ímpar no tratamento do tema da juventude, tanto na sociedade como na Igreja. No entanto, não podemos afirmar que, daquele ano até o

presente momento, a sociedade e a Igreja tenham dado passos significativos no que tange a ativa e efetiva opção preferencial pelos jovens ou pelas juventudes. É urgente nos perguntarmos pelos frutos que todos esses acontecimentos eclesiais promoveram entre as juventudes brasileiras, para o enfrentamento dos seus problemas sociais, culturais, políticos e eclesiais. Os/as jovens contemporâneos vivem

constantemente ameaçados em sua vida, seu corpo e seus direitos. A violência é uma das máquinas que mais eliminam os sonhos, as utopias, os direitos e as vidas.

“Ao falar da evangelização das juventudes, exige-se longo processo profético de escuta dos/as jovens e de suas experiências de mundo.”

3. Juventudes e violências

A Conferência de Puebla consagrou a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens em seu documento final. Revelou-se a preocupação pela situação juvenil na América Latina, em vista do seu histórico de ditaduras e violências. Compreendia-se que a fé, e tudo o que diz respeito à evangelização, não pode estar desvinculada da vida concreta das pessoas, dos seus dramas e desafios. Por isso, ao falar da evangelização da juventude, ou melhor, das juventudes, exige-se longo processo profético de escuta dos/as jovens e de suas experiências de mundo.

Analisando o perfil da juventude brasileira e a sua inserção e participação na sociedade, Novaes e Vital destacam três marcas da juventude da época, a saber: o “medo de so-



brar, por causa do desemprego, o medo de morrer precocemente, por causa da violência, e a vida em um mundo conectado, por causa da internet” (NOVAES; VITAL, 2006, p. 112-113). Passados dez anos da publicação desse estudo, após um período áureo de emprego, de acesso às tecnologias da internet, o Brasil pós-agosto de 2016 vê-se ameaçado em suas conquistas. O número de desempregados está em crescimento, e o mercado de trabalho privilegia a mão de obra jovem diplomada no exterior em detrimento das formadas no Brasil. Os/as jovens brasileiros voltam a sentir o medo amargo de sobrar de maneira ainda mais forte, pois se percebem sem trabalho, fora da cadeia de consumidores de bens materiais.

No que tange ao acesso à internet, as juventudes de hoje encontram nas redes um meio para se formar, informar e articular ações de seu interesse. Podemos dizer que há um medo – antropológico? – a atormentar os/as jovens: estar desconectados. Há uma espécie de “habitação” interessante das redes. Por um lado, aproveitam-se as potencialidades delas para a formação de coletividades; por outro, as maldades e violências do mundo real atuam no mundo virtual, fazendo da internet também um mecanismo de mortes.

E por falar em mortes, o Mapa da Violência de 2016 constata o que está sendo percebido há anos: os homicídios por armas de fogo (HAF) no Brasil têm como alvos principais pessoas jovens. A respeito dessa realidade, o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz afirma:

Como vimos constatando desde o primeiro Mapa da Violência, divulgado em 1998, a principal vítima da violência homicida no Brasil é a juventude. Na faixa de 15 a 29 anos de idade, o crescimento da letalidade violenta foi bem mais intenso do que no resto da população. Vemos [...] que, no conjunto da população, o número de HAF passou de 6.104, em

1980, para 42.291, em 2014: crescimento de 592,8%. Mas, na faixa jovem, este crescimento foi bem maior: pula de 3.159 HAF, em 1980, para 25.255, em 2014: crescimento de 699,5% (WASEL-FISZ, 2016, p. 49).

Os dados são assustadores. Há verdadeiro extermínio de jovens no Brasil. Os homicídios por armas de fogo são as principais causas da mortalidade juvenil em nossa sociedade, respondendo por 58% dos casos. A participação de jovens nesses homicídios também é bastante alta. Esses crimes têm um pico elevado no período dos 20 anos de idade, correspondendo a 67,4 mortes por 100 mil jovens.

Mas não é só isso que deveria nos preocupar. Os homicídios no Brasil não têm apenas faixa etária, têm cor também. Os dados do Mapa da Violência de 2016 apontam uma queda de 26,1% nos homicídios relativos à população branca. Já o número de vítimas negras sofreu um aumento de 46,9%. Essa diferença mostra que grande parcela dos assassinatos cometidos são contra jovens negros, o que também se relaciona à baixa renda. Isso é um retrato claro do racismo e do preconceito arraigados na sociedade brasileira, que mata jovens negros e pobres, justamente aqueles que mais carecem dos direitos que deveriam ser garantidos pelo Estado.

Entre as mulheres, o número de homicídios é menor que entre os homens. No entanto, as mulheres brasileiras vivem num sistema sociocultural e religioso machista, que as violenta física, simbólica, psicológica e moralmente. As mulheres negras, se comparadas às brancas, correspondem ao maior número das vítimas de homicídio. Nesse quesito, o Brasil ocupa o quinto lugar no *ranking* global de homicídios de mulheres, segundo a ONU. Mais que entre as mulheres brancas, a violência contra as mulheres negras mistura desigualdade de gênero, mi-



soginia e racismo, uma vez que a imagem da negra escrava sexual dos senhores permanece conservada no imaginário popular e é impulsionada midiaticamente.

Outro público de jovens que merece atenção são as pessoas que integram a chamada diversidade sexual. As pessoas LGBTIs são vítimas de violências cotidianas, muitas vezes motivadas por preconceitos de cunho religioso. Os assassinatos de LGBTIs, por crimes de ódio, carecem de uma legislação que os caracterize como tais. Mas não é só isso, os jovens LGBTIs convivem com violências diárias, sobretudo as psicológicas e morais, que os impedem de acessar direitos e viver uma vida plena.

O fator ódio, considerado na violência contra as juventudes LGBTIs, é acrescido de outros fatores, a depender de quais sejam os sujeitos violentados. Uma jovem lésbica negra pobre, moradora da periferia, está mais propensa a ser violentada que outra lésbica em situação oposta. Pesa nesse caso o machismo, a misoginia, o racismo e a desproteção social por ser de classe menos favorecida financeiramente. Com isso estamos dizendo que a violência contra LGBTIs tende a variar, dependendo dos espaços em que tais sujeitos estejam inseridos. Com frequência, esse público não encontra espaço nas comunidades, paróquias e dioceses, o que os leva muitas vezes à exclusão ou à falta de sentido de pertença, uma vez que suas narrativas existenciais são ali rejeitadas e desconsideradas.

Esses públicos merecem não só atenção, mas também zelo pastoral. O enfrentamento da pobreza, bem como do racismo e da discriminação baseada em sexo e gênero, interessa aos seguidores e seguidoras de Jesus, cuja mensagem do Reino é a vida plena e abundante para todos. Por isso, é urgente uma postura profética e destemida das comunidades, paróquias e dioceses na aborda-

gem da violência contra os jovens que compõem esses grupos de riscos sociais. Coisas bonitas já estão acontecendo, mas é preciso avançar na perspectiva da efetiva proposição pastoral, fundamentada no evangelho e atenta aos sinais dos tempos. Por isso, apresentamos a seguir algumas proposições.

4. Para pensar e motivar ações

As juventudes pós-modernas se compreendem sem futuro. Elas não são como as modernas, que renunciavam ao presente em vista de um futuro melhor. Os/as jovens modernos guardavam esperanças quanto ao que poderia vir a ser a vida, de modo que abrir mão do presente era necessário para obter o futuro. Nós, jovens de hoje, não temos um futuro, e isso é o que afirma a filósofa Viviane Mosé.

Segundo Mosé¹, os/as jovens dos nossos dias não têm futuro. Ameaças como o aquecimento global, a fome, a carência de alimentos, a clonagem de órgãos, a escassez de água, as guerras, as migrações globais e o trancamento de fronteiras, o ódio às minorias, o desemprego, entre outras, fazem que a ideia de futuro se torne inconcebível, simplesmente não exista. Para ela, os/as jovens do século XXI não estão dispostos a abrir mão do presente para assumir algo que não existe. Por isso, a ideia de futuro está sempre acompanhada da de construção. É preciso construir o futuro.

Nessa perspectiva, não é de estranhar o fato de que jovens de grupos de minorias (são minorias, numericamente falando?) estejam dispostos a lutar por seus direitos. O movimento de jovens feministas, de jovens negros e negras, de jovens LGBTIs, de jovens sem moradia, o movimento de jovens pela educação (que bravamente ocupam espaços e protestam contra o roubo de um ensino pú-

“Os homicídios no Brasil não têm apenas faixa etária, têm cor também.”

¹ Palestra no Café de Ideias, do dia 28 de março de 2014. Acessível < <https://www.youtube.com/watch?v=zOjynTC8g0Y>>. Acesso em: 28 mar. 2018.



blico de qualidade), entre outros, militam para que suas demandas sejam acolhidas e respeitadas. O que fundamenta todas as bandeiras é a luta pelo direito ao futuro, pela sua construção. É importante ressaltar que essas lutas são legítimas em uma sociedade que trata com indiferença e diferença os que não têm dinheiro nem seguem os padrões estabelecidos pelos grupos de poder.

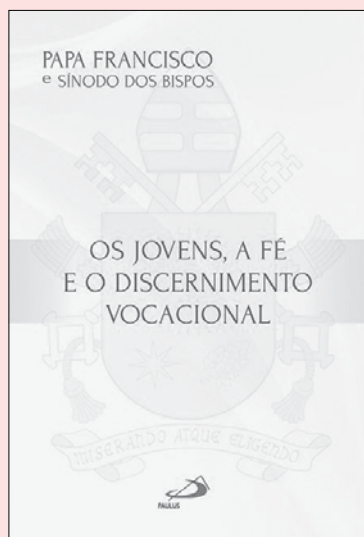
Os cenários eclesiais brasileiros são muitos, mas, a partir dos anos 1990, os movimentos, grupos e pastorais, bem como as comunidades de base, foram eclipsados pela RCC e sua forte capacidade de presença no rádio e na televisão. Estar eclipsado não significa ter deixado de existir. Antes, significa ter sido invisibilizado pelas conveniências eclesiais, nem sempre evangélicas. Por isso, a Pastoral da Juventude,² sempre interessada, preocupada e propositiva no enfrentamento dos problemas que acometem os/as jovens, encontra bastante resistência na maioria dos cenários eclesiais em que está ou procura inserir-se. Com isso, pautas relevantes, como a erradicação da violência contra jovens, são pouco abordadas por grupos de jovens, comunidades, paróquias e dioceses.

É urgente uma postura profética da Igreja, dos cristãos e das cristãs, que vá ao encontro do que a Conferência de Puebla sinalizava entre suas muitas demandas: uma opção preferencial pelos jovens e pelas jovens. Para isso, é necessário que se cumpra o que pretendia a CNBB, com referência à participação eclesial dos/as jovens: “trata-se de valorizar a participação dos jovens nos conselhos, reuniões de grupo, assembleias, equipes, processo de avaliação e planejamento” (CNBB, Doc. 85, n. 76). Mas não é só isso. As comunidades, paróquias e dioceses precisam ouvir os jovens, acolher suas vivências,

²A Pastoral da Juventude do Brasil (PJB) surgiu em 1995, abrangendo a Pastoral da Juventude (PJ), a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) e a Pastoral da Juventude Rural (PJR).

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional

Papa Francisco e Sínodo dos Bispos

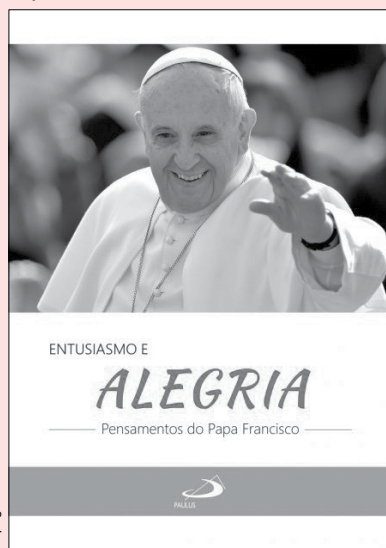


72 págs.

Entusiasmo e alegria

Pensamentos do Papa Francisco

Papa Francisco



46 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



percebendo-os como sujeitos que, apesar de estarem em formação, têm capacidade de colaborar com a Igreja e a sociedade.

A carta do papa Francisco aos jovens, por ocasião da apresentação do documento preparatório da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, anima as juventudes a acolher o convite do Senhor para ir e promover uma “terra nova”, “uma sociedade mais justa e fraterna”. Nesse sentido, é pertinente o espírito que parece motivar a Igreja a escutar o grito das juventudes: “Aquele grito nasce do vosso coração jovem, que não suporta a injustiça e não pode inclinar-se à cultura do descarte, nem ceder à globalização da indiferença”. O sínodo é uma oportunidade para ouvi-las – não um ouvir paternalista, como é praxe no meio eclesial, mas como quem está disposto a dialogar sobre a fé e a vida daqueles que são ou podem vir a ser seguidores e seguidoras de Jesus, empenhados em comunicar ao mundo a alegria do evangelho.

Da parte da Igreja, são necessários também um empenho maior e a provocação de debates eclesiais, com a presença da sociedade civil e de entidades, centros e institutos de juventudes, que proponham campanhas, ações afirmativas e projetos populares para a garantia da vida das juventudes brasileiras. A

nota contrária à redução da maioria penal é um posicionamento profético da Igreja no Brasil que acredita nos/as jovens e adolescentes, bem como na sua recuperação humana e social.

Os cristãos e as cristãs podem contribuir ainda mais para as causas juvenis na proposição de fóruns, conferências, rodas de conversa, mesas de debates, com ampla divulgação nos meios de comunicação católica. Defender os/as jovens, para além de uma ideia romanceada e da sua reunião em eventos de massa, é um dever urgente de

quem está conectado ao coração de Jesus, pois “todas as vezes que fizestes a um destes menores, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40). ●

“Defender os/as jovens, para além de uma ideia romanceada e da sua reunião em eventos de massa, é um dever urgente de quem está conectado ao coração de Jesus.”

Bibliografia

- BEOZZO, J. O. (Org.). *Curso de verão – Ano XXI: juventude: caminhos para outro mundo possível*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007 (Documentos da CNBB, 85).
- LIBÂNIO, J. B. *Para onde vai a juventude? – Reflexões pastorais*. São Paulo: Paulus, 2011.
- NOVAES, R.; VITAL, C. A juventude de hoje: (re)invenção da participação social. In: THOMPSON, Andrés A. (Org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Peirópolis, 2006.
- PAPA FRANCISCO; SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: documento preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos*. São Paulo: Paulus, 2017.
- WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil*. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2016.



O acompanhamento espiritual à luz do encontro de Jesus com a samaritana

Márcia Helena Rodrigues Paroli*

O acompanhamento espiritual constitui um instrumento eficaz para a formação. Como fio condutor deste trabalho, para a sua elaboração, procurou-se analisar o texto evangélico da samaritana, extraindo desse profícuo diálogo um modelo de orientação espiritual, orientação conduzida pelo próprio Senhor, ele, fonte de água viva! São apresentados os elementos que constituem a relação da prática pastoral da orientação espiritual.

*Márcia Helena Rodrigues Paroli é mestra em Teologia pela PUC-PR e especialista em Pastoral da Educação e Protagonismo pela PUC-PR, em Formação Humana pelo Instituto de Aconselhamento e Terapia do Sentido do Ser (lates), em Psicologia e Acompanhamento Espiritual pela Unyleya. Doutoranda do Programa de Ciências da Religião da PUC-Goiás. E-mail: marciahelena@hotmail.com

Introdução

Neste ano em que se refletirá acerca dos jovens, da fé e do discernimento vocacional no Sínodo dos Bispos sobre a juventude e que foi consagrado ao laicato pela Igreja no Brasil, propõe-se aqui uma leitura feita na ótica do acompanhamento espiritual.

Guiando-se pelo texto de Jo 4,1-42, procurar-se-á identificar os passos do acompanhamento espiritual segundo a prática de Jesus, bem como apontá-la como um serviço



eclesial válido no acompanhamento e na formação das pessoas que buscam algo mais intenso e profundo para sua vida espiritual. Isso permite a superação de devocionismos e de práticas rituais feitas sem que haja real adesão ao projeto de Deus.

1. O papel da mulher no tempo de Jesus

Antes de entrar no texto da samaritana, convém fazer breve contextualização da posição da mulher no tempo de Jesus, bem como da relação de Jesus com elas. Infelizmente as fontes existentes acerca dessa relação, em grande parte, são escritas por homens; daí a dificuldade de uma percepção da visão feminina. É, no entanto, possível observar Jesus sempre rodeado de mulheres: admiradoras, seguidoras, mantenedoras, enfermas e discípulas.

A situação da mulher no tempo de Jesus era de exclusão social e, muitas vezes, de indigência. Nesse sentido, a narrativa da criação conhecida pelos judeus já punha a mulher em condição servil e ainda lhe atribuía a culpa de o mal ter entrado no mundo, pois se entendia que, sem a desobediência de Eva, o homem não teria pecado. Consequentemente, na cultura judaica, a mulher era, sim, vista como um perigo. Ela fazia parte das posses de um homem e sua primordial função era procriar – de preferência, filhos homens.

Na esfera religiosa, sua participação era limitada, já que, por menstruar, era considerada impura. Não podia, portanto, entrar no templo nem ser sacerdotisa. Pagola assim sintetiza:

Essa visão negativa da mulher não perdeu força ao longo dos séculos. No tempo de Jesus, pelo que podemos saber, era talvez mais negativa e severa. A mulher não só era considerada fonte de tentação

e ocasião de pecado. É, além disso, frívola, sensual, preguiçosa, fofqueira e desordenada [...] (PAGOLA, 2010, p. 257).

Para evitar problemas, era conveniente que as mulheres ficassem em casa, para “não dar o que falar” e, assim, não macular a honra do seu senhor e de sua família.

Em casa, as mulheres se ocupavam dos afazeres domésticos: moer o trigo, costurar, fazer comida, tecer e fiar e servir os seus homens. Há que acrescentar que, publicamente, não deviam nem podiam se pronunciar, e os véus que cobriam seu rosto exprimiam o fechamento imposto à própria expressão feminina. Pode-se imaginar que, entre as mulheres, havia uma esperança de libertação com a vinda do Messias.

No grupo de Jesus havia todo tipo de mulheres e, pela vida itinerante que levavam, provavelmente deram muito que falar. Jesus é indiferente ao código de pureza e de discriminação infligido às mulheres. Pagola fala sobre essa aproximação:

Para as mulheres só podia ser atraente aproximar-se dele, para mais de uma significava libertar-se, ao menos momentaneamente, da vida de marginalização e trabalho que levavam em suas casas. Algumas aventuravam-se inclusive a segui-lo pelo caminho da Galileia [...]. Sem dúvida, as mulheres veem em Jesus uma atitude diferente. Nunca ouvem de seus lábios expressões depreciativas tão frequentes mais tarde nos rabinos. Nunca ouvem dele nenhuma exortação a viverem submissas aos seus esposos nem ao sistema patriarcal. Não há em Jesus animosidade nem precaução alguma diante delas. Somente respeito, compaixão e uma simpatia desconhecida (PAGOLA, 2010, p. 262).

“A situação da mulher no tempo de Jesus era de exclusão social e, muitas vezes, de indigência.”



Após esse breve situar da condição da mulher no tempo de Jesus, pode-se então adentrar com maior consciência no texto do encontro de Jesus com a samaritana. Para tanto, é válido analisar, também, a relação dos judeus com os samaritanos, visto que, além de sua condição de mulher, a samaritana pertence a um povo também marginalizado e excluído.

2. A relação dos judeus com os samaritanos

O povo samaritano separou-se da comunidade judaica no século IV a.C., levando consigo, no entanto, o Pentateuco. A população da Samaria era composta de descendentes de israelitas e dos colonos importados pelos assírios. Com essa mescla de nações, podem-se pressupor os diversos cultos existentes na região.

Os samaritanos, tentando aproximar-se dos judeus quando da volta do exílio da Babilônia, sentiram-se rejeitados. Como revanche, tentaram impedir a reconstrução do templo e dos muros de Jerusalém. Além disso, construíram um templo próprio em Garazim, minando, de certa forma, a centralidade do templo de Jerusalém e a exclusividade da cobrança de impostos que ali se realizava.

Essas tensões cresceram com o passar do tempo, tornando os samaritanos numa etnia cada vez mais excluída. Ser chamado de samaritano era uma ofensa. A samaritana não tem nome, pois simboliza todo o seu povo.

Konings (2005, p. 126) afirma que a expressão “era preciso” (Jo 4,4) designa a necessidade do encontro com a samaritana, já que Jesus poderia ter ido por outro caminho, ou seja, não necessariamente deveria passar por ali. Nota-se, portanto, a intencionalidade de Jesus e a vontade do Pai em resgatar aquele povo. Na sequência da pericope, vê-se Jesus afirmando: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4,34).

À beira daquele poço, Jacó havia encontrado a mulher de sua vida; a samaritana encontra-se com o Senhor, aquele que tem a água viva que jorra para a eternidade. Ela, no entanto, por desconhecer Jesus, não entende o seu ensinamento, pensa que Jesus fala apenas de água que abastece o poço. Daí, quando pede que ele lhe dê dessa água, tem apenas interesse em tornar a vida mais fácil. Como observa Konings (2005, p. 126): “Mas a samaritana ainda não entende. Quer receber a água que Jesus lhe oferece, porém por razão bem materialista, para não precisar mais tirar água do poço”.

Essa é uma espiritualidade que não exige mudança, mas ratifica as escolhas e as opções egoístas e descomprometidas.

A vida, representada pela água, nos é dada pelo encontro com o Senhor [...]. A Água viva significa, precisamente, nestes textos, o dom do Espírito Santo, realizado por Jesus. Beber em seu próprio poço constitui uma experiência espiritual, no sentido mais forte da expressão. É viver o tempo do Espírito, em conformidade com ele (GUTIERREZ, 1984, p. 51).

A samaritana é uma pessoa excluída: primeiramente, por viver em uma sociedade onde a mulher não tinha voz nem vez; depois, porque pertence a um povo considerado pelos judeus como heterodoxo.

Num primeiro momento ela contesta, quase debochando: “Como, sendo tu judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” (Jo 4,9). Isso seria culturalmente um escândalo, pois o homem não devia falar em público com nenhuma mulher. A samaritana não conhecia Jesus, e a fama dele não tinha chegado àquelas terras. Assim, ela o vê com o preconceito que fora construído historicamente. Sua visão é, portanto, limitada; está sob o véu do “pré-juízo”, que a faz ter uma compreensão distorcida da realidade.



Jesus se apresenta como um presente: “Se conhecesses o dom de Deus e quem te pede de beber...” (Jo 4,10). Os verbos crer, conhecer e amar são como que sinônimos nos escritos de João. Conhecer, na cultura hebraica, não é exercício intelectual, mas aplica-se à relação íntima entre dois seres, de tal modo que o crente pode afirmar que Deus está nele e, reciprocamente, ele está em Deus. Mateos comenta: “Jesus responde de maneira indireta, excitando a curiosidade da mulher. Fala-lhe de dom de Deus, de água viva que ele é capaz de dar. Pedira-lhe um favor, mas está disposto a corresponder com outro maior de sua parte do que o dela” (MATEOS, 1989, p. 211).

A um mero judeu (cf. Jo 4,9) ela chama de Senhor (cf. Jo 4,11). A relação passa para um nível superior: as palavras, a tonalidade de voz, o olhar, a reverência de Jesus fazem que, de desconhecido, passe a ser Senhor. Esse encontro ainda não chegara, contudo, ao seu ápice. Os conceitos antigos e a tradição do seu povo a impediam de avançar.

Jesus responde, falando de uma água superior àquela que ela veio buscar. Alude ao Espírito, fonte permanente de vida e de vida eterna.

“Senhor, dá-me dessa água” (Jo 4,15): os papéis se invertem. Até então, Jesus estava com sede, mas ouvi-lo suscita na samaritana uma sede mais profunda. Afinal, também os samaritanos esperavam um Messias, pois eram conhecedores das promessas dos profetas.

A mulher conhece as tradições, porém não é muito praticante. Passa a lembrar as promessas antigas e põe em dúvida o lugar onde se deve cultivar.

O discurso passa do pedido de um mero saciar-se natural para a sede mais profunda, a sede existencial. Idolatria ou vários amores, o que importa nesse encontro é que Jesus a conhece e sabe da causa de sua sede interior.

“A samaritana não tem nome, pois simboliza todo o seu povo.”

Poder-se-ia aqui imaginar as ansiedades, as frustrações, os afetos e os desafetos que a samaritana trazia em seu interior. É tão grande a sede expressa na inquietude dessas palavras, nos olhos, no corpo inteiro, que leva Jesus a se revelar: “Sou eu, que falo contigo” (Jo 4,25). Ousar-se-ia interpretar: “Beba-me”. Jesus faz que ela depare com sua verdadeira sede, sede do Deus verdadeiro.

Então, ela corre a partilhar com todos a sua experiência, esquecendo-se da sua condição de excluída. “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não seria ele o Cristo? Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro” (Jo 4,29-30). O anúncio que ela faz não é impositivo; põe a questão para que eles possam fazer o caminho que ela acabara de percorrer.

Nesse momento, há uma interrupção no encontro. Os discípulos chegam e, por não terem ainda escutado a revelação e feito o processo, julgam temerariamente, sem nada entender.

Os samaritanos vieram e creram. Chegaram a dizer que creram não por causa da mulher samaritana. Eles encontraram Jesus, porém a experiência dela foi única e inescutível, pois, mais que crer, ela se deixou olhar e, no mais profundo desse contato, deixou-se salvar.

3. Os passos do acompanhamento espiritual na trilha de Jo 4,1-42

Passa-se, agora, a uma leitura atenta do texto da samaritana (Jo 4,3-42), tomando o texto como um modelo de acompanhamento espiritual e salientando, desde já, que nessa leitura não há regras fixas. O que se pode apontar são apenas algumas pistas, pois cada pessoa é um mundo, e o Espírito Santo, que é movimento inovador, suscita caminhos diferentes e pessoais.

“Era preciso passar pela Samaria” (Jo 4,4). O acompanhante espiritual precisa passar



pelo território do acompanhado, conhecer a realidade de onde a pessoa provém, quais são as suas crenças, os seus valores, as suas lutas.

Há uma falsa ideia de espiritualidade, e esta gera um estereótipo. Com base nele, passa-se a julgar quem tem ou não espiritualidade. Primeiramente se crê que é preciso um ambiente afastado, solitário, para poder entrar em sintonia com Deus. Depois, julga-se que, para ter uma vida espiritual, é necessário ter uma rotina sem grandes compromissos com o mundo. Poder-se-ia acrescentar a essas qualidades errôneas o perfil da pessoa espiritual: circunspecto, silencioso, pescoço curvado, solitário, sempre equilibrado e paciente.

Certamente que o silêncio e o ambiente são de grande auxílio, porém é possível uma espiritualidade urbana, criando a própria gruta em uma fila de banco ou esperando um ônibus. Pensar que se pode cultivar a espiritualidade em condições ideais torna-se grande obstáculo para o cultivo da vida interior. Deve, portanto, cair por terra a imagem do acompanhante fechado, alienado, escondido do mundo.

“Uma cidade da Samaria, chamada Sicar” (Jo 4,5). A realidade é específica e tem um nome. Não basta ao acompanhante espiritual um conhecimento geral sobre a realidade. É preciso conhecer o mundo no qual o acompanhado está imerso e a percepção que ele tem do próprio contexto. Diz Leonardo Boff (1995, p. 65): “Toda experiência religiosa se exprime mediante um código cultural. Ela é parte da cultura, vem influenciada pela cultura ambiente e influencia a cultura”.

O acompanhante, conhecedor do contexto do acompanhado, poderá entender com maior clareza suas afirmações, suas atitudes e as crenças que ele traz.

Jesus é o modelo da espiritualidade que assume toda a humanidade. A sua vida itinerante o põe à mercê de muitos assaltos que poderiam, sem dúvida, tolhê-lo da intimidade com o Pai. No entanto, o seu jeito de ser e de

estar com o povo é extensão da relação íntima que tem com o Pai.

“Perto da região que Jacó tinha dado a seu filho José” (Jo 4,5). Há uma tradição, costumes, modos de fazer e de pensar que são provenientes de tudo o que o acompanhado viveu. Até mesmo o seu modo de relacionar-se com Deus foi construído socialmente.

Miranda (2009, p. 239) afirma serem basicamente três os elementos que impossibilitam o acompanhante de alcançar a liberdade interior. São impedimentos de ordem psicológica, ideológica e situacional.

No âmbito psicológico, sabe-se que o primeiro passo do acompanhamento é levar o acompanhado a autoconhecer-se.

Salientam-se aqui as convicções e as crenças pessoais muitas vezes derivadas de condicionamentos, de repetições impensadas que forjaram um jeito de posicionar-se na vida. Mudando o modo de ver e sentir, passa-se ao terceiro impedimento, ou seja, à superação de situações que até então pareciam barreiras intransponíveis. Nesse momento, o acompanhado poderá, enfim, fazer opções novas e, vencendo-se, vencer as barreiras externas.

“Ali se achava a fonte de Jacó” (Jo 4,6). Fonte é um lugar repleto de significados. É onde se encontra a vida, onde se “bebe” a história passada, a herança da bênção dada ao povo. Tal qual a samaritana, que possuía vínculos históricos e marcantes com aquele lugar, o acompanhante necessita conhecer em profundidade as experiências marcantes da vida do acompanhado. São aspectos a serem relevados, são bênçãos e maldições a serem integradas, relidas e curadas pela prática da orientação espiritual.

“Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte” (Jo 4,6). O acompanhante necessita desse tempo. Precisa sentar-se, parar para ouvir, estar com toda a atenção no que o acompanhado lhe comunica. Sentar-se ao lado da fonte é atitude de respeito e de reverência pela “água”, a vida do acompanhado que vai sendo partilhada.



O acompanhante espiritual precisa expor a sua necessidade. Deve preparar-se, estar disposto, estar bem de saúde para ouvir melhor. Precisa de tempo para o seu autocultivo: oração, descanso, estudo e lazer.

O colóquio, no acompanhamento espiritual, pode propiciar real encontro do acompanhado com Deus. Isso, no entanto, só ocorrerá se houver reta intenção de abrir-se ao projeto divino. O encontro precisa ser preparado pelas duas partes envolvidas: da parte do acompanhante, com uma vida devota, voltada para Deus, e com o anseio permanente de ser todo de Deus; da parte do acompanhado, o encontro é preparado com a vivência dos propósitos e com seriedade, perseverança e a coragem de buscar.

Na realidade, o acompanhante atento escutará a linguagem oral e também a não verbal e chegará, pelo exercício da observação, a captar os sentimentos do acompanhado.

“Uma mulher da Samaria chegou para tirar água” (Jo 4,7). Jesus, que está sentado ao lado, percebe a presença dessa pessoa. O acompanhante precisa estar atento à linguagem verbal e também à não verbal, pois esta última pode revelar muito mais que as palavras.

O muito cuidar do outro não deve levar ao descuido de si, pois, se isso ocorrer, aos poucos o acompanhante irá se embrutecendo e perdendo o encanto por Deus e pela missão que lhe foi confiada.

“Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento” (Jo 4,8). Jesus está sozinho. Pode-se pensar no sigilo da relação entre acompanhante e acompanhado. A pessoa que procura o acompanhamento precisa confiar no acompanhante, saber que os tesouros da intimidade partilhada não serão “vendidos em praça pública”.

“Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva” (Jo 4,10). Eis o objetivo do

acompanhamento espiritual: conhecer o dom de Deus, seus desígnios, sua vontade, seu projeto de amor para conosco.

Buscar o acompanhamento espiritual é reconhecer em Jesus a fonte de água verdadeira que sacia, que impulsiona para uma vida coerente, justa e transformadora da sociedade.

Ao acompanhante cabe apontar esta fonte de água que jorra para a eternidade, o Filho de Deus encarnado.

Quem começa um caminho de profundidade espiritual logo se apaixona. Começa a experimentar o que os santos já experimentaram. O que era doce se torna amargo e o que era amargo se torna doce.

“Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!” (Jo 4,15). Quem suscita o interesse pelo crescimento espiritual é o próprio Deus, mas ele nos quis membros de uma comunidade, onde podemos contar com a mediação humana no discernimento dos seus desígnios.

“Jesus disse: ‘Vai, chama teu marido’” (Jo 4,16). Em um primeiro momento, pode-se pensar que Jesus quisesse gerar nela uma espécie de arrependimento acerca de sua conduta moral. A intenção de Jesus é, no entanto, que ela encontre a profundidade na verdade que lhe está sendo revelada.

O acompanhamento espiritual deverá levar o acompanhado a ler com novos olhos seu passado, reconhecendo também os falsos deuses que, ao longo da sua existência, tem cultuado.

“Não tenho marido” (Jo 4,17). A samaritana é sincera. Poderia ter mentido ou ter mudado de assunto. No acompanhamento espiritual, a sinceridade é fundamental. O acompanhante não pode auxiliar se existem máscaras ou mecanismos de defesa. Somente na queda dessas barreiras o acompanhado poderá adorar o verdadeiro Deus, em espírito e verdade.

“Quem começa um caminho de profundidade espiritual logo se apaixona.”



“Vejo que és um profeta” (Jo 4,19). Na convivência com o acompanhante, o acompanhado perceberá que o Espírito Santo dá àquele dicas certas e se surpreenderá quando perceber que, pela escuta atenta e pela seriedade do serviço prestado, o acompanhante o conhece mais que ele próprio.

“Crê, mulher [...]. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos” (Jo 4,21-22). O acompanhante é um mediador que sabe o caminho, que conhece o Senhor e sabe que ele não desampara os que o buscam, por ter sempre encontrado nele auxílio e conforto.

“Mas vem a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois são esses adoradores que o Pai procura” (Jo 4,23). Jesus faz a samaritana dar o salto de qualidade no que tange às próprias crenças. O acompanhado descobrirá que não pode prescindir de Deus, pois este, no seu infinito amor, o envolve, tal como o feto é envolvido no útero materno.

“Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos anunciará tudo”. Disse-lhe Jesus: “Sou eu, que falo contigo” (Jo 4,25-26). O acompanhado, ao longo do processo do acompanhamento, precisará encontrar-se com o Cristo, o Messias. O acompanhante propiciará as condições para que esse encontro aconteça. A samaritana havia ouvido falar dele, mas não possuía elementos para reconhecê-lo.

“A mulher então deixou o seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: ‘Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz’. [...] Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro” (Jo 4,28-30). “Correu”: uma vez que o acompanhado tiver se encontrado com o Cristo, nada mais lhe será impedimento ou bloqueio. Cruzes surgirão, mas o modo de carregá-las será realmente diferente. É a experiência de todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito: o modo novo de ver e de ser torna o peso da vida mais leve. O encontro renova, dá forças, vigor.

“Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou” (Jo 4,34). Os discípulos retornam e, sem ter ainda percorrido o caminho que a samaritana acabara de percorrer, falam da terra, de alimento material. Jesus, ainda “atônito” pela ânsia de Deus daquela mulher, responde a uma pergunta terrena com categorias do céu. O acompanhado aos poucos irá discernindo o que vale realmente a pena e, já num estágio maduro do acompanhamento espiritual, chegará a afirmar que o alimento dele é fazer a vontade do Pai. Tal atitude, como se verá mais adiante, não comporta sair do mundo, mas fazer do mundo um lugar onde Deus possa caminhar com a sua criatura.

“Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que testemunhava: ‘Ele me disse tudo que eu fiz!’ [...] Bem mais numerosos foram os que creram por causa da palavra dele e diziam à mulher: ‘Já não é por causa do que tu falaste que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo’” (Jo 4,39-42). Depois de crerem no que a samaritana disse, seus coetâneos creram com base na experiência pessoal que fizeram de Cristo. Chegará um momento em que o acompanhado não precisará mais ir até o acompanhante. Este já saberá o caminho e se desligará, sem, no entanto, parar de caminhar.

Considerações finais

Se as pessoas realmente experimentassem a “doçura” do caminho feito com o Senhor, incendiariam-se de amor e transformariam os ambientes em que estão inseridas. E assim manifestariam Cristo aos outros, especialmente pelo testemunho de sua vida resplandecente de fé, esperança e caridade.

Aprender a amar a Deus e a buscar em tudo cumprir a sua vontade é o segredo de uma vida cristã autêntica, atitude que há de ser desenvolvida num bom acompanhamen-



to espiritual, sem, contudo, tornar os acompanhados proprietários do Espírito.

O acompanhamento espiritual realizado nos moldes desse encontro que se acabou de degustar propiciará ao acompanhado a

firmeza de testemunhar, tornar-se verdadeiramente um discípulo missionário como a samaritana, que retorna à cidade como uma mulher nova, cuja liberdade a leva a anunciar destemidamente. ●

Bibliografia

- BARRY, A. W.; WILLIAN, J. C. *A prática da direção espiritual*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1987.
- _____. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.
- BOFF, L. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.
- CANTONI, O. (Org.). *Direzione spirituale, maturità umana e vocazione*. Milano: Ancora, 1997.
- CORTI, R. *Que devo fazer, Senhor? – Iniciação à direção espiritual para os jovens e seus educadores*. Aparecida: Santuário, 1997.
- _____. *A direção espiritual hoje: discernimento cristão e comunicação interpessoal*. São Paulo: Paulus, 2002.
- GOFFI, T. *Problemas e perspectivas de espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992.
- GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- KONINGS, J. *Encontro com o Quarto Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARTINI, C. M. *L'accompagnamento spirituale*. Milano: Ancora, 2007.
- MATEOS, J. *O Evangelho de João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MIRANDA, T. R. *A direção espiritual: pastoral do acompanhamento espiritual*. São Paulo: Paulus, 2009.
- NOUWEN, H. J. M. *Direção espiritual: sabedoria para o caminho da fé*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *O perfil do líder cristão no século XXI*. Worship: Americana, 1993.
- PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- RICCI, M. C. *Carta testamento*. Cascavel: [s.n.], 2007.
- ZEVINI, G. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1987.



O futuro da fé

Harvey Cox

Que configuração a fé cristã deverá assumir no século XXI? Em meio ao ritmo acelerado das mudanças globais e diante de um aparente ressurgimento do fundamentalismo, o cristianismo ainda poderá sobreviver como uma fé viva e fecunda? Com seu estilo rico e acuidade acadêmica, Cox explora essas e outras questões num livro que é, ao mesmo tempo, autobiografia, comentário teológico e história da Igreja.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



Dom Helder Camara e as juventudes

Ivanir Antonio Rampon*

Dedico este pequeno texto especialmente às juventudes atuais, que nasceram quando o servo de Deus e o servo dos pobres, dom Helder Camara, partia deste mundo para os “braços do Pai”.

*Pe. Ivanir Antonio Rampon é presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo (RS) e professor da Itapa Faculdades. Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte) e doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). E-mail: iarampon@yahoo.com.br.

Introdução

Dom Helder Pessoa Camara (1909-1999), juntamente com Gandhi e Martin Luther King, é tido como símbolo mundial para as juventudes que buscam, de modo pacífico, a paz e a justiça no mundo. Descreverei brevemente como dom Helder fomentou o apostolado juvenil, tendo a “juventude” como nota essencial da sua personalidade, espiritualidade, mística, profecia e missão pastoral (RAMPON, 2013).

1. Dom Helder e o apostolado juvenil

Desde jovem seminarista, Helder fomentou o apostolado juvenil, sendo fundador da



Juventude Operária Católica do Ceará. Como padre, foi o configurador da Ação Católica do Brasil, ao estilo da Juventude Operária Católica belga. Como arcebispo, missionário de Jesus e animado pelo espírito do Vaticano II, viajou o mundo inteiro conclamando as juventudes para se unirem na luta a fim de superar as divisões entre primeiro, segundo, terceiro e quarto mundos e criar “um mundo de irmãos”. No Brasil, sempre trabalhou cercado de jovens e com as juventudes; criou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o Conselho Episcopal Latino-Americano, a Cruzada de São Sebastião, o Banco da Providência, o Movimento de Educação de Base, a Operação Esperança, o Encontro de Irmãos, a Ação Justiça e Paz...

Durante o período ditatorial, vários jovens diretamente ligados a dom Helder foram presos e torturados, e o jovem padre Henrique Pereira Neto (hoje sepultado ao lado do arcebispo), que animava a Juventude Universitária, foi trucidado. Dom Helder acompanhava os jovens presos e torturados, bem como as suas famílias, que padeciam profundamente.

A ditadura perseguiu dom Helder, caluniou-o e impôs-lhe uma das piores censuras, a chamada “lei do gelo”, porque ele evangelizava e conscientizava as juventudes de seus direitos e deveres. O arcebispo foi, com as juventudes, um dos mais importantes fomentadores da luta em prol da abertura democrática.

Enfim, dom Helder entendia que o futuro da Igreja na América Latina estava ligado ao “mundo” – especialmente às “periferias”, como tem repetido o papa Francisco – e, por isso, ele fomentou a articulação da pastoral da juventude com as pastorais da terra, da saúde, da educação, operária, indígena, afro...

2. Juventude, nota essencial da personalidade helderiana

A par de sua atuação junto às juventudes, podemos dizer que a “juventude” era nota essencial da personalidade helderiana. Ele não conseguia nem queria ser diferente. Sentia necessidade de estar com os jovens para escutá-los, animá-los, defendê-los e dirigir-lhes mensagens de compromisso evangélico.

Mesmo depois dos 60 anos, o rosto de dom Helder, seus gestos, palavras e humor transmitiam juventude. Seus olhos recônditos e profundos possuíam a luminosidade de um místico e de um profeta. Conservava o dinamismo otimista dos anos floridos. Como homem de Igreja, não tinha idade: vivia a novidade do Espírito, o novo Pentecostes da Igreja sempre nova, que está com a juventude nova.

Por isso, ele atraía as juventudes, compreendia suas ideias, reivindicações e fraquezas. Fazia questão de visitar os jovens na própria casa, conversava com eles informalmente, e estes lhe revelavam coisas íntimas sobre temas religiosos e morais, sociais e políticos. Os jovens frequentavam o “palácio episcopal” e a casinha do bispo, na sacristia da Igreja das Fronteiras. Muitos jovens do mundo inteiro apoiavam as suas mensagens e, quando ele convocava para atividades, respondiam positivamente.

Para dom Helder, a juventude não era somente a falta de rugas e a velhice não era unicamente a idade avançada. O que importava mesmo era a idade do coração e do espírito. Ele gostava de dizer:

O segredo de ser jovem – mesmo quando os anos passam, deixando marcas no corpo –, o segredo da perene juventude de alma é ter uma causa a dedicar a vida. *E temos mil razões para viver...* Com 20

“Para dom Helder, a juventude não era somente a falta de rugas e de idade avançada. O que importava mesmo era a idade do coração e do espírito.”



anos, sem sombra de ruga ou cabelo branco, é possível ser um vencido da vida, um pessimista, um velho! [...] Abraçar uma grande causa, ser-lhe fiel, sacrificar-se por ela, é importante como acertar a escolha da vocação (CAMARA, 1976, p. 38).

Sabia que o evangelho nos lança para grandes causas, como a “causa do século”, ou seja, completar o 13 de maio – a libertação de todas as escravidões –, e o 7 de setembro – a verdadeira independência dos países. Por isso, ele podia dizer que “é também possível ter várias vezes dezoito anos, ser velho por fora e conservar intacta a juventude do espírito, do pensamento e do coração: o jovem mais jovem com quem encontrei no meu caminho tinha mais de oitenta anos e se chamava João XXIII” (CAMARA, 1976, p. 39).

Paulo VI gostava de recordar que, depois de anos, o sorriso e o olhar de dom Helder não envelheciam... A criança e o jovem continuavam vivos dentro dele (RAMPON, 2013, p. 45). Como afirma a canção “Dom”, dedicada a dom Helder: “Continuas um menino, querido ancião do povo. [...] Meu menino-ancião [...] o teu velho coração, sempre jovem, sempre bom, é o que me leva a chamar-te Simples, Simplesmente Dom”.¹

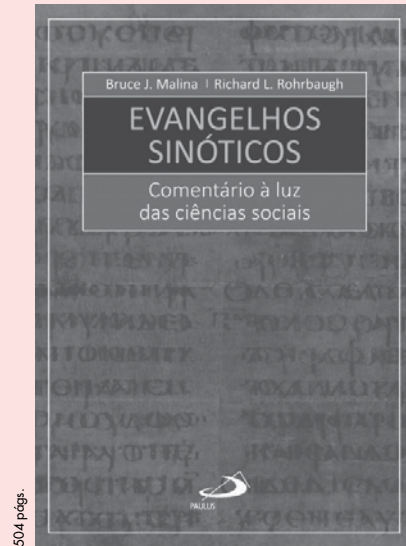
A vocês, jovens do tempo presente, o que diria hoje dom Helder? Continuaría deixando suas mensagens de paz, de esperança, de fé. Penso que pronunciaria o que está dizendo o papa Francisco:

Sim, jovens; ouvistes bem: ir contra a corrente. Isto fortalece o coração, já que ir contra a corrente requer coragem e Ele dá-nos esta coragem. [...] Com Ele, podemos fazer

¹ Faixa 4 do CD comemorativo dos cem anos de nascimento de dom Helder Camara: Dom Helder – pastor da paz. CNBB, NE 1.

Evangelhos sinóticos **Comentário à luz das** **ciências sociais**

Bruce J. Malina e Richard L. Rohrbaugh



“Com este livro pioneiro, [os autores] dão início a um novo gênero de comentário bíblico. Eles oferecem informações recentes, tiradas das ciências sociais, a respeito do contexto cultural agrário, pré-industrial, mediterrâneo-oriental em que os Evangelhos Sinóticos se originaram. Todo leitor aprenderá algo novo com este livro.” (Critical Review: Biblical Studies)

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



coisas grandes; Ele nos fará sentir a alegria de sermos seus discípulos, suas testemunhas. Apostai sobre os grandes ideais, sobre as coisas grandes. Nós, cristãos, não fomos

escolhidos pelo Senhor para coisinhas pequenas, ide sempre mais além, rumo às coisas grandes. Jovens, jogai a vida por grandes ideais! (FRANCISCO, 2013). ●

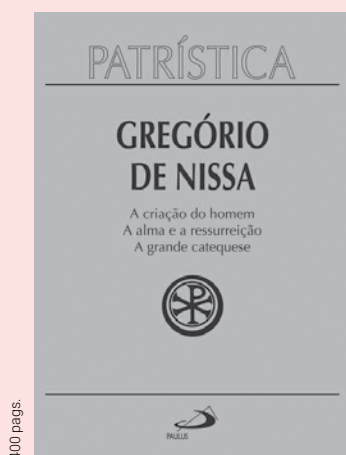
Bibliografia

CAMARA, H. *O deserto é fértil: roteiro para as minorias abraâmicas*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

PAPA FRANCISCO. *Santa missa e crisma: homilia do santo padre Francisco*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130428_homelia-cresime.html>. Acesso em: 28 fev. 2018.

RAMPON, I. A. *Francisco e Helder, sintonia espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. *O caminho espiritual de dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013.



A criação do homem – A alma e a ressurreição – A grande catequese **Patrística – Vol. 29**

Gregório de Nissa

Quem de fato foi S. Gregório de Nissa? Um bispo? Um teólogo? Um pensador? Um místico? Um exegeta? As numerosas obras, importantes e originais, de caráter polêmico, expositivo, doutrinal e exegetico, confirmam a figura poliédrica de S. Gregório de Nissa. Neste volume da coleção Patrística, o leitor tem acesso, pela primeira vez em tradução brasileira, a três das mais significativas obras do grande capadócio: “A criação do homem”, “A alma e a ressurreição” e “A grande catequese”.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

Roteiros homiléticos

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Pe. Johan Konings, sj, nascido na Bélgica, reside há muitos anos no Brasil, onde leciona desde 1972. É doutor em Teologia e mestre em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica). Atualmente é professor de Exegese Bíblica na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), em Belo Horizonte. Dedicava-se principalmente aos seguintes assuntos: Bíblia – Antigo e Novo Testamento (tradução), evangelhos (especialmente o de João) e hermenêutica bíblica. Entre outras obras, publicou: *Descobrir a Bíblia a partir da liturgia*; *A Palavra se fez livro*; *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis – anos A-B-C*; *Ser cristão*; *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*; *A Bíblia nas suas origens e hoje*; *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"*. E-mail: konings@faculdadejesuita.edu.br.



Johan Konings*

São Pedro e São Paulo, Apóstolos
1º de julho

Missão a todos, na unidade

I. Introdução geral

A festa que hoje celebramos é popularmente reconhecida como o *dia do papa*, sucessor de Pedro. Mas não podemos esquecer que, ao lado de Pedro, é celebrado também Paulo, o apóstolo, o missionário por excelência. A figura de Pedro é destacada principalmente na primeira leitura e no evangelho; a de Paulo, na segunda leitura. Mas a primeira leitura cria um espaço para falar dos dois: mostra que Deus está com seus enviados. Baseando-se na compreensão popular dos dois santos, pode-se combinar, nesta celebração, a ideia da pessoa de referência para a unidade da Igreja, como foi Pedro, e a do incansável missionário, que foi Paulo. O lema que se pode repetir na pregação é: “Missão a todos, na unidade”.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: At 12,1-11

A primeira leitura, tomada dos Atos dos Apóstolos, narra o episódio da prisão e libertação de Pedro. Por volta de 43 d.C., o rei judeu Herodes Agripa I, vassalo dos romanos, mandou executar o apóstolo Tiago, filho de Zebedeu. Depois mandou aprisionar Pedro. Mas o “anjo do Senhor” o libertou, como libertou os israelitas do Egito. A comunidade recorreu à arma da oração: é Deus quem age, ele é o libertador. Assim, Pedro é libertado da prisão pelo anjo do Senhor. Esse feito confirma sua missão especial na Igreja, ressaltada no evangelho. O significado desse episódio pode ser estendido à vida de Paulo, que, conforme At 16,16-40, viveu uma experiência semelhante, além de muitas outras situações de perigo e aperto (cf. 2Cor 11,16-33).

2. Evangelho: Mt 16,13-19

O evangelho apresenta Pedro como a pedra ou rocha da Igreja. A situação é a seguinte: Jesus havia enviado os Doze em missão, e eles tomaram conhecimento das reações do povo diante de Jesus, além do acontecido com João Batista, decapitado por Herodes Agripa. Quando os discípulos voltam da missão, Jesus lhes pergunta quem o povo e quem eles mesmos dizem que ele é. Pedro responde pelos Doze e chama Jesus de Messias (em grego, Cristo: cf. Mc 8,29) e Filho de Deus (como diz Mt 16,16; cf. 14,33). Enquanto o relato de Marcos (Mc 8,27-30) é mais simples, o de Mateus mostra que Jesus reage à profissão de fé feita por Pedro em nome dos Doze com três observações. Primeiro, reconhece nela uma inspiração divina: “não foi um ser humano (literalmente, ‘carne e sangue’) que te revelou isso” (Mt 16,17). Além disso, muda o nome de Simão, chamando-o, com um jogo de palavras, de Pedro, porque “sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e o poder (literalmente, ‘as portas’) do inferno nunca poderá vencê-la” (Mt 16,18).

Enfim, Jesus confia a Pedro o serviço de governar a comunidade (as “chaves” e o poder de ligar e desligar, ou seja, obrigar e deixar livre, poder de decisão), com ratificação divina (“será ligado/desligado no céu”, Mt 16,19).

Jesus dá a Simão o nome de Pedro, “Pedra”, que sugere solidez: Simão deve ser a “pedra” (rocha) que dará solidez à comunidade de Jesus (cf. Lc 22,32). Isso não é um reconhecimento de suas qualidades naturais, embora possamos supor que Simão deva ter sido um bom empresário de pesca! Pelo contrário, não se refere ao que Pedro foi, mas ao que será. Trata-se de vocação que o transforma. Muitas vezes, na Bíblia, a imposição de um novo nome significa que a pessoa recebe nova vocação e deverá transformar-se para corresponder. Na Bíblia, ser “rocha” é, antes de tudo, um atributo de Deus mesmo, o “Rochedo de Israel” (cf. Dt 32,4 etc.). Jesus, com certeza, não quer colocar Pedro no lugar do “Rochedo de Israel”, mas o incumbe, por assim dizer, de uma missão que tenha qualidade análoga. A firmeza e a proteção evocadas pela imagem da rocha não são algo que Simão Pedro tem em si mesmo (ele negará conhecer Jesus na hora em que deveria testemunhar), mas são a firmeza e a proteção de Deus das quais ele é constituído “ministro”, e essa “nomeação” vai acompanhada de uma promessa: as “portas” (cidade fortificada, reino) do inferno não poderão nada contra a Igreja. Esse ministério está a serviço do Reino dos céus (maneira de Mateus dizer o Reino de Deus). Assim como as chaves das portas da cidade são entregues a seu prefeito (cf. Is 22,22), assim Pedro recebe o governo da comunidade que instaura o Reino de Deus no mundo. Em Mt 18,18, autoridade semelhante é exercida pela comunidade, mas Pedro tem uma responsabilidade específica, unificadora, que dá solidez à Igreja.

3. II leitura: 2Tm 4,6-8.17-18

A segunda leitura evoca Paulo. Ele, que sempre trabalhou com as próprias mãos, está



agrilhoados; na defesa, ninguém o assistiu. Contudo, fala cheio de gratidão e esperança. “Guardou a fidelidade”: a sua e a dos fiéis. Aguarda com confiança o encontro com o Senhor. Ofereceu sua vida no amor, e o amor não tem fim (cf. 1Cor 13,8). Seu último ato religioso é a oblação da própria vida (cf. Rm 1,9; 12,1). Sua vida está nas mãos de Deus, que o arrebatou da boca das feras.

Sua vocação se deu por ocasião da aparição de Cristo no caminho de Damasco: de perseguidor, Paulo se transformou em apóstolo e realizou, mais do que os outros apóstolos, a missão de ser testemunha de Cristo até os confins da terra (cf. At 1,8). Apóstolo dos pagãos, tornou realidade a universalidade da Igreja, da qual Pedro é o guardião. A segunda leitura que hoje ouvimos é o resumo de sua vida de plena dedicação à evangelização entre os pagãos, nas circunstâncias mais difíceis: a Palavra tinha de ser ouvida por todas as nações (cf. 2Tm 4,17). A ninguém podia ficar escondida a luz de Cristo! O mundo em que Paulo se movimentava estava dividido entre a religiosidade rígida dos judeus farisaicos e o mundo pagão, entre a dissolução moral e o fanatismo religioso. Nesse contexto, o apóstolo anunciou o Cristo crucificado como a salvação: loucura para os gregos, escândalo para os judeus, mas alegria verdadeira para quem nele crê. Missão difícil. No fim de sua vida, Paulo pode dizer que “combateu o bom combate e conservou a fé”. Essa afirmação deve ser entendida como fidelidade na prática, tanto de Paulo como dos fiéis que ele ganhou. Como Cristo, o bom pastor, não deixa as ovelhas se perderem, assim também o apóstolo, enviado de Cristo, as conserva nesse laço de adesão fiel, marca de sua própria vida.

III. Pistas para reflexão

Conforme o evangelho, Simão responde pela fé dos seus irmãos. Por isso, Jesus lhe dá o nome de Pedro, que significa sua vocação de ser “pedra”, rocha, para que seja edificada

sobre ele a comunidade dos que aderem a Jesus na fé. Pedro deverá dar firmeza aos seus irmãos (cf. Lc 22,32). Essa “nomeação” vai acompanhada de uma promessa: o reino do inferno não poderá nada contra a Igreja, que é uma realização do Reino do céu. A libertação da prisão, lembrada na primeira leitura, ilustra essa promessa. Jesus confia a Pedro “o poder das chaves”, o serviço de administrador de sua “cidade”, de sua comunidade. Na medida em que a Igreja é realização (provisória, parcial) do Reino de Deus, Pedro e seus sucessores, os papas, são “administradores” dessa parcela do Reino. Eles têm a última responsabilidade do serviço pastoral. Pedro, sendo aquele que “responde” pelos Doze, administra ou governa as responsabilidades da evangelização (não a administração material). Quem exerce esse serviço hoje é o papa, sucessor de Pedro e bispo de Roma, cidade que, pelas circunstâncias históricas, se tornou o centro a partir do qual melhor se exercia essa missão. Pedro recebe também o poder de “ligar e desligar” – o poder da decisão, de obrigar ou deixar livre –, exatamente como último responsável da comunidade (a qual também participa nesse poder, como mostra Mt 18,18). Não se trata de um poder ilimitado, mas de responsabilidade pastoral, que concerne à orientação dos fiéis para a vida em Deus, no caminho de Cristo.

Se Pedro aparece como fundamento institucional da Igreja, Paulo aparece mais na qualidade de fundador carismático. Transformado por Cristo em mensageiro seu (“apóstolo”), ele realiza, por excelência, a missão dos apóstolos de serem testemunhas de Cristo “até os extremos da terra” (cf. At 1,8). As cartas a Timóteo, escritas na prisão em Roma, são a prova disso, pois Roma é a capital do mundo, o trampolim para o evangelho se espalhar por todo o mundo civilizado daquele tempo. Paulo é o “apóstolo das nações”. No fim da sua vida, pode entregá-la como “oferenda adequada” a Deus, assim como ensinou (Rm 12,1). Como Pedro, ele ex-



perimenta Deus como o Deus que liberta da tribulação (cf. a primeira leitura).

Hoje, celebra-se especialmente o “dia do papa”. Isso enseja uma reflexão sobre o serviço da responsabilidade última. Importa nos libertarmos de um complexo antiautoritário de adolescentes. Pedro e Paulo representam duas vocações na Igreja, duas dimensões do apostolado – diferentes, mas complementares. As duas foram necessárias para que pudéssemos comemorar, hoje, os cofundadores da Igreja universal. A complementaridade dos dois “carismas” continua atual: a responsabilidade institucional e a criatividade missionária. Essa complementaridade pode provocar tensões (cf. Gl 2); por exemplo, as preocupações de uma “teologia romana” podem não ser as mesmas que as de uma “teologia latino-americana”. Mas tal tensão pode ser extremamente fecunda e vital para a Igreja toda. Hoje, sabemos que o pastoreio dos fiéis – a pastoral – não é exercido somente pelos “pastores constituídos” como tais, pela hierarquia. Todos os fiéis são um pouco pastores uns dos outros. Devemos conservar a fidelidade a Cristo – a nossa e a dos nossos irmãos – na solidariedade do “bom combate”.

E qual será, hoje, o bom combate? Como no tempo de Pedro e Paulo, a luta pela justiça e pela verdade em meio a abusos, contradições e deformações. Por um lado, a exploração desavergonhada, que até se serve dos símbolos da nossa religião para fins lucrativos; por outro, a tentação de largar tudo e dizer que a religião é um obstáculo à emancipação humana. Nossa luta é, precisamente, assumir a libertação em nome de Jesus, sendo-lhe fiéis, pois, na sua morte, ele realizou a solidariedade mais radical que podemos imaginar.

14º Domingo do Tempo Comum
8 de julho

0 profeta no meio dos seus e para todos

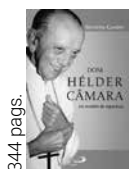
I. Introdução geral

“Santo de casa não faz milagre”: essa é, aparentemente, a lição do evangelho do 14º Domingo do Tempo Comum – Ano B. Porém, não devemos ver isso como uma mensagem negativa, centrada no aparente fracasso de Jesus no meio dos seus. Pelo contrário, esse trecho do evangelho prepara o que vamos ouvir nos próximos domingos: o “santo” não fica em sua casa, mas dirige-se a todos aqueles que esperam a sua mensagem; e os de casa saberão que houve um profeta no meio deles, como diz a primeira leitura. A aparente impotência do “santo” é uma denúncia contra seus conterrâneos que não são tão santos assim. A presença do profeta no meio deles deve conscientizá-los a respeito da vontade de Deus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mc 6,1-6

O evangelho de hoje conta o episódio da pregação de Jesus em sua própria terra. Para ver o significado desse episódio no conjunto da atividade de Jesus, devemos voltar até o início do Evangelho de Marcos. Depois de ser batizado por João, Jesus passa a anunciar



Dom Helder Câmara Um modelo de esperança

Martinho Condini

A obra caminha pela memória de Dom Helder, que ajudará a manter acesa nossa esperança.

paulus.com.br

11 3789-4000
0800-164011

vendas@paulus.com.br



a Boa-nova do reinado de Deus na Galileia em geral e, especialmente, na região de Cafarnaum, à beira do mar da Galileia, onde ele chama os primeiros discípulos. Desde o início, a atividade de Jesus é marcada pela expansão, pelo rompimento de fronteiras e pela abertura a todos os que necessitam de libertação. Já no início de seu ministério, Jesus repete, aos que querem segurá-lo para si, que ele deve pregar também nas outras cidades, e o faz de fato (cf. Mc 1,37-39). Ninguém é dono daquele que traz a Boa-nova do reinado de Deus.

É sobre esse pano de fundo que devemos ver o texto do evangelho de hoje. Depois de ter percorrido a Galileia, Jesus chega à sua cidade paterna, onde vivem seus parentes (ou “irmãos”, como a Bíblia chama os membros do mesmo clã). Segundo Lc 4,16, essa cidade é Nazaré (Lucas coloca esse episódio no início do ministério de Jesus, mencionando que Jesus já operou curas nas outras cidades – cf. Lc 4,23).

A chegada de Jesus à sua cidade se dá depois que ele pregou o reinado de Deus, em forma de parábolas, ao povo de toda a Galileia (cf. Mc 4,1-34). Nessa oportunidade Jesus havia dado a entender que seus verdadeiros irmãos não são necessariamente os parentes, os do seu clã, mas aqueles que escutam sua palavra e cumprem a vontade do Pai, o reinado de Deus (cf. Mc 3,34-35). Depois fez gestos admiráveis, milagres vistosos, que atestavam a sua missão profética, em ambos os lados do mar da Galileia (cf. Mc 5). Até chegar à sua cidade paterna (cf. Mc 6,1).

A reação de seus parentes é reticente, por espanto ou por inveja. Jesus é chamado de “carpinteiro”, alguém que faz telhados ou casas (Mt 13,55 diz “filho do carpinteiro”). Como um carpinteiro pode fazer coisas desse tipo? Mesmo sendo mais do que um escravo ou operário braçal, o carpinteiro, não tendo propriedade, era um sem-terra, um andarilho, que ia de lugar em lugar. O ensi-

namento admirável e as curas impressionantes, contados nos capítulos anteriores, não eram coisa de carpinteiro! Para um bom entendedor, deviam significar que Deus estava com aquele homem como estava com os profetas Elias e Eliseu, que faziam milagres e sinais. Porém, os habitantes de sua cidadezinha não percebem a realidade por esse viés. Alegam que conhecem os “irmãos” e “irmãs”, ou seja, os membros da família ou clã de Jesus, gente que não tem nada de especial. Alguns desses “irmãos” se tornaram importantes na primeira Igreja, principalmente Tiago e Judas, a quem são atribuídos duas epístolas no Novo Testamento; mas, no momento da pregação de Jesus em Nazaré, eles não tinham nada de especial.

Então Jesus clama sua vocação profética, usando como argumento a afirmação de que o profeta só não é reconhecido em sua própria terra. Os sinais do profeta são os milagres, mas, onde não há desejo desses sinais nem abertura para eles, não adianta fazê-los. Por isso Jesus não pôde fazer ali muitos milagres. Deus não queria. O poder maravilhoso que Deus lhe havia dado não servia para esse público.

Na sequência do Evangelho de Marcos, Jesus aparecerá sempre mais como o profeta rejeitado que, contudo, é o salvador do povo e de todos os seres humanos. Assumindo-se como o servo de Deus, dará sua vida pela multidão (cf. 10,45).

2. I leitura: Ez 2,2-5

A figura do profeta rejeitado é compreendida com maior clareza se olhamos a primeira leitura.

O Espírito de Deus vem sobre Ezequiel, que é chamado “filho do homem”, ou seja, simples filho da raça humana. Aqui, esse tratamento não tem o sentido particular que receberá a partir de Dn 7,13-14: o ser humano poderoso enviado de junto de Deus e, finalmente, identificado com o glorioso Juiz escatológico (cf. Mt 25,31; 26,64 etc.). Em Eze-



quiel, o termo “filho do homem” significa o homem como criatura humilde, em contraste com a grandeza de Deus. Ezequiel é um servo, encarregado por Deus da ingrata missão de explicar ao “resto de Israel” a sua situação. Esse “resto de Israel” é o povo desarticulado depois da parcial deportação em 597 a.C. Ezequiel sabe que, mesmo em sua situação de desterro, esse povo não vai gostar de seu recado, pois, desde o tempo de Moisés, costuma rejeitar os enviados de Deus (cf. Ex 2,14; 15,24; 16,2 etc.). Mas, pelo menos, eles saberão que no meio deles está um profeta, ou seja, que Deus não fica calado (cf. Ez 2,5).

Algo semelhante acontecerá a Jesus: mesmo se os seus concidadãos não acolherem sua mensagem, ficarão sabendo que ele passou no meio deles como profeta. E o fato de mais tarde alguns deles se terem tornado seus seguidores mostra o efeito dessa conscientização. Por outro lado, tudo isso nos ensina a ter paciência, pois o efeito da profecia e do testemunho não é imediato. Não devemos, porém, ficar sentados para esperar o efeito: Jesus se levantou e continuou sua missão (cf. Mc 6,6b).

3. II leitura: 2Cor 12,7-10

A figura de Paulo, na segunda leitura, reforça nossa disposição de assumir, apesar de nossa fragilidade, a missão que Deus nos confia, pois, com a missão, ele dá a força. A Jesus, em sua terra paterna, Deus não deu o poder de milagres, que para nada serviria, mas a Paulo, apesar de sua miséria humana, ele dá sua graça, para que tenha força suficiente. Não sabemos quais foram os problemas de Paulo nem o “espinho na carne” – coisa do demônio – que o incomodava. Isso não tem importância. O que importa é a conclusão. Paulo se gloria, felicita-se com sua própria fragilidade, pois ela faz aparecer a graça e a força que Deus lhe concede. Quando, por sua própria condição humana, o apóstolo é fraco, então ele é forte pela graça de Deus (cf. 12,10).

III. Pistas para reflexão

Os antigos israelitas não gostaram quando o profeta Ezequiel denunciou a infidelidade à Lei e à Aliança, infidelidade que provocou a catástrofe do exílio babilônico (1ª leitura). Mas, gostando ou não, Ezequiel entregou o recado: “Saberão que há um profeta no meio deles”. Algo semelhante aconteceu a Jesus quando foi pregar na sua própria terra, Nazaré, depois de ter percorrido Cafarnaum e as outras cidades da Galileia (evangelho). Os seus conterrâneos não aceitavam que esse homem, que conheceram morando no meio deles como operário braçal, lhes pregasse a conversão para participarem do Reino de Deus. Como poderia alguém socialmente inferior – não proprietário rural – ensiná-los com autoridade! Vale recordar a reação de muitas pessoas quando um operário se candidata a prefeito, governador ou presidente da República!

O evangelho nos diz ainda que, depois da rejeição ciumenta, Jesus não pôde fazer lá muitos milagres. Só uns milagrezinhos, umas curas de doentes. “Santo de casa...” A limitação dos milagres era um aviso de Deus para evidenciar a incredulidade dos destinatários, mas a pregação de Jesus não deixava de ser um sinal profético.

O que ocorreu a Jesus em Nazaré prefigura a rejeição que ele experimentará, poucos meses depois, em Jerusalém. Ali, não apenas recusarão sua palavra, mas o pregarão na cruz.

Como seria uma visita de Jesus a nós, católicos do tempo presente? Encontraria ouvintes? Até hoje, muitos seguidores de Jesus conheceram a mesma sorte. Pessoas simples, profetas que surgem, levantando a voz no nosso meio. São mortos por denunciarem as desigualdades, as injustiças sociais, a violência no campo e na cidade. São mortos, às vezes, por “bons católicos”. São considerados pouco importantes, porque não têm poder.



Mas sua palavra tem. Sua voz não se cala, mesmo que estejam mortos. Porque a voz da justiça e da fraternidade é a voz de Deus.

Ao profeta não importam posição social ou eloquência (cf. Jr 1,6). Paulo gloria-se em sua fraqueza, pois nela é Deus quem age. Ele só quer anunciar o evangelho do Cristo crucificado e pede que suportemos essa sua loucura. Poder e eloquência não importam. Importa que o profeta seja enviado por Deus. Talvez ele seja um simples andarilho, pouco refinado e muito chato, que sempre insiste na mesma coisa. Talvez não faça milagres vistosos, talvez só levante o ânimo de umas poucas pessoas simples. Talvez seja crucificado, figurativamente, pelos que gostam de se mostrar muito religiosos. Mas o que ele fala é Palavra de Deus.

15º Domingo do Tempo Comum
15 de julho

Jesus envia seus mensageiros

I. Introdução geral

No domingo anterior, foi-nos mostrado o exemplo de Jesus, profeta rejeitado em sua cidade paterna. Hoje, o evangelista mostra Jesus levando sua mensagem a outras cidades; e, para preparar seu anúncio do reinado de Deus, ele manda seus discípulos pregarem ali a conversão. Essa participação ativa dos primeiros discípulos de Jesus, com muita simplicidade e total empenho, é um exemplo para nós. Também aos discípulos de Jesus de nossos dias cabe participar ativamente de sua missão, seja onde for e a qualquer momento, do mesmo modo simples e direto dos primeiros discípulos-missionários. Mas, num primeiro momento, devemos pensar na preparação da Boa-nova de Jesus, por meio da conversão.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mc 6,7-13

No fim do evangelho de domingo passado, Jesus saiu da sua cidade, onde foi acolhido de modo cético. Deixou à sua terra o testemunho profético, voz de Deus que continuou ecoando, como sinal de contradição, enquanto Jesus deu seguimento à sua missão, dirigindo-se às outras cidades da Galileia e mesmo além da fronteira.

Neste domingo vemos que Jesus, ao ampliar seu raio de ação, convoca os doze discípulos, cuja vocação tinha sido mencionada anteriormente (cf. Mc 3,13-19). Faz parte do discipulado preparar o anúncio da Boa-nova pela pregação da conversão, como havia feito João Batista (cf. Mc 6,12; 1,4). Assim, os discípulos se tornam precursores da pregação do reinado de Deus por Jesus. Jesus é quem proclama o Reino, os discípulos pregam a conversão. O Evangelho de Lucas aponta para isso quando fala da missão dos setenta e dois discípulos: “Enviou-os de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir” (Lc 10,1).

Depois da preparação por João Batista, Jesus anuncia a Boa-nova (cf. Mc 1,14-15). Seu estilo é simples e direto. Assim deve ser o empenho dos seus discípulos. Nada os deve impedir: nem parentesco, nem posses materiais, nem mesmo roupas de reserva. Só devem levar aquilo que lhes pode servir no caminho: boas sandálias e um cajado (cf. Mc 6,8-9). Segundo Mateus e Lucas, reproduzindo uma tradição mais rigorista, Jesus teria proibido até isso (cf. Mt 10,10; Lc 9,3), mas Marcos é realista e sabe o que é indispensável para percorrer as estradas da Galileia.

Podem e até devem aceitar a hospitalidade de uma casa, de uma família que os acolha. Devem permanecer ali até a partida. Aceitando a hospitalidade de modo estável, eles mostram ser confiáveis, à diferença de



pregadores oportunistas que correm de casa em casa. E essa estabilidade parece antecipar a criação de comunidades caseiras, como as que encontramos nos primeiros dias da Igreja, por exemplo, na casa de João Marcos em Jerusalém (cf. At 12,12). Se, porém, não são bem-vindos, não devem perder tempo, mas sair da cidade, deixando somente o pó das sandálias como testemunho contra aquele lugar – assim como Jesus fizera em sua cidade paterna (cf. Mc 6,6: domingo passado). “Saberão que houve um profeta no meio deles” (Ez 2,5).

É notável que Jesus os ensina a iniciar pela expulsão dos demônios (cf. Mc 6,7.13), como ele mesmo fez na sua primeira pregação em Cafarnaum (cf. Mc 1,21-27). Expulsar os demônios, essas forças misteriosas do mal, é o sinal por excelência do poder de Deus, que age pela ação de Jesus. Os seus discípulos devem ser os instrumentos desse mesmo poder. O Reino de Deus deve afastar as forças opostas ao Reino, o antirreino. O modo simples e direto de Marcos citar as expulsões dos demônios – forças negativas, espírito impuros – contradiz toda a histeria que, no decorrer dos séculos, se criou em torno das assim chamadas possessões demoníacas. Não que essas doenças não sejam graves, mas não devem ser vistas como algo que possa impedir o poder de Deus. É exatamente para que façam a experiência do poder de Deus que os discípulos recebem o poder de expulsar demônios.

2. I leitura: Am 7,12-15

A simplicidade e autenticidade da missão que Deus confia aos profetas têm um modelo na vocação do profeta Amós, na primeira leitura. Ele não era “profeta nem filho de profeta”, ou seja, membro de uma confraria de profetas. Não fazia parte daquelas pessoas que, quase profissionalmente, diziam receber inspirações de Deus – o que decerto devia ser verificado numa perspectiva crítica, pois ha-

via também falsos profetas. Amós não era um desses profetas organizados. Não profetizava para ganhar o pão, como os profetas ligados à corte do rei ou aos templos de Betel, no Norte, e de Jerusalém, no Sul. Era pastor de ovelhas e cultivador de sicômoros, figueiras. Contudo, sem ser especialista em questões de culto e apesar de ser de Judá (reino do Sul), ele recebeu de Deus uma inspiração para pregar contra o formalismo do culto oficial na Samaria (reino do Norte). O que ele criticava, em sua missão, não era o culto a falsos deuses, mas, sim, o fato de o culto ser ministrado por pessoas falsas, cúmplices da injustiça dominante. Por isso, o sacerdote Amasias queria mandá-lo de volta para a sua terra de origem, mas Amós alegava ser enviado por Deus mesmo, e era isso que importava.

Essa sólida simplicidade, que está acima da pertença a uma organização ou região, caracterizava também os discípulos de Jesus, pescadores ou agricultores da Galileia (o antigo reino do Norte). Não tinham outra coisa para se legitimarem senão a palavra de Jesus.

3. II leitura: Ef 1,3-14 ou 1,3-10

A segunda leitura de hoje é tomada da carta de Paulo aos Efésios, carta de pensamento elevado, místico até, que descreve o mistério da salvação universal realizada por Jesus Cristo, acima de todas as categorias humanas e celestiais. Salvação pelo amor de Deus, amor que se manifesta no sangue de Jesus, ou seja, no fato de o Filho de Deus, em união total com o amor do Pai, mostrar esse amor na doação da própria vida. Em seu amor até o fim, Jesus deu a conhecer o amor do Pai. É esse o “mistério” que deve ser revelado, especialmente aos que se tornam ouvintes e discípulos de Jesus. Nesse mistério são unidos todos os povos, judeus e gentios, e é superado o pecado que nos separa de Cristo e de nossos irmãos e irmãs. Por isso, Jesus Cristo é a cabeça que mantém unido todo o universo.



III. Pistas para reflexão

Amós e os discípulos-missionários de Jesus nos fazem refletir sobre nossa missão e comprometimento hoje.

Amós não era profeta nem “filho de profeta”: profetizar não era seu ganha-pão. Vivia do trabalho de suas mãos como pastor de rebanhos e cultivador de figueiras. Não era cidadão da Samaria, onde proferiu sua crítica profética; era de Judá, região que vivia em conflito com os samaritanos. Mesmo assim, Deus o escolheu para dar sério aviso ao sacerdote de Betel, santuário da Samaria.

Tampouco eram missionários profissionais os doze que Jesus enviou a preparar sua chegada. Estavam entregues à sua missão e à hospitalidade que encontrassem. Recebiam, sim, de Deus o poder de fazer sinais, curas e, sobretudo, exorcismos, que significavam a vitória do reinado de Deus sobre o antirreino. Nada deviam ter de si mesmos: nem dinheiro, nem roupa de reserva; só sandálias e um bom cajado para caminhar. Deviam avançar com pressa, pois o tempo havia se cumprido!

O discípulo-missionário não precisa ser um orador capaz de discutir nas ruas e nas praças nem deve enganar pessoas ingênuas ou tirar um “dízimo” ou “aposta” dos que nem têm dinheiro para criar os filhos... Jesus deu aos doze galileus poder de curar e de expulsar demônios para pregarem a conversão em vista do reinado de Deus. Deu-lhes poder para fazer o bem ao povo, enquanto anunciavam a proximidade do Reino que ele vinha inaugurar. Os gestos dos discípulos eram um aperitivo do Reino. O bem que muitas pessoas fazem, em sua generosa simplicidade, é um aperitivo do Reino de Deus. Já tem o gosto daquilo que chamamos de Reino, que é a realização da vontade do Pai, como rezamos no Pai-nosso.

O texto de Marcos apresenta os enviados não como os que proclamam o Reino pessoalmente, mas como os que recebem o poder

de pregar a conversão e fazer os sinais que apontam para o Reino. Quem, de fato, proclama e inaugura o Reino é Jesus. Isso também hoje tem significado para os cooperadores de Cristo em sua missão. O Reino é de Cristo, e Cristo de Deus (cf. 1Cor 3,23).

No presente, nós estamos um passo além dos primeiros discípulos. O Reino já mostrou seu rosto em Jesus. Já sabemos qual é a prática do Reino, e essa prática é o anúncio mais eficaz do Reino. Vendo a prática do Reino, as pessoas vão perguntar pelo porquê: as “razões de nossa esperança” (1Pd 3,15). Se nos comportarmos com simplicidade, entregues àquilo em que acreditamos, ajudando onde pudermos, sem apoiarmos causas erradas e estruturas injustas, o mundo perguntará que esperança está por trás disso, que fé nos move, que amor nos envolve. Então responderemos: o amor que aprendemos de Jesus, que deu sua vida por nós. A palavra do pregador será fidedigna, se acompanhada de uma prática que mostre concretamente o Reino.

Se acreditamos que a prática de Jesus garante a salvação do mundo e mostra o caminho a todas as gerações, não podemos guardar isso para nós. O mundo tem de ouvi-lo. “Como poderão crer, se não ouvirem?” (Rm 10,14). Quem crê verdadeiramente tem de evangelizar. O papa atual, Francisco, é um mestre em proclamar pela palavra e mostrar pelo gesto como é o reinado de Deus.

E qual conversão é preciso pregar para que o anúncio do Reino caia em terra boa e fértil? Como preparar o terreno para que o Reino, inaugurado por Jesus e animado por seu Espírito, possa brotar e crescer? Os discípulos receberam o poder de expulsar demônios antes que Jesus chegasse com sua proclamação. Não seria essa fase importante também hoje? Preparar o chão do mundo para a semente do evangelho, a *preparatio evangelii*. Fazer o mundo melhor, incentivando a mudança de vida, a ética, a justiça e a fraternidade, em vista do que Cristo realiza. Por isso os cristãos devem colaborar com tudo o



que é valioso aos olhos de Deus neste mundo, também fora do âmbito da Igreja confessional. O empenho do papa Francisco pela justiça e pela fraternidade em regiões onde a presença cristã formal é mínima é um exemplo nesse sentido. Ora, essa “presença cristã mínima” se constata cada dia mais também nos assim chamados países cristãos ou até católicos. Por exemplo, que porcentagem dos estudantes universitários no Brasil pratica a fé de modo confessional? Entretanto, muito maior é a porcentagem que pode ser alcançada pela ação por mais justiça e fraternidade. Assim há muitos terrenos em que podemos exercer a *preparatio evangelii* com simplicidade e humildade, sabendo que Cristo e seu Espírito darão o crescimento.

16º Domingo do Tempo Comum
22 de julho

Ovelhas sem pastor

I. Introdução geral

A liturgia de hoje é marcada pela condescendência quase pedagógica de Jesus – e de Deus nele – com o povo que, esperançoso, de todos os lados, acorre até ele. A preparação de sua chegada pelos discípulos – assunto de domingo passado – teve efeito. O povo procura Jesus. Esse povo é como ovelhas que não têm pastor, e Jesus lhes ensina muitas coisas. Dá-lhes o ensinamento do reinado de Deus. Que significa isso para o nosso tempo tão desorientado?

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mc 6,30-34

No domingo passado, ouvimos como Jesus enviou os Doze a preparar sua chegada para anunciar o Reino de Deus. Hoje encontramos os discípulos voltando de sua missão-estágio, impressionados com o que experi-

mentaram. Certamente conheceram momentos bonitos, mas também outros preocupantes, como a notícia que colheram a respeito da morte de João Batista, decapitado por Herodes Antipas (cf. Mc 6,14-29). Jesus lhes propõe então um momento de descanso, na solidão. Decerto lhes quis ensinar o valor da solidão e da interiorização, assim como ele mesmo procurava encontrar-se com o Pai na solidão (cf. Mc 1,35). Entrando no barco, procuram um lugar deserto (cf. 6,31-32). Mas a vontade do Pai é imprevisível: quando chegam ao lugar desejado, encontram a multidão, que, por terra, tomara a dianteira. Aí, Jesus, obediente à sua missão, deixa-se mover pela “compaixão”, característica primeira de Deus (cf. Ex 34,6 etc.), pois reconhece na multidão as ovelhas que precisam do pastor. Realiza-se, veladamente, mais uma vez, uma figura do reinado de Deus (como o “esposo” em Mc 2,19): a reunião do rebanho escatológico, vindo “de todas as cidades” (Mc 6,33). De fato, a reunião de todo o rebanho de Israel e Judá é uma feição do sonho da salvação definitiva do povo (cf. Jr 23,3; Ez 34,13). Mas o leitor sabe que a visão universal de Jesus e do evangelista vai além das tribos de Israel; para nós, esse rebanho que converge em torno de Jesus significa todos os povos, todos os membros da humanidade, os excluídos: as “ovelhas que não têm pastor” (Mc 6,34).

O sentido bíblico desse tema se esclarece com a primeira leitura.

2. I leitura: Jr 23,1-6

O tema das ovelhas que não têm pastor lembra imediatamente a insuficiência dos líderes de Israel. Em suas origens, Israel era um povo principalmente de pastores, que migravam com seus rebanhos pelas terras do Próximo e Médio Oriente. Espontaneamente chamavam de “pastor” a quem exercia a liderança, também no plano militar. Josué é indicado para ser o sucessor de Moisés para que o povo não seja como um rebanho sem pastor (cf.



Nm 22,17). Quando o profeta Miqueias de Jimla prediz a derrota do rei Acab, tem uma visão do povo como ovelhas sem pastor (cf. 2Rs 22,17). Moisés mesmo é chamado pastor de Israel (cf. Is 63,11) e também o rei Davi, criado no ambiente pastoril (cf. Ez 34,23; 37,24). Mas o verdadeiro pastor de Israel é Deus mesmo (cf. Gn 49,24; Is 40,11; Jr 31,10; Ez 34,12-13 etc.; e Sl 23, salmo de resposta na liturgia de hoje). Ele é completamente fidedigno, como também Jesus, o “pastor excelente”, que não abandona as ovelhas (cf. Jo 10,11.14).

O profeta Jeremias, nesta primeira leitura, faz uma proclamação sobre os maus pastores e o verdadeiro pastor de Israel. Os reis de Judá foram maus pastores para o rebanho; por isso, serão castigados (cf. Jr 23,1-2). Mas Deus reunirá novamente seu rebanho, de todos os lugares, e lhe dará um bom pastor (cf. Jr 23,3-4), descendente de Davi, que poderá chamar-se “Javé nossa justiça”. Este título (*Iahweh Sidqênu*) inverte o nome do rei-fantochê, contemporâneo de Jeremias, chamado Sedecias (*Sedeqiáhu*, “Justiça de Javé”). O rei messiânico (assinalado pela figura de Davi) realizará, por assim dizer, o pastoreio de Deus mesmo. É nesse sentido que o evangelista Marcos apresenta Jesus reunindo em torno de si o povo, que é como “ovelhas que não têm pastor” (Mc 6,34).

3. II leitura: Ef 2,13-18

A segunda leitura, embora escolhida para continuar a leitura da carta aos Efésios, iniciada no domingo passado, não deixa de enriquecer o pensamento principal da liturgia de hoje. Fala da unidade de gentios e judeus em Jesus Cristo. Do ponto de vista do judaísmo, os gentios estavam longe de Deus. Cristo, porém, trouxe-os para perto. Mediante aqueles que Paulo chama de gentios, Deus chamou a todos. Já não há discriminação. De judeus e gentios, daqueles que estão perto e dos que estão longe, Deus fez, em Jesus Cristo, nova realidade humana: o “homem novo” (Ef 2,15).

Reconciliados com Deus pela adesão a Jesus Cristo, que por amor deu sua vida por nós, somos unidos a Deus, a Jesus e também aos nossos irmãos e irmãs, venham de onde vierem.

III. Pistas para reflexão

O tema das ovelhas que não têm pastor (e o encontram em Cristo) merece toda a nossa atenção nos tempos atuais. A propósito, muitos que formalmente são considerados cristãos, porque batizados, na realidade não se sentem atendidos pela “religião” cristã em sua forma tradicional ou mesmo modernizada. Tampouco no campo social e político encontram direção firme. A sociedade exhibe um aspecto caótico, e não vemos, de imediato, um ponto de referência que una as pessoas e as faça conviver em harmonia. Diante disso, o evangelho deste domingo nos mostra Jesus tendo compaixão dessa multidão, que é como ovelhas sem pastor. E o que é que ele faz? “Pôs-se a ensinar muitas coisas” (Mc 6,34).

No Antigo Testamento, pastor é aquele que orienta e conduz. Vai à frente das ovelhas para conduzi-las a pastar. Assim, chamavam-se pastores os chefes do povo de Israel: os reis, Moisés, o Messias e, sobretudo, Deus mesmo (cf. Jr 23,1-6: primeira leitura). Deus se apresenta em contraposição aos maus pastores. Estes dispersam o rebanho, o bom pastor reconduz os dispersos.

O projeto de reconduzir o povo recebe sua plena realização em Jesus de Nazaré. Vendo a multidão carente de pastor, tem compaixão dela e começa a ensinar-lhe as coisas do Reino. Temos aí a origem da “pastoral”. A pastoral consiste em pôr em prática a “compaixão” pelo povo. Não a compaixão de chamar alguém de coitado, sem fazer nada, mas a “paixão” que nos faz sentir (e até sofrer) “com” o povo.

Acolhê-lo, ensinar-lhe as coisas do Reino, tudo o que Jesus faz ao povo com vista ao Reino é “pastoral” em proveito de Deus, é



cuidar de seu rebanho. Por isso, Jesus dará até a vida (cf. Jo 18,11-18). O que faz algo ser pastoral não é uma ou outra atividade determinada, mas o intuito com que é assumida: transformar um povo sem rumo em povo conduzido por Deus.

Por isso, na atualidade, o importante não é multiplicar atividades, chamando-as de pastoral, mas providenciar para que os que as realizam tenham alma de pastor, atitude de pastor: acolhida, liderança e amor até a doação da própria vida.

Pastoral é conduzir o povo pelo caminho de Deus. É inspirada não pelo desejo de poder, mas pelo espírito de serviço. Jesus não procurou arrebanhar o povo para si. Tanto que, ao constatar, depois de oferecer o pão multiplicado, o entusiasmo equivocando, ele se retirou (cf. Jo 6,14-15: evangelho do próximo domingo). Jesus procura levar o rebanho ao Pai, só isso, mas isso é tudo. Ser pastor não é autoafirmação, mas o dom de orientar carinhosamente o povo eclesial para Deus.

Daí a importância de enriquecer nossa pastoral, não multiplicando a organização, mas incrementando o carinho da “com-paixão”, que é também o carinho do ensinamento, não tanto doutrinal, mas pedagógico, paciente, como o da mãe que se curva para orientar o seu filhinho.

17º Domingo do Tempo Comum
29 de julho

Pão para a multidão

I. Introdução geral

No domingo passado, a liturgia apresentou Jesus, movido por compaixão, ensinando muitas coisas ao povo desorientado. Ora, um bom ensino não apenas oferece teoria, mas in-

clui também exemplos práticos. É o que nos mostra a liturgia de hoje: Jesus sacia a multidão, mas não cede ao imediatismo entusiasta demonstrado posteriormente pelo povo. E nos próximos domingos será apresentado o sentido profundo da “multiplicação do pão” que a liturgia deste dia nos recorda.

Apesar de estarmos no Ano B, o evangelho de hoje não é tomado de Marcos, mas de João, e isso se repete nos próximos domingos. O Evangelho de Marcos (Tempo Comum do Ano B) é mais breve que o de Mateus (Ano A) e o de Lucas (Ano C); por isso, alguns trechos da primeira parte de João (os “sinais” de Jesus) foram escolhidos para completar o ciclo de Marcos. (A segunda parte de João, relacionada com o mistério pascal, é lida na Quaresma e no Tempo Pascal dos três anos litúrgicos.) Assim, o capítulo 6 de João aparece no ano “marcano” (B) como uma meditação sobre as multiplicações dos pães, narradas em Mc 6,35-44 (substituída, hoje, por Jo 6,1-15) e Mc 8,1-9 (omitida).

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Jo 6,1-15

A versão joanina da multiplicação do pão é semelhante à de Marcos, mas coloca os acentos de modo diferente e, sobretudo, revela uma tensão muito significativa entre o gesto messiânico da multiplicação do pão (cf. Jo 6,1-13) e a retirada de Jesus, logo depois (cf. 6,14-15).

Vale a pena verificar algumas diferenças entre as versões de João e Marcos. Em primeiro lugar, João situa o fato na proximidade da Páscoa, festa em que os judeus lembram o êxodo e o sustento que receberam de Deus no deserto. Ele diz “a Páscoa dos judeus”, dando a entender que o sentido cristão pode ser outro. Quanto ao milagre mesmo, em Marcos ele é enquadrado no contexto da “aprendizagem” dos discípulos (a partir de



Mc 6,7), que têm no episódio participação bastante ativa, o que não é o caso em João. Em Mc 6,37 os discípulos avisam Jesus de que seu ensino se estende e o povo deve procurar comida. Em João, nem se fala em ensino, mas tem-se a impressão de que Jesus pensou somente em oferecer pão à multidão (cf. Jo 6,5-6). João coloca a iniciativa totalmente nas mãos de Jesus. Assim, desaparecem em João os traços comunitários do relato marcano, que pode ser lido como uma partilha, da parte dos discípulos, a serviço da comunidade (cf. Mc 6,37-38). Em João não são os discípulos que, de sua provisão, distribuem ao povo. Jesus mesmo distribui. Além disso, João acrescenta alguns detalhes que evocam a atuação do profeta Eliseu em 2Rs 4,42-44: os pães “de cevada” (2Rs 4,42) e o “moço” (cf. Giézi em 2Rs 4,39.43) – o que justifica a escolha dessa perícopes como primeira leitura de hoje.

João dá ao relato de Marcos um aprofundamento cristológico. Em Marcos, o mistério do Cristo é velado aos olhos dos discípulos. Em João, os discípulos são testemunhas do mistério que transparece no “sinal” de Jesus. Esse mistério se faz pressentir pela pergunta inicial: “De onde compraremos pão?”, em Jo 6,5. A expressão “de onde” já sugere ao leitor iniciado no mistério de Jesus a resposta: “de Deus” – e Jesus esclarecerá isso a seguir, no “discurso do Pão da Vida” (cf. Jo 6,24-71). O Jesus de Marcos deixa velada a natureza de sua missão, porque as categorias messiânicas do povo são inadequadas para compreendê-la; o Jesus de João revela ao cristão instruído a glória de Deus. Mas o resultado é o mesmo: nas duas versões, quem se apegue às categorias messiânicas antigas fica por fora.

No fim do episódio, João descreve com insistência maior a quantia de restos que sobram, sublinhando, mais uma vez, a revelação da obra de Deus em Jesus Cristo: nada (e ninguém) pode perder-se (cf. 6,12; 6,38).

Em Marcos não temos a reação equivocada do povo depois da refeição. Em Jo 6,14-15, o povo vê Jesus como “o profeta que deve vir ao mundo”, isto é, Moisés, o protoprofeta (cf. Dt 18,25) que saciou o povo. Mas Jesus se retira. Isso tem significado muito especial para João. O povo quer ver em Jesus o messias-profeta escatológico, que deve vir ao mundo, mas não percebe que sua missão divina supera a expectativa deles. O povo quer arrebatá-lo para proclamá-lo rei segundo as categorias messiânicas tradicionais. Jesus, porém, não é rei nesse sentido (veja-se sua resposta a Pilatos: Jo 18,33-37). Não pode aceitar o messianismo do povo. Retira-se na solidão (cf. 6,14-15 e a recusa do messianismo judeu em Mc 8,27-33).

2. I leitura: 2Rs 4,42-44

Contemple-se inicialmente a primeira leitura, que mostra alguns traços discretamente entretecidos no texto do evangelho. Narra um episódio da história de Eliseu, que, assim como Elias, renova os “grandes feitos” de Deus do tempo do êxodo – no caso, alimentar o povo.

Eliseu sacia cem pessoas com vinte pães de cevada, destinados à oferta de primícias. Quando o seu ajudante, o moço Giézi, questiona a possibilidade de alimentar o povo com tão pouca coisa, o profeta aponta para o poder e a generosidade do Senhor: “Comerão e sobrarão”, frase que lembra a fartura do maná no deserto. O Evangelho de João traz um eco desse episódio, porque a plena abundância do tempo messiânico se realiza em Jesus Cristo.

3. II leitura: Ef 4,1-6

Na segunda leitura, continua a carta aos Efésios, como nos domingos anteriores. Da essência da Igreja faz parte sua unidade, baseada em Deus e na sua obra em Cristo. Enquanto Ef 4,4-6 enumera as realidades divinas e individuais que fundamentam a Igreja, Ef 4,1-3 ensina



os meios para realizar essa unidade: a humildade, o mútuo suportar-se na caridade, a unidade do Espírito mediante o vínculo da paz. Portanto, não se trata de uma unidade de conveniência ou de rótulo, mas construída pela caridade: um Corpo, um Espírito, um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus e Pai.

III. Pistas para reflexão

Em certos ambientes, é comum surgirem críticas à ação social da Igreja e, muito mais, às suas declarações sobre a política e a economia. Julga-se que a Igreja não deve tocar em assuntos “temporais”, mas ocupar-se com o “espiritual”. Mas, por acaso, a violência, a impunidade, a falta de saúde e de bom ensino, a fome de grande parte da população não dizem respeito ao Reino de Deus, que Jesus veio anunciar e inaugurar e a Igreja pretende atualizar?

No domingo passado, o Evangelho de Marcos descreveu a chegada de Jesus perante a multidão: compadeceu-se dela, porque era como ovelhas sem pastor. E começou a ensiná-la, com a consequência de que, no fim do dia, teria de alimentá-la. Esse gesto de alimentar materialmente o povo, a liturgia o descreve hoje nas palavras de João, preparando o aprofundamento no “sermão do Pão da Vida” (ausente de Marcos), lido nos próximos domingos.

Segundo João, Jesus não agiu surpreendido pelas circunstâncias, mas porque quis, expressamente, apresentar pão ao povo (cf. Jo 6,5-6), para depois mostrar qual é o verdadeiro “Pão”. Se, em Marcos, Jesus manda os discípulos distribuir o pão – um exemplo para a Igreja –, João diz que Jesus mesmo o distribui, para acentuar que o pão é o dom de Jesus. E, no fim, João menciona que o povo quer proclamar Jesus rei (messias), mas este se retira, sozinho, para a região montanhosa (cf. Jo 6,14-15).

Este último traço é muito significativo. O específico de Jesus não era distribuir cestas básicas, como se pretendesse ser prefeito.

Sua atenção bem autêntica para resolver o problema material tem valor de “sinal”, mas não é exclusividade dele. É dever de todos. Para resolver os problemas materiais do povo, há meios à disposição, desde que na sociedade haja responsabilidade e justiça. Mas exatamente para isso é preciso algo mais fundamental: que as pessoas levem em consideração o Deus de amor e justiça que se revela em Jesus. O sermão do Pão da vida, que ouviremos nos próximos domingos, esclarecerá isso ao “leitor joanino”.

A preocupação social da Igreja deve pautar-se por essa linha. Para resolver os problemas econômicos e sociais, os meios estão aí. O Brasil é rico; mas é preciso que haja pessoas justas, sensíveis às necessidades do povo, para bem gerenciar essa riqueza. A missão específica da Igreja é, em primeiro lugar, colocar os responsáveis diante da vontade de Deus, como Jesus fez. E criar uma comunidade na qual o que Jesus ensinou seja posto em prática.

Para isso, não basta pregar ingenuamente a “boa vontade”, se as pessoas não forem conduzidas a uma prática eficaz. A boa vontade de usar bem os meios econômicos segundo a justiça social precisa de leis que funcionem, de mecanismos econômicos e de “estruturas” que os reproduzam, para amarrar a boa vontade a realizações concretas. Não é o papel da Igreja – senão subsidiariamente – inventar e implantar tais mecanismos, assim como Jesus não quis ser rei, mas a Igreja tem de mostrar o rosto de Deus, que é Pai de todos e deseja que nos tratemos mutuamente como irmãos. E para isso ela não pode deixar de apontar as responsabilidades concretas.

Ao fornecer pão à multidão, Jesus realiza um sinal que o autoriza como profeta de Deus, mas esse sinal não é uma façanha qualquer. O sinal é o dom que Deus faz em Jesus, o dom que Jesus é, o dom que dá vida ao mundo.



18º Domingo do Tempo Comum

5 de agosto

“Eu sou o pão da vida”

I. Introdução geral

Na semana passada, ouvimos o relato de João acerca do sinal da multiplicação dos pães, o qual não aponta para Jesus como o rei que vai resolver os problemas materiais do povo, mas, sim, como o profeta de Deus que dá a conhecer sua vontade. Hoje Jesus nos revela que ele mesmo é esse dom do pão verdadeiro, que dá ao mundo a vida que nos une com Deus, a vida verdadeira, que ultrapassa os nossos dias na terra.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Jo 6,24-35

Sobre o pano de fundo da lembrança do maná (primeira leitura), compreendemos as palavras reveladoras dirigidas por Jesus ao povo que, depois da multiplicação dos pães, o encontra em Cafarnaum (cf. Jo 6,24.59). Vale lembrar que João situa esse relato no tempo da Páscoa (cf. Jo 6,4), o que reforça a recordação do êxodo. O maná do deserto é a prefiguração do dom de Deus, que em Jesus aparece em plenitude.

Depois da multiplicação dos pães, vendo que o povo se equivocava (cf. 6,14-15), Jesus se retirou para a montanha sozinho, enquanto os discípulos atravessavam o lago. O povo voltou a Cafarnaum e aí encontrou Jesus, que tinha atravessado o lago andando sobre as ondas (cf. 6,16-24). Admiravam sua presença, mas, superficiais, viram no sinal do pão apenas a satisfação da fome, e não um sinal de Deus que legitimava seu enviado, Jesus (cf. 6,26).

Inicia-se então um diálogo, no qual os judeus se mostram preocupados com a Lei,

mas obtusos quanto à realidade de Deus. Perguntam o que devem fazer. Jesus lhes diz que a obra do Pai é que acreditem no Filho (cf. Jo 6,28)! Então, pedem um sinal como o de Moisés, que, segundo eles, deu o maná do céu. Jesus, relativizando o sistema mosaico do qual são árdios defensores, responde não ter sido Moisés quem deu, no passado, pão do céu, mas Deus é quem dá, agora, o verdadeiro pão que desce do céu, a plenitude de seu dom: seu enviado, Jesus, que, por sua palavra e pelo dom de sua vida, faz o ser humano viver verdadeiramente.

Esse dom é bebida e alimento, como diz Is 55,1-3 a respeito do ensinamento de Deus. Dá plena satisfação, tudo o que é preciso para viver, em todo momento e para sempre: “Quem vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (Jo 6,35). Na doação, sem restrição, de sua vida, Jesus comunica a vida verdadeira, que não perece: a vida dada como ele a deu.

2. I leitura: Ex 16,2-4.12-15

A liturgia da Palavra deste domingo evoca inicialmente uma lembrança fundamental de Israel no deserto: o fato de Deus ter sustentado o seu povo com o pão que descia do céu, o maná. Essa lembrança era tão fundamental, que no Israel antigo se guardava, na arca da Aliança, ao lado das tábuas da Lei, uma vasilha com o maná (cf. Ex 16,33-34; Hb 9,4). No deserto do êxodo, Deus deu ao povo não apenas a Lei, que orienta a vida, mas também o alimento que sustenta o povo. Por isso o relato do maná é fundamental para nossa memória bíblica.

No caminho pelo deserto, o povo de Israel mostrou-se ambíguo, duro de cerviz e de coração. Quando faltou alimento, murmuraram contra o Senhor e disseram ter saudade das carnes aceboladas do Egito. No entanto, Deus se mostrou generoso e atendeu à reclamação do povo com “o pão que desce do céu”, como diz poeticamente o Sl 78[77]



(salmo responsorial de hoje). Na realidade, o maná era um produto natural (resina de tamaré), mas, no contexto do Êxodo, era um sinal da incansável providência de Deus.

3. II leitura: Ef 4,17.20-24

A segunda leitura continua com a carta aos Efésios, como nos domingos anteriores. Como o evangelho, esta leitura fala da oposição entre o antigo e o novo. Nesse caso, porém, o antigo não é apenas o sistema da Lei judaica, mas o paganismo, do qual provém boa parte dos cristãos de Éfeso. Se os judeus procuravam “obras de Deus” no seu legalismo ultrapassado, os gentios eram dirigidos por seus desejos e impulsos, simbolicamente representados pelas divindades do politeísmo. Seja como for, tanto o judeu apegado ao sistema mosaico quanto o pagão envolvido com ídolos falsos (o qual está também no meio de nós e em nós) devem abrir o ouvido para Cristo. Jesus encarna, em sua pessoa e mensagem e no dom de sua vida por amor, a palavra da verdade que vem de Deus.

III. Pistas para reflexão

O evangelho de hoje é o início do “sermão do Pão da Vida”, com o qual o evangelista João dá continuidade ao “sinal” da multiplicação dos pães, narrado domingo passado. Nos próximos domingos, o tema continuará.

Depois da multiplicação dos pães, Jesus volta a Cafarnaum (cf. Jo 6,24). Os contrarrealistas querem saber como ele está de volta de repente, se não embarcou com os discípulos na noite anterior. Jesus lhes faz sentir que, apesar de terem presenciado o milagre do pão, não enxergaram nisso um sinal daquilo que ele significa: o ensinamento de Deus oferecido ao mundo. Apenas se saciaram de pão. Não entenderam que a refeição era um sinal. Eram como um motorista que pensa que sinal vermelho é apenas enfeite...

Os judeus perguntam que “obra” Deus espera deles – pois querem esforçar-se para

que Deus se veja obrigado a dar-lhes a salvação! Mas Jesus diz que o esforço que Deus espera deles é que acreditem naquele que ele enviou (cf. 6,29). Percebendo que Jesus está falando de si mesmo, querem ver suas credenciais. Moisés tinha credenciais, pois está escrito: “Deu-lhes pão do céu a comer” (6,31; cf. Sl 78[77],24). Responde Jesus que não foi Moisés quem deu o pão do céu, no passado, mas agora o Pai é que está dando o verdadeiro pão do céu: aquele que desce do céu e dá vida ao mundo. Continuando no trilho do pão material e pensando no problema do sustento, os judeus replicam: “Dá-nos sempre esse pão”. Então Jesus diz abertamente o que significa a sua palavra enigmática e o sinal que ele realizou no dia anterior: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá mais fome e quem crê em mim não terá mais sede” (6,35).

Esta frase ecoa um texto da Escritura, Is 55,1-3: em meio à idolatria da Babilônia, o profeta orienta os exilados para o único Senhor. O que se consegue com os deuses babilônios não vale nada, é mero engodo comercial, pão que não alimenta! Mas quem escuta a voz do Senhor recebe, de graça, a sabedoria da vida, a aliança duradoura com Deus, o cumprimento de suas promessas. Assim, quem se alimenta com a palavra de Jesus recebe o “pão da vida”, e quem se dirige a ele não sofrerá nem fome nem sede.

Não interpretemos isso com aquele materialismo às avessas que diz que as coisas materiais passam e as espirituais permanecem. Depende do que se entende por esses termos! Se “espiritual” significa apenas erudição e brilho intelectual ou divagação etérea em doutrinas sublimes, então isso é o que passa! E se “material” significa dedicar-se ao pão dos pobres, isto é o que permanece, coisa do Espírito de Deus! Pois é a vontade do Pai. A tensão entre o material e o espiritual não se resolve por um “ou-ou”, mas é superada no “e-e”. O que é feito segundo Cristo é spiritu-



al e material ao mesmo tempo, um no outro. As coisas do Espírito se encarnam em nossa atuação material, como Cristo se encarnou. Assim é o pão que desce do céu.

19º Domingo do Tempo Comum

12 de agosto

Todos serão ensinados por Deus

I. Introdução geral

No domingo passado, ouvimos o início do sermão do Pão da Vida, onde Jesus dá a chave de interpretação do sinal da multiplicação dos pães. O pão que desce do céu e dá vida ao mundo é Jesus. Importa saber, porém, que ele dá a vida não mecanicamente, mas porque diz por palavras – e mostra por gestos – quem Deus é. Em Cristo, Deus mesmo nos ensina, e ele se dá a conhecer a todos os que se deixam atrair a seu Filho.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Jo 6,41-51

O verdadeiro sentido da história de Elias no deserto, segundo a sugestão da liturgia de hoje (cf. primeira leitura), não se deve procurar naquilo que aconteceu antes da fuga do profeta (as experiências do deserto), mas naquilo que veio depois, cumprindo o plano de Deus. A comida de Elias prefigura a comida que tira todo o cansaço. Se o profeta, mortalmente cansado, recebeu do pão de Deus força para caminhar quarenta dias, o homem afadigado pelos impasses da vida recebe, do “pão descido do céu”, vigor para a vida eterna.

Mas, então, como pode Jesus dizer que ele “desceu do céu”? Os judeus se mostram

céticos: “resmungam” (como fizeram no deserto) a respeito da origem por demais conhecida de Jesus (embora em 9,29 se recusam a crer porque *não* sabem de onde é...). Se, no deserto, Deus respondeu ao resmungo dos hebreus proporcionando-lhes um dom perecível, o maná, agora ele responde com o dom escatológico: “Todos serão ensinados por Deus”. Esta frase se refere ao cumprimento dos textos proféticos. Que Deus e sua vontade sejam conhecidos diretamente, sem o intermédio de mestres (cf. Is 54,13), é algo que faz parte da “nova aliança”, plenitude da antiga (cf. Jr 31,33-34). É isso que se cumpre em Jesus Cristo. O cristão o sabe: ninguém jamais viu Deus (cf. 6,46; 1,18), mas quem vê Jesus vê o Pai (cf. 1,18; 12,45; 14,9). Quem procura o ensinamento escatológico de Deus, na plenitude da aliança, só precisa ir a Jesus (cf. 6,45b).

Esse ensinamento, porém, contém um paradoxo: ao mesmo tempo que o ser humano é responsável por ir a Jesus, ele deve ser atraído pelo Pai. Temos exemplos de tal relação dialógica em nosso dia a dia: para realmente participar de uma aprendizagem, o aluno deve ser admitido pelo mestre, mas também querer aprender; para gozar plenamente a alegria de uma festa, a gente deve ser convidado, mas também ir com gosto. A fé não é algo unilateral. É um diálogo entre Deus, que nos atrai a Jesus Cristo, e nós, que nos dispomos a escutar sua palavra.

Quando se realiza esse diálogo, *temos* (já: no tempo presente; cf. Jo 6,47b; 5,24) a vida eterna. Já está ao nosso alcance nos saciarmos com a comida que proporciona vigor inesgotável. A “vida eterna” não é um prolongamento infindável de nossa vida biológica. É a dimensão inesgotável e decisiva de nossa existência, que é mais do que uma passagem para o além. A vida eterna, para João, não se inicia apenas no além, mas aqui e agora. Evitando o termo “Reino de Deus”, facilmente mal compreendido, João fala da “vida eterna” para in-



dicar a realidade da vontade divina quando assumida e encarnada na existência humana. Quem encarna a vontade de Deus na existência humana é, por excelência, Jesus Cristo, seu Filho unigênito. Sua doação até a morte, sua “carne” (= existência humana) dada até a morte ensina e mostra, mas também realiza, para quem a ele aderir, esta “vida” para o mundo.

Portanto, sermos ensinados por Deus significa que, mediante a adesão à existência que Jesus viveu até a morte, abrimos espaço para a dimensão divina e definitiva de nossa vida, dimensão que lhe confere um sentido inesgotável e irrevogável, o sentido de Deus mesmo.

Há, nessa perícopie, uma frase muitas vezes mal entendida: “Todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim” (Jo 6,45). Há quem entenda isso num sentido estreito, como se Jesus excluísse da salvação quem não tem a fé cristã (eventualmente restringida a uma das confissões cristãs). Tal interpretação contradiz uma frase central do Quarto Evangelho. Falando de sua morte na cruz, Jesus declara: “Eu, quando for levantado (ou enaltecido) da terra, atrairei todos a mim” (12,32). Deus instrui a muitos, em todas as religiões, como ele instruiu o povo de Deus no Antigo Testamento. E quem, em qualquer religião, ou mesmo num ambiente em que o termo “religião” não significa nada, acata o que Deus lhe ensina, no fundo do coração, numa consciência pura e generosa, sintonizado, talvez sem saber, com o que Cristo fala e faz, esse está sendo, de fato, atraído a Cristo por Deus.

2. I leitura: 1Rs 19,4-8

A primeira leitura pode servir de aperitivo para o evangelho de hoje: Deus sustenta Elias com alimento e bebida para instruí-lo a continuar seu caminho. Elias está fugindo para o deserto a fim de escapar da perseguição de Acaz e Jezabel. Nessa travessia, revive a história de seu povo: fome, sede, desânimo,

a ponto de desejar a morte (como os hebreus que resmungavam contra Deus), mas também a experiência da alimentação oferecida por Deus (como o maná no Êxodo), para que possa alcançar “a montanha de Deus”, o Horeb, onde ele aparecera a Moisés e tinha dado seu “ensinamento” (a Torá) ao povo. Elias volta às fontes, revivendo as origens da fé de seu povo.

3. II leitura: Ef 4,30-5,2

Continua a leitura da carta aos Efésios, como nos domingos anteriores. O texto de hoje nos ensina que somos filhas e filhos de Deus, animados por seu Espírito. O selo de garantia de nossa salvação é o Espírito Santo, o Espírito de amor, que provém do íntimo de Deus. Nós podemos asfixiá-lo por mesquinhas de todo tipo (cf. 4,31), como também por estruturas que não lhe deixam espaço. Cabe a nós realizar o contrário: liberalidade, bondade, perdão, segundo o modelo de Cristo, em cuja doação se manifesta o amor de Deus. Devemos abrir em nossa vida e sociedade um espaço onde possa soprar o Espírito de amor de Deus.

III. Pistas para reflexão

Continuamos nossa meditação sobre o capítulo 6 de João, que, durante alguns domingos, constitui o fio das leituras da liturgia. No domingo passado, Jesus se apresentou como o pão descido do céu, com palavras que lembravam as declarações de Isaías sobre a palavra e o ensinamento de Deus. Hoje aprofundamos o sentido disso. Jesus é alimento da parte de Deus por ser a Palavra de Deus (cf. Jo 1,1), a qual nos faz viver a vida que está nas mãos de Deus – a vida que chamamos de “eterna”. Essa não é prolongamento indefinido de nossa vida terrestre (não valeria a pena!), mas é “de outra categoria”: da categoria de Deus mesmo. Nesse sentido, vida eterna e vida divina são sinônimos.



Jesus alimenta em nós essa vida divina com tudo aquilo que ele diz, faz e é. Sua vida é o grande ensinamento que nos encaminha na direção do Pai. Na antiga aliança, Moisés e seus sucessores ensinavam o povo, mas, segundo o sentir do evangelista, de maneira imperfeita. Agora se realiza a nova aliança, em que todos se tornam discípulos de Deus (cf. Jo 6,45; Jr 31,33; Is 54,13). Quem escuta Jesus, que é a Palavra de Deus em pessoa, já não precisa de intermediários (cf. Jo 1,17). Ninguém jamais viu Deus, a não ser aquele que desceu de junto dele, o Filho que no-lo dá a conhecer (cf. 6,46; 1,18). Jesus conhece Deus por dentro. Escutando Jesus, aprendemos a conhecer Deus, sem intermediários.

Escutar Jesus alimenta-nos a vida que é comunhão com Deus, válida para sempre. João diz que quem crê já tem a vida eterna (5,24). Como é, pois, essa vida eterna, divina? Será talvez a realização profunda e incomparável que sentimos quando nos dedicamos aos nossos irmãos até não poder mais? Quando arriscamos a vida na luta pela justiça e pelo amor fraterno? Quando doamos o melhor de nós, material e espiritualmente? É a felicidade de quem dá sua vida totalmente. Com efeito, é isso que Jesus nos ensina da parte de Deus. E, porque fez isso, ele é o ensinamento de Deus em pessoa.

Para Israel, o ensinamento de Deus está na Escritura e na tradição dos mestres: é a Torá, termo que significa instrução, ensino, orientação (a tradução “Lei”, que vem da Bíblia grega, é inadequada). Para nós, a “Torá viva” é Jesus.

O tipo de vida que Jesus nos mostra e ensina é plenamente confirmado por Deus. Prova disso é que Deus ressuscitou seu Filho dentre os mortos, acolhendo-o em sua glória. É a vida que Deus deseja e nos ensina em Jesus. O pão que alimenta essa vida é Jesus. Ele a alimenta pela palavra que falou, pela vida que viveu, pela morte de que morreu: “Eu

sou o pão vivo que desceu do céu [...] O pão que eu darei é minha carne dada para a vida do mundo” (Jo 6,51).

Assunção de Nossa Senhora
19 de agosto

A mãe gloriosa e a grandeza dos humildes

I. Introdução geral

Em 1950, o papa Pio XII proclamou o dogma da Assunção de Nossa Senhora ao céu. Um dogma é um marco referencial de nossa fé, do qual ela não pode retroceder e sem o qual ela não é completa. Proclamamos que Maria, no fim de sua vida, foi acolhida por Deus no céu “com corpo e alma”, ou seja, coroada, plena e definitivamente, com a glória que Deus preparou para os seus santos. Assim como ela foi a primeira a servir Cristo na fé, é a primeira a participar na plenitude de sua glória, a “perfeitissimamente redimida”. Maria foi acolhida, completamente, de corpo e alma, no céu porque acolheu o céu nela – inseparavelmente.

A presente festa é uma grande felicitação de Maria por parte dos fiéis, que nela veem, a um só tempo, a glória da Igreja e a prefiguração da própria glorificação. A festa tem uma dimensão de *solidariedade* dos fiéis com aquela que é a primeira a crer em Cristo e por isso, também, é a mãe de todos os fiéis. Daí a facilidade com que se aplica a Maria o texto do Apocalipse, na primeira leitura, originariamente uma descrição do povo de Deus, que deu à luz o Salvador e depois se refugiou no deserto. A segunda leitura nos leva a considerar a assunção de Maria ao céu como antecipação da ressurreição dos fiéis, que serão ressuscitados em Cristo. Observe-se, portanto, que a glória de Maria não a



separa de nós, mas a torna unida a nós mais intimamente.

Merece consideração, sobretudo, o texto do evangelho, o *Magnificat*, que hoje ganha nova atualidade, por traduzir a pedagogia divina: *Deus recorre aos humildes para realizar suas grandes obras*. Esse pensamento pode ser o fio condutor da celebração. Na homilia, convém que se repita e se faça entrar no ouvido e no coração esse pensamento ou uma frase do *Magnificat* que o exprima.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab

O sinal da Mulher, no Apocalipse, aplica-se em primeiro lugar ao povo de Deus do qual nasce o Messias: à Igreja do Novo Testamento, nascida dos que seguem o Messias. Aparece no céu a Mulher que gera o Messias; as doze estrelas indicam quem ela é: o povo das doze tribos, Israel – não só o Israel antigo, do qual nasce Jesus, mas também o novo Israel, a Igreja, que, no século I d.C., quando o livro foi escrito, precisa esconder-se da perseguição, até que, no fim glorioso, o Cristo se possa revelar em plenitude. Ao ouvir esse texto, a liturgia pensa em Maria. Maria assunta ao céu sintetiza em si, por assim dizer, todas as qualidades desse povo prenhe de Deus, aguardando a revelação de sua glória.

2. II leitura: 1Cor 15,20-27a

No quadro da glória celestial, a segunda leitura evoca a visão da vitória de Cristo sobre a morte (presente também na liturgia da solenidade de Cristo Rei no Ano A). O sinal da vitória definitiva de Cristo é a ressurreição, seu triunfo sobre a morte. Essa vitória se realizou na sua própria morte e se realizará também na morte dos que o seguem. Maria já está associada a Jesus nessa vitória definitiva; nela, a humanidade redimida reconhece sua meta.

3. Evangelho: Lc 1,39-56

O evangelho de hoje é o *Magnificat*. O quadro narrativo é significativo: Maria vai ajudar sua parenta Isabel, grávida, no sexto mês. Ao dar as boas-vindas à prima, Isabel interpreta a admiração dos fiéis por aquilo que Deus operou em Maria. Esta responde, revelando sua percepção do mistério do agir divino: um agir de pura graça, que não se baseia em poder humano; pelo contrário, envergonha esse poder, ao elevar e engrandecer o pequeno e humilhado que, porém, se dedica ao serviço de sua vontade amorosa. O amor de Deus se realiza não por meio da força, mas da humilde dedicação e doação. E nisso manifesta sua grandeza e glória.

O *Magnificat*, hoje, ganha nova atualidade, por traduzir a pedagogia divina: Deus recorre aos humildes para realizar suas grandes obras. Ele escolhe o lado de quem, aos olhos do mundo, é insignificante. Podemos ler no *Magnificat* a expressão da consciência de pessoas “humildes” no sentido bíblico: rebaixadas, humilhadas, oprimidas. A “humildade” não é vista como virtude aplaudida, mas como baixo estado social mesmo, como a “humilhação” de Maria, que nem tinha o *status* de casada, e de toda a comunidade de humildes, o “pequeno rebanho” tão característico do Evangelho de Lucas (cf. 12,32, texto peculiar de Lc). Na maravilha acontecida a Maria, a comunidade dos humildes vê claramente que Deus não obra por meio dos poderosos. É a antecipação da realidade escatológica, na qual será grande quem confiou em Deus e se tornou seu servo (sua serva), e não quem quis ser grande pelas próprias forças, pisando os outros. Assim, realiza-se tudo o que Deus deixou entrever desde o tempo dos patriarcas (as promessas).

A glorificação de Maria no céu é a realização dessa perspectiva final e definitiva. Em Maria são coroadas a fé e a disponibilidade de quem se torna servo da justiça e da bondade



de Deus; impotente aos olhos do mundo, mas grande na obra que Deus realiza. É a Igreja dos pobres de Deus que hoje é coroada.

A celebração litúrgica deverá, portanto, suscitar nos fiéis dois sentimentos dificilmente conjugáveis: o triunfo e a humildade. O único meio para unir esses dois momentos é pôr tudo nas mãos de Deus, ou seja, esvaziar-se de toda glória pessoal, na fé em que Deus já começou a realizar a plenitude das promessas.

Em Maria vislumbramos a combinação ideal da glória e da humildade: ela *deixou Deus ser grande* na sua vida.

III. Pistas para reflexão

A Mãe gloriosa e a grandeza dos pobres: o *Magnificat* de Maria é o resumo da obra de Deus com ela e em torno dela. Humilde serva – faltava-lhe o *status* de mulher casada –, foi “exaltada” por Deus para ser mãe do Salvador e participar de sua glória, pois o amor verdadeiro une para sempre. Sua grandeza não vem do valor que a sociedade lhe confere, mas da maravilha que Deus nela opera. Aconteceu um *diálogo de amor entre Deus e a moça de Nazaré*: ao convite de Deus, responde o “sim” de Maria; e à doação dela na maternidade e no seguimento de Jesus, responde o grande “sim” de Deus, com a glorificação de sua serva. Em Maria, Deus tem espaço para operar maravilhas. Em compensação, os que estão cheios de si mesmos não o deixam agir e, por isso, são despedidos de mãos vazias, pelo menos no que diz respeito às coisas de Deus. O filho de Maria coloca na sombra os poderosos deste mundo, pois, enquanto estes oprimem, ele salva de verdade.

Essa maravilha só é possível porque Maria não está cheia de si mesma, como os que confiam no seu dinheiro e *status*, mas “cheia de graça”. Ela é serva, está a serviço – também de sua prima, grávida como ela – e, por isso, sabe colaborar com as maravilhas de

Deus. Sabe doar-se, entregar-se àquilo que é maior que sua própria pessoa. *A grandeza do pobre é que ele se dispõe para ser servo de Deus*, superando todas as servidões humanas. Ora, para que seu serviço seja grandeza, o fiel tem de saber decidir a quem serve: a Deus ou aos que se arrogam injustamente o poder sobre seus semelhantes. Consciente de sua opção, quem é pobre segundo o Espírito de Deus realizará coisas que os ricos e os poderosos, presos na sua autossuficiência, não realizam: a radical doação aos outros, a simplicidade, a generosidade sem cálculo, a solidariedade, a criação de um homem novo para um mundo novo, um mundo de Deus.

A vida de Maria, a “serva”, assemelha-se à do “servo”, Jesus, “exaltado” por Deus por causa de sua fidelidade até a morte (cf. Fl 2,6-11). De fato, o amor torna as pessoas semelhantes entre si. Também na glória. Em Maria realiza-se, desde o fim de sua vida na terra, o que Paulo descreve na segunda leitura: a entrada dos que pertencem a Cristo na vida gloriosa concedida pelo Pai, uma vez que o Filho venceu a morte.

Congratulando Maria, congratulamos a nós mesmos, a Igreja. Pois, mãe de Cristo e mãe da fé, Maria é também mãe da Igreja. Na “mulher vestida de sol” (primeira leitura) confundem-se os traços de Maria com os da Igreja. Sua glorificação são as primícias da glória de seus filhos na fé.

No momento histórico em que vivemos, a contemplação da “serva gloriosa” pode trazer uma luz preciosa. Quem seria a “humilde serva” no século XXI, século da publicidade e do sensacionalismo? Sua história é serviço humilde e glória escondida em Deus. Não se assemelha a isso a Igreja dos pobres? A exaltação de Maria é sinal de esperança para os pobres. Sua história também joga luz sobre o papel da mulher, especialmente da mulher pobre, “duplamente oprimida”. Maria é “a mãe da libertação”.



21º Domingo do Tempo Comum
26 de agosto

Opção por Jesus

I. Introdução geral

Desde o 17º domingo, estamos ouvindo o capítulo 6 do Evangelho de João, que traz o relato da multiplicação dos pães e o sermão do Pão da Vida. É a “inserção joanina” na sequência dos evangelhos de Marcos (Ano B). Neste domingo, essa sequência chega ao ponto final e decisivo.

A primeira leitura narra a escolha que Josué apresentou às tribos de Israel quando ocuparam a terra de Canaã. Que divindade cultuariam, as divindades de Canaã ou o Senhor (YHWH), que os tirou do Egito e lhes deu a terra? A escuta do evangelho nos coloca diante da pergunta final que Jesus faz aos seus discípulos: “Vós também quereis ir embora?”. Será que unimos nossa resposta à de Pedro: “Tu tens palavras de vida eterna!” (Jo 6,67-68)?

Diz-se que o povo hoje sente muita dificuldade para tomar uma decisão clara e comprometer-se definitivamente. A liturgia deste domingo nos convida a refletir sobre essa dificuldade, como também tomar nossa decisão e fazer nossas opções.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Jo 6,60-69

Também o evangelho de hoje nos apresenta o tema da opção e da fidelidade. O contexto é o final da seção do pão no Quarto Evangelho. O pão material que Jesus distribuiu ao povo não deve ser visto somente como solução para seus problemas temporais (cf. 6,14-15), mas como sinal de um dom de Deus superior, representado pela expressão “vida eterna”. Foi isso que Jesus falou no início, dialogando com a multidão

em Cafarnaum (cf. 6,26-27). No fim do diálogo, ele repete os mesmos termos. É nesse ponto que se inicia a leitura evangélica de hoje: “Depois de ouvi-lo, muitos dos seus discípulos disseram: ‘Este discurso é duro; quem aguenta escutá-lo?’” (6,60). Quais foram, então, essas palavras duras?

“Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos” (6,53). Comer carne humana e beber sangue são abominações terríveis para os judeus (e para nós). Entenderam tratar-se de antropofagia (cf. 6,52). Precisamos entender as palavras de Jesus do modo certo. Jesus insiste: “Quem come este pão viverá eternamente” (6,58). Trata-se de uma opção vital. Para os contemporâneos de Jesus, optar por ele era duro, pois implicava perder o amparo da comunidade judaica. Aceitá-lo como “Pão da Vida” implicava ser marginalizado pelo “mundo”. Mas Jesus não retira suas palavras. Pelo contrário, acrescenta que será mais difícil ainda aceitar seu “enaltecimento” na cruz e na glória. Os raciocínios humanos (a “carne”) não ajudam a compreender isso; só quem é animado pelo Espírito tem acesso à vida em Cristo. Mas, para tanto, é preciso optar, na fé, pelas “palavras de vida eterna” (isto é, que dão a vida eterna, 6,68). É preciso confiar na manifestação do mistério de Deus que Jesus nos proporciona.

As palavras de Jesus são “duras” não só por sua significação teológica, mas também por suas consequências. Implicam aceitar Jesus sacrificado como alimento de nossa vida. Isso era duro para os que puseram a esperança num messias político-nacionalista. Exatamente porque pensavam em categorias “carnais”, não podiam aceitar um Messias que viesse numa “carne” humilde e aniquilada, um Messias alheio aos sonhos teocráticos. Menos ainda poderiam aceitar que essa “carne” pudesse “subir” à glória (cf. 6,62), porque não entenderam que “a Palavra se tornou carne e nós



contemplamos sua glória” (1,14). A glória de Jesus Cristo é a cruz: “enaltecido” na cruz, ele atrai a si todos os que se deixam atrair pelo Pai (cf. 12,32; 6,44).

Também para nós, as palavras do Cristo são difíceis de aceitar. Sua “carne” é bastante incompatível com nossos conceitos, configurados em torno da riqueza e do sucesso. E sua “glória”, nós a confundimos com a visibilidade efêmera do espetáculo religioso. Somos incapazes de imaginar a “subida” de Jesus para junto do Pai depois que ele viveu a condição de nossa carne até seus mais profundos abismos. Será que já imaginamos alguma vez como nosso “senhor” um desses homens sofridos, quebrados, anti-higiênicos, porém radicalmente autênticos e bons que vivem ao nosso redor? Talvez consigamos *ter pena* de tais pessoas, mas admirá-las e tomá-las como guia de nossa vida é quase impensável. A glória de Jesus e sua subida a ela, por meio da morte de cruz, são ainda mais escandalosas do que a carne, a encarnação.

Com categorias “carnais” não chegamos a essa outra visão sobre a “carne” em que veio a nós a Palavra. Precisamos de um impulso superior. O “Espírito”, a força operante de Deus, levar-nos-á a acolher o mistério do escravo glorificado. Jesus mesmo nos transmite esse Espírito (cf. Jo 3,34), e sua “exaltação” é a fonte desse dom (cf. 7,39). Suas palavras são “espírito e vida” – Espírito que dá vida (cf. 6,68; 6,63). Só nos entregando à sua palavra e a aplicando em nossa vida poderemos experimentar que ele é fidedigno. O “espírito”, que há de superar o que nossas categorias humanas recusam, vem do próprio “objeto” de nosso escândalo: a Palavra de Deus “encarnada”. Seu Espírito penetra em nós não como conclusão de um teorema, mas como consequência de arriscada decisão e opção. É essa opção que Pedro pronuncia, vendo a insuficiência de qualquer outra solução: “A quem iríamos? Tu tens palavras de vida eterna”.

2. I leitura: Js 24,1-2a.15-17.18b

A primeira leitura de hoje nos insere num clima de opção. É o discurso conclusivo do livro de Josué. O assunto desse livro é a conquista e tomada de posse da terra de Canaã pelas tribos de Israel. Depois que os israelitas tomaram posse da terra prometida, Josué organiza a renovação da aliança e pronuncia um discurso que começa recordando os grandes feitos do Senhor (YHWH) a favor das tribos de Israel. O Senhor chamou Abraão e, tempos depois, tirou Israel do Egito (cf. 24,1-13). A memória desses grandes feitos exige uma opção. Será que Israel prefere esquecer seu passado e seu Salvador, como fazem tantos outros? Preferirá os “deuses da terra”, que se estima serem capazes de dar bem-estar e progresso – os ídolos de sempre? A opção de Josué é outra: “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (24,15). Josué opta pela fidelidade ao Deus da aliança. E o povo se une a ele, respondendo: “Longe de nós abandonarmos o Senhor para servirmos a outros deuses; nós também serviremos ao Senhor, pois ele é o nosso Deus” (24,17-18).

3. II leitura: Ef 5,21-32

A segunda leitura não se situa no mesmo contexto que a primeira e a terceira. Continua com a carta aos Efésios, como nos domingos anteriores. Falando das relações na família, evoca o mistério do amor sponsal de Cristo pela Igreja. Toda existência genuinamente cristã revela algo do mistério de Deus. A família, quando vive em mútua dedicação e comum veneração de Cristo (cf. 5,21), revela o carinho de Cristo por sua Igreja. As regras de moral familiar das comunidades helenísticas, embora tenham alguns traços que nos parecem questionáveis (por exemplo, a submissão da mulher), são instrumentos para concretizar esse carinho, que fala de Cristo, a ponto de o matrimônio cristão se tornar a imagem do amor de Cristo pela Igreja, ou seja, sinal eficaz da graça de Deus: sacramento. (Na primeira



teologia cristã, o que hoje chamamos de sacramento era chamado “mistério”).

III. Pistas para reflexão

A primeira leitura dá um exemplo de opção decisiva na escolha que Josué apresenta aos israelitas do século XII a.C.: entre um Deus que provou seu amor e fidelidade e outros deuses que devem sua existência a mitos humanos. Essa opção se apresenta também a nós. Optaremos por aquele que “deu a vida”, em todos os sentidos, ou pelos ídolos pelos quais tão facilmente damos nossa vida, sem deles recebermos a gratificação que prometem: sucesso, riqueza, poder?

Nos evangelhos desses últimos domingos, Jesus se apresentou como o “pão da vida” e proclamou sua carne como alimento para a vida do mundo. Muitos não “engoliram” isso, não apenas pela dificuldade de compreensão (alguns falavam até em antropofagia), mas, sobretudo, por causa das consequências práticas. Estranharam o que Jesus dissera a respeito de sua carne e estranhariam mais ainda a sua “subida para onde estava antes”, sua glorificação, pois esta se manifesta na exaltação ou enaltecimento de Jesus... no alto da cruz, onde ele revela plenamente o amor infinito de Deus, seu Pai. Só pelo Espírito de Deus é possível compreender isso (cf. 6,62-63). É difícil “alimentar-se” com a vida que Jesus propõe como caminho, com aquilo que ele disse e fez, sobretudo com o dom radical de sua vida na

morte – pois tudo isso significa compromisso.

O povo de Israel, ao tomar posse da terra prometida, teve de escolher com quem ia se comprometer: com os outros deuses ou com o Senhor (YHWH), que o tirou do Egito. Visto que o Senhor mostrara de que era capaz, optaram por ele (cf. Js 24). Jesus põe os seus discípulos diante da opção por ele ou pelo lado oposto: “Vós também quereis ir embora?”. E Pedro responde, em nome dos Doze e dos fiéis de todos os tempos: “A quem iríamos? Tu tens palavra de vida eterna”. O que Jesus ensina é o caminho da vida eterna, da comunhão com Deus para sempre. Foi para isso que Jesus reuniu em torno de si os Doze, que representavam o novo Israel, o povo de Deus, para que o seguissem pelo caminho e constituíssem comunidade, comungando da vida que ele dá “pela vida do mundo” (6,51).

Nosso ambiente parece recusar essas palavras que prometem vida eterna, realização plena de nossa caminhada. Isso por diversas razões: há pessoas que querem viver sua vidinha sem se comprometerem com nada ou preferem um caminho próprio, individual... O difícil da palavra de Jesus consiste nesse compromisso concreto. A dificuldade do cristianismo não consiste tanto em penitências e abstinências, mas em abdicar da autossuficiência e entregar-se a uma comunidade reunida por Cristo para segui-lo no caminho da doação total. Todavia, esse caminho é também o caminho da “perfeita alegria”, de que falam Francisco de Assis e o papa Francisco. ●



Para onde vai a juventude?

J. B. Libanio

Este texto é um estudo geral sobre a juventude. Nele se analisam tendências do mundo jovem, que refletem o momento cultural atual e sua repercussão no universo juvenil.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br